A21 – Global Integration Zones. [*Liga com Euro-Regiões*]

(GIZs) As maiores megaregiões do mundo.

As maiores megaregiões do mundo.

Indo-Gangetic Plain. Delhi, Kanpur, Kolkata, Varanasi, Dhaka— 200 milhões.

Pearl River Delta. Hong Kong, Shenzhen, Dongguan, Huizhou, Guangzhou, Foshan, Jiangmen, Zhongshan, Zhuhai, Macau — 120 milhões.

Blue Banana (EU). Dublin, Liverpool, Manchester, Leeds, Sheffield, Birmingham, London, Randstad, the Netherlands–Rhine-Ruhr, Frankfurt/Rhine-Main, Rhine-Neckar, Basel, Zürich, Milan–β — 90 milhões.

Yangtze River Delta. Shanghai, Nanjing, Hangzhou, Suzhou, Wuxi - 88 milhões.

Taiheiyo Belt. Chiba, Tokyo, Kawasaki, Yokohama, Nagoya, Kyoto, Osaka, Kobe, Hiroshima — 75 milhões.

Bohai Economic Rim. Beijing, Tianjin, Dalian, Anshan, Fushun, Dandong, Sinuiju, Tangshan, Yantai, Shenyang, Jinan, Qinhuangdao, Qingdao, Weihai — 66 milhões.

Great Lakes Megalopolis. Chicago, Toronto, Montreal, Ottawa, Detroit, Pittsburgh, Milwaukee, St. Louis, Minneapolis, Indianapolis, Cleveland, Cincinnati, Dayton, Columbus, Grand Rapids, Toledo, Akron, Rochester, Buffalo — 54 milhões.

Northeast Megalopolis. New York, Boston, New Jersey, Washington, D.C., Baltimore, Philadelphia, Hartford, Richmond, Norfolk — 50 milhões.

(GIZs) AMERICA 2050 – Megaregiões norte-americanas.

America 2050 – Planeamento. «*America 2050 is serving as a clearinghouse for research on the emergence of megaregions and a resource for megaregion planning efforts nationwide… promoting planning solutions to address challenges that span state and regional boundaries, demanding cooperation and coordination at the megaregion scale*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

Patrocínio das Fundações Rockefeller, Ford, entre outras. The Rockefeller Foundation; The Doris Duke Charitable Foundation; The Surdna Foundation; The Lincoln Institute of Land Policy; The J.M. Kaplan Fund; AECOM; Park Foundation; The William Penn Foundation; STV Group, Inc.; The Ford Foundation.

Mega-regiões americanas. «*At least ten megaregions have been identified in the United States… Examples of megaregions are the Northeast Megaregion, from Boston to Washington, or Southern California, from Los Angeles to Tijuana, Mexico*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

11 mega-regiões [algumas partilhadas com Canadá e México].

Arizona Sun Corridor Megaregion.

Cascadia Megaregion (shared with Canada).

Florida Megaregion.

Front Range Megaregion.

Great Lakes Megaregion (shared with Canada).

Gulf Coast Megaregion.

Northeast Megaregion.

Northern California Megaregion.

Piedmont Atlantic Megaregion.

Southern California Megaregion [de L.A. a Tijuana, MX].

Texas Triangle Megaregion.

Zonas não incluídas nos EUA [referência futura]. Southwest [El Paso, TX MSA (see also El Paso-Juárez)] – Hawaii [Honolulu, HI MSA] – Mississippi Valley [Des Moines-Newton-Pella, IA CSA, Omaha-Council Bluffs-Fremont, NE-IA CSA, Little Rock-North Little Rock-Pine Bluff, AR CSA, Jackson-Yazoo City, MS CSA, Wichita-Winfield, KS CSA] – Ohio Valley [Lexington-Fayette-Frankfort-Richmond, KY CSA] – South Atlantic Coast [Charleston-North Charleston-Summerville, SC MSA, Augusta-Richmond County, GA-SC MSA] – Upstate New York [Syracuse-Auburn, NY CSA, Albany-Schenectady-Amsterdam, NY CSA]

(GIZs) Europa e Sudeste Asiático [America 2050].

GIZs, Europa e Sudeste Asiático. «*In Europe and Southeast Asia, governments are investing tens of billions of dollars in high-speed rail and goods movement systems to connect networks of cities in what are termed "global integration zones"*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

(GIZs) Alguns slogans típicos. Desenvolvimento e crescimento económico; ultrapassar fragmentação e isolacionismo [por vezes são slogans vagamente insultuosos]; construir cooperação económica global; estabelecer parcerias; aumentar conectividades; expandir opções estratégicas.

(GIZs) Megacidades (1) – Transportes, comunicações, knowledge workers.

Megalópole, megápole, megaregião. [megalopolis, megapolis, megaregion]. Rede de cidades com uma população de 10 milhões ou mais. Interligada por meio de corredores de transporte, tais como ferrovias e auto-estradas.

Megaregiões, pólos urbanos, transportes e comunicações, knowledge workers. «*…the emergence of megaregions – large networks of metropolitan areas… They comprise multiple, adjacent metropolitan areas connected by overlapping commuting patterns, business travel, environmental landscapes and watersheds, linked economies, and social networks… high-speed rail and goods movement systems to connect networks of cities in what are termed "global integration zones"… the new competitive units in the global economy, where **knowledge workers** can move freely among urban hubs…*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

"Knowledge workers". Quando se fala de "knowledge workers" está-se obviamente a deixar todos os outros de fora. Ou seja, movimentos autorizados para pessoas autorizadas.

(GIZs) Megacidades (2) – Habitats regulados e ubíquos.

"A cidade é boa!" A linha de propaganda diz-nos que a vida na cidade é mais barata, mais vibrante e animada, mais saudável, e mais verde!

Resizing – O exemplo de Detroit. Detroit Mayor Dave Bing says city must shrink or go down; To save itself, Detroit plans to shrink - The Times of India; US cities may have to be bulldozed in order to survive

Artigos.

UN State of World Cities report - 'Harmonious Cities'

UN report World's biggest cities merging into 'mega-regions'

Prepare to be transitioned into your new habitat - Mark Baard on the Tellus Institute

Russia plans to move its people to big towns

Americans migrate back to the cities

(GIZs) Megacidades (3) – Cidades especializadas.

Tecno-cidades, pólos tecnológicos especializados. Dubai's Food City – The Green Utopia; Eco towns get green light despite local opposition

Dome cities. Experts Say Houston Dome May Help Environment; Original Manhattan Dome Proposal; The Houston Dome Will Save the City from Peril, May Help Environment

(GIZs) Megacidades (4) – "Espírito comunitário". Festival city says, join in the fun, or get a 500 euros fine; Auto-ban - German town goes car-free

Interdependência, **do global ao individual**. Ninguém pode ser auto-suficiente em nada e para nada. Não se pode alimentar sozinho, não pode cuidar sozinho de si próprio, não pode produzir ou distribuir sozinho, etc. Tudo tem de ser feito através de mediadores financeiros e agências facilitadoras. Esse é um ponto essencial da engenharia social marxista – o indivíduo tem de tornar-se completamente dependente da comunidade para tudo.

(GIZs) Megacidades (5) – "Shanty towns are green".

Carlos e vários professores da ONU declaram que Dharavi é o modelo para o mundo.

Charles declares Mumbai shanty town model for the world; Dharavi - The slum that recycles Mumbai's waste; Forget eco-homes and look to the Mumbai slums, Kevin McCloud urges British Government; Living in filth is no lifestyle choice; The prince and the paupers

Bairros de lata são a opção "verde", aparentemente. Shanty Towns Are the New, Green Pioneer Cities; Shanty towns sustainable future of urban design; Shantytowns as inspiration for urban developments; Slums Urban Living « Prospect Magazine

(GIZs) Megacidades (6) – Cooperativas agrícolas. Posse cooperativa da terra, sob grupos seleccionados e autorizados. Primeiro tiram-se pessoas reais, e depois colocam-se lá pessoas autorizadas. Modelo usado na Jugoslávia.

ORDEM MULTIPOLAR.

Potências emergentes, motores da ordem multipolar.

As potências regionais emergentes. Rússia, China, Japão, Índia, Coreia, Austrália, Indonésia, Canadá, África do Sul, Egipto, México, Brasil, Turquia, Irão.

Eurásia – EU e Rússia. Durante este período, a UE será estendida ao ex-Bloco de Leste: ex-Jugoslávia, à Bulgária, à Roménia, à Moldávia e à Ucrânia. Estabelecerá uma aliança/fusão com a Rússia.

África – África do Sul e Egipto.

América do Norte – Canadá.

América Latina – México e Brasil.

Médio Oriente – Turquia e Irão.

Ásia – China, Índia, Japão, Coreia.

Australásia – Austrália, Indonésia.

BRIC.

Goldman Sachs (2001) – "Futuras potências, comparáveis ao G6". Conceito inventado pela Goldman Sachs, em 2001, para fazer referência aos 4 países que iriam ser construídos para se tornar potências comparadas ao G6 – EUA, Japão, UK, França, Alemanha, Itália.

Brasil, Rússia, Índia, China.

Mundo policêntrico pós-2035.

Após quebra dos EUA, policentrismo liderado por potências regionais. Após 2035, com a quebra dos EUA, o mundo torna-se provisoriamente policêntrico, liderado por uma escassa dezena de potências regionais.

Ordem regionalizada, militarizada, por blocos isolacionistas. A ordem policêntrica será ultra-militarizada, organizada por blocos fechados entre si, isolacionistas.

Regionalização global.

Regionalização neo-feudal do mundo.

Regiões substituem o estado-nação.

Blocos continentais são degraus para governo mundial. Como a palavra "região" indica, estas entidades são meros degraus no caminho para completa governância global. Pela organização do mundo em vastos blocos regionais, a consolidação progressiva requerida para governo mundial pode continuar imparável.

Agências globais, bancos, multinacionais, governam regiões.

Dez regiões globais [Esquema hipotético].

UNANOR – América do Norte.

UNASUR – América Latina.

CARICOM – Caraíbas.

Médio Oriente e África do Norte.

União Africana – África sub-sahariana.

UE – Europa Ocidental.

Ex-URSS – Europa de Leste e Ásia Pacífica Central.

Índia e outros – Sul Asiático.

ASEAN – Leste Asiático.

TRÊS MOTORES DE INTEGRAÇÃO.

Três motores de integração – UNANOR, EU, ASEAN.

Três pólos 'organizam' o mundo à sua volta e também se fundem entre si.

Integração UNANOR – ASEAN – UE. A "América do Norte" não é a única região com a qual os EUA estão envolvidos. Os EUA concluíram múltiplos acordos não-oficiais

com a UE e a APEC, pelas quais a América se compromete a transferir continuamente soberania para mãos estrangeiras, ao longo dos próximos anos.

Nações e blocos envolvem-se em múltiplas e difusas alianças pelo globo fora. Durante esta fase, o que acontece é que as nações e os blocos envolvem-se em múltiplas e difusas alianças pelo globo fora.

AMÉRICAS.

FTAA – Free Trade Area of the Americas. Antigua and Barbuda, Dominican Republic, Panama, Argentina, Ecuador, Paraguay, Bahamas, El Salvador, Peru, Barbados, Grenada, Saint Kitts and Nevis, Belize, Guatemala, Saint Lucia, Bolivia, Guyana, Saint Vincent and the Grenadines, Brazil, Haiti, Suriname, Canada, Honduras, Trinidad and Tobago, Chile, Jamaica, United States, Colombia, Mexico, Uruguay, Costa Rica, Nicaragua, Venezuela, Dominica.

A ideia é expandir a NAFTA para a Free Trade Area of the Americas (FTAA).

UNANOR? – Security and Prosperity Partnership of North America.

Será que vai haver uma UNANOR?

A NAFTA é o mercado comum norte-americano. Entre Canadá, México e EUA, a North American Free Trade Association, que é um mercado comum e uma união económica.

CFR, em 2005, "Building a North American Community" dá origem a SPP. A partir de propostas do CFR, Bush, Fox e Harper avançam a SPP of North America.

Enquanto elites europeias tentavam impor uma constituição.

Mais integração dá origem à Security & Prosperity Partnership (SPP). Que é talvez o equivalente à UE de 1992. É um pacto trilateral Security and Prosperity Partnership of North America (SPP), que coloca América, México e Canadá num processo de harmonização regulatória, pelo qual as leis federais e estatais dos três países podem ser amalgamadas.

S1348, de Bush, avança integração norte-americana. Depois, Bush fez aprovar a S.1348 através do Congresso, sob a capa de reforma da imigração, contendo rendições alarmantes de soberania a Canadá e México.

Perímetro de segurança comum, cooperação policial e militar, imigração. Isto inclui um perímetro de segurança comum, visa waivers para todos os nacionais Mexicanos e Canadianos, cooperação policial e militar, plena mobilidade da força de trabalho, relaxamento da fronteira sul (com México). Isto explica o constante negligenciamento de Obama pelas leis de imigração.

Vicente Fox – "…an ensemble of institutions similar to the European Union".

«*Eventually our long-range objective is to establish with the United States, but also with Canada, our other regional partner, an ensemble of connections and institutions similar to those created by the European Union, with the goal of attending to future themes [such as] the future prosperity of North America, and the movement of capital, goods, services, and persons*»

«*Ultimadamente nuestro objetivo de largo plazo es establecer con Estados Unidos, pero también con Canadá, nuestro otro socio regional, un conjunto de vínculos e instituciones similares a los creados por la Unión Europea, con el fin de atender temas tan importantes para la futura prosperidad de Norteamérica, como la libertad de movimiento de capitales, bienes, servicios y personas*»

Vicente Fox Quesada, "Política Exterior de México en el Siglo XXI", address before the Club Siglo XXI, Hotel Eurobuilding, Madrid, 16 May, 2002.

Aaron Russo – "NAU, com países a serem fundidos e media nem tocam no assunto".

(**AR – 1:02:00**) A prova acabada de que os media são controlados: NAU, com os três países a serem combinados num só, e a imprensa nem sequer toca no assunto.

Ron Paul – "The new world order, the UN, the NAU".

Ron Paul - UN, NAU, new world order (President Bush said the new world order was in tune, the UN is a part of that government, that's why they're working very hard on the NAU)

Stan Jones – "America will be averaged into world communism".

Stan Jones – NAFTA superhighway; imensa propriedade roubada em nome de 'free trade'; America will be averaged into world communism

UNASUR – União de Nações Sul Americanas. A América Latina tem vindo a estabelecer várias uniões mini-regionais como a MERCOSUR, e está a progredir para o modelo UE através da União de Nações Sul Americanas (UNASUR), que até tem o seu próprio parlamento regional.

AMÉRICAS – Exemplos de associações regionais e monetárias.

CARIFTA – Caribbean Free Trade Association.

CARICOM – Caribbean Community and Common Market.

Autoridade monetária, governamental e educacional. Nas Caraíbas, a CARICOM exerce autoridade monetária, governamental e educacional. Antigua and Barbuda, The Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Grenada, *Guyana*, *Haiti*, Jamaica, Montserrat, Saint Kitts and Nevis, Saint Lucia, Saint Vincent and the Grenadines, *Suriname*, Trinidad and Tobago.

ANDEAN COMMUNITY. Bolívia, Colômbia, Equador, Perú, Venezuela.

CACM – Central American Common Market. Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicaragua.

LAIA – Latin American Integration Association. Mexico, Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Colombia, Ecuador, Paraguay, Peru, Uruguay, Venezuela. [Anteriormente Latin American Free Trade Association (LAFTA)]

GROUP OF THREE. Colombia, Mexico, Venezuela.

MERCOSUR/MERCOSUL – Common Market of the South. Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai.

PACICOM – Pacific Community. No Pacífico, a PACICOM reúne as ilhas-nação, sob supervisão de EUA, UK, Austrália, NZ. Uma extensão da Commonwealth. American Samoa, Australia, Cook Islands, Fiji, France, French Polynesia, Guam, Kiribati, Marshall Islands, Micronesia, Nauru, New Caledonia, New Zealand, Niue, Northern Mariana, Palau, Papua New Guinea, Pitcairn islands Samoa, Solomon islands, Tokelau, Tonga, Tuvalu, UK, USA, Vanuatu, Wallis and Futuna

NTA – TEC.

NTA (1995 – 2006) – Integração económica transatlântica.

New Transatlantic Agenda, iniciada em 1995. O processo foi iniciado através da New Transatlantic Agenda, iniciada em 1995, e continuada com uma cimeira US-Europa em Londres, em 1998. Em Maio de 1998, na sequência dessa cimeira, a Casa Branca emitiu uma declaração no sentido de que "*through the New Transatlantic Agenda (NTA), created in 1995, the United States and the European Union have focused on addressing the challenges and opportunities of global integration*".

(2005) Agenda para aumentar integração económica transatlântica. 2005 EU-U.S. Summit Declaration on Enhancing Transatlantic Economic Integration and Growth.

(2006) Redução de barreiras comerciais. June 2006 Summit.

Deste então, processo conduzido através do TEC, est. 2007. O Transatlantic Economic Council foi estabelecido em Abril de 2007 entre a América e a UE.

TEC (2007) – Geral – Integração Transatlântica.

Estabelecimento do TEC.

Para supervisionar o processo de integração.

Uma Comissão Transatlântica [à semelhança da Europeia]. «*Transatlantic Economic Council… The Transatlantic Economic Council is hereby established, to be co-chaired, on the U.S. side, by a U.S. Cabinet-level official in the Executive Office of the President (currently Allan Hubbard) and, on the EU side by a Member of the European Commission (currently Vice President Guenter Verheugen), collaborating closely with the EU Presidency*» – Framework for Advancing Transatlantic Economic Integration Between the European Union and the United States of America. Abril de 2007.

Funções do TEC.

Criar um corpo governamental internacional oficial, por fiat executivo.

Harmonizar regulações e economia.

Criar um Mercado Comum Transatlântico.

TEC (2007) – Harmonização e integração US-EU.

Merkel, Bush, Barroso. Angela Merkel, President of the European Council – George W. Bush, President – José Manuel Barroso, President of the European Commission.

"Integração económica **mais profunda**". «*…deeper transatlantic economic integration*»

Uma Mercado Comum Transatlântico. Ou uma FTA do Atlântico, é o que na prática está aqui a ser apresentado.

Harmonização legal e regulatória.

Agricultura.

Transportes, ambiente e energia.

Comércio, competição, investimento – reformas, quebra de barreiras. «*…accelerate the reduction of barriers to international trade and investment… Fostering Cooperation and Reducing Regulatory Burdens… our shared commitment to removing barriers to transatlantic commerce; to rationalizing, reforming, and, where appropriate, reducing regulations to empower the private sector… to achieving more effective, systematic and transparent regulatory cooperation… to removing unnecessary differences between our regulations to foster economic integration…*»

Mercados financeiros. «*Financial Markets… given the consolidation underway globally and transatlantically in this sector, we resolve to take steps, towards the convergence, equivalence or mutual recognition, where appropriate, of regulatory standards based on high quality principles… Work on greater regulatory convergence towards highest quality and most effective regulation and, where appropriate, mutual recognition in the fields of securities regulation… Increase cooperation between EU and U.S. financial regulators*»

Segurança.

Saúde. Portfólios electrónicos (ponto abaixo)

Inovação e desenvolvimento tecnológico. Destaque para nanotech e RFID (ponto abaixo).

Framework for Advancing Transatlantic Economic Integration Between the European Union and the United States of America. Abril de 2007.

TEC (2007) – Saúde, nanotech, biotech, RFID.

RFID e registos de **saúde** electrónicos comuns. «*Develop a joint framework for cooperation on identification and development of best practices for Radio Frequency Identification (RFID) technologies and develop a work plan to promote the interoperability of electronic health record systems*»

Mercado comum de seguros de saúde. A preparar o caminho para o gigantesco mercado que vai haver à base de seguros de saúde.

Nanotech, biotech, clonagem. «*Exchange views on policy options for emerging technologies, or new technological applications, in particular in the field of nanotechnology, cloning or biotechnologies*» – Framework for Advancing Transatlantic Economic Integration Between the European Union and the United States of America. Abril de 2007.

ÁSIA.

Eurasian Economic Union, integração entre Rússia, Bielorússia e Cazaquistão. Vai ser efectiva em 2013.

APEC e ASEAN são bases para futura União da Ásia-Pacífico. Nações da Ásia e do Pacífico. Com mais de 3 biliões de pessoas dentro das suas fronteiras.

APEC (Asia-Pacific Economic Community) – União económica.

Asia-Pacific Economic Community (APEC). Na Ásia, a APEC está a tomar as rédeas, com base em integração económica, sob instituições APEC.

Estados-membro. Australia, Brunei Darussalam, Canada, Chile, People's Republic of China, Hong Kong (China), Indonesia, Japan, Republic of Korea, Malaysia, Mexico, New Zealand, Papua New Guinea, Peru, The Philippines, Russia, Singapore, Taiwan, Thailand, The United States, Viet Nam

ASEAN (Association of Southeast Asian Nations). Brunei Darussalam, Cambodja, China, Coreia, Filipinas, Índia, Indonésia, Japão, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia, Timor-Leste, Vietnam.

ASEAN, união política no Sudeste Asiático. No Sudeste Asiático, a ASEAN está a assumir o lugar da antiga esfera nacional.

AFTA – ASEAN Free Trade Area.

Acordo de comércio livre (1992). Acordo de comércio livre, para eliminação de tarifas, harmonização alfandegária, standards comuns de produção. Acordo AFTA assinado a 28 de Janeiro de 1992 em Singapura. Seis estados-membro originais: Brunei, Indonesia, Malaysia, Philippines, Singapore, Thailand.

Estados-membro ASEAN. Brunei – Indonesia – Malaysia – Philippines – Singapore – Thailand – Myanmar – Cambodia – Laos – Vietnam

Observadores. Papua New Guinea – Timor-Leste – China – Japan – South Korea – India – Australia – New Zealand

ASEAN+3 – ACU – Asian Development Bank.

ASEAN Plus Three (ASEAN+3). ASEAN mais China, Japão e Coreia do Sul.

Institucionalização após Crise Financeira Asiática. A primeira reunião de líderes acontece em 1997 e o grupo é institucionalizado em 1999, na sequência da Crise Financeira Asiática de 1997/98.

Asian Currency Unit (ACU) e o Asian Development Bank. A Asian Currency Unit é um índice monetário comum proposto para a ASEAN+3. É proposto como um cesto de moedas, e não como uma moeda real, i.e., como um índice das moedas do Leste Asiático, que vai funcionar como um benchmark para movimentos monetários regionais. O Asian Development Bank é a entidades responsável pelo ACU.

ASEAN – Restantes associações regionais.

AANZFTA (2010). ASEAN-Australia-New Zealand Free Trade Area (AANZFTA). Ou seja, área de comércio livre entre ASEAN e ANZCERTA.

ACFTA (2010). ASEAN–China Free Trade Area (ACFTA).

AIFTA (2010). ASEAN–India Free Trade Area (AIFTA).

AJCEP. ASEAN–Japan Comprehensive Economic Partnership (AJCEP).

AKFTA (2010). ASEAN–Korea Free Trade Area (AKFTA).

ASEAN/APEC – O subsistema económico asiático.

Sub-sistema económico asiático: China, Taiwan, Hong Kong, Singapura, Japão.

Japão. Epicentro de planeamento e de poder político associado.

Taiwan. Epicentro tecnológico.

Hong Kong. Empreendedorismo, marketing, serviços.

Singapura. Comunicações.

China. Território, recursos e mão-de-obra.

ÁSIA – Exemplos de associações regionais e monetárias.

APTA. Bangladesh, China, Coreia, India, Laos, Sri Lanka.

SAFTA. Afghanistan, Bangladesh, Bhutan, India, Maldives, Nepal, Pakistan, Sri Lanka.

SAARC – South Asian Association for Regional Cooperation. Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal, Paquistão, Sri Lanka.

Colombo Plan – Sul e Sudeste Asiático.

Fundação e países fundadores (1950). Fundada em Janeiro de 1950, na Commonwealth Conference on Foreign Affairs, em Colombo, Ceilão (agora Sri Lanka). Austrália, NZ, Grã-Bretanha, Canadá, Índia, Paquistão, Sri Lanka. "The Colombo Plan for Cooperative Economic and Social Development in Asia and the Pacific".

Planeamento económico conjunto. O mote é "Planning Prosperity Together". Desenvolvimento de recursos humanos, cooperação económica e desenvolvimento.

Hoje é uma organização de 26, com uma constituição.

Estados-membro. Islamic Republic of Afghanistan 1963 – Australia 1950 – Bangladesh 1972 – Bhutan 1962 – Brunei Darussalam 2008 – Fiji 1972 – India 1950 – Indonesia 1953 – Islamic Republic of Iran 1966 – Japan 1954 – Lao PDR 1951 – Malaysia 1957 – Maldives 1963 – Mongolia 2004 – Myanmar 1952 – Nepal 1952 – New Zealand 1950 – Pakistan 1950 – Papua New Guinea 1973 – Philippines 1954 – Singapore 1966 – Republic of Korea 1962 – Sri Lanka 1950 – Thailand 1954 – United States of America 1951 – Vietnam 2004

MÉDIO ORIENTE.

MÉDIO ORIENTE – Exemplos de associações regionais.

Liga Árabe. As nações Árabes têm os seus processos de decisão homogeneizados através da Liga Árabe.

Gulf Cooperation Council. Bahrain, Kuwait, Oman, Qatar, Arábia Saudita, EAU.

Economic Cooperation Organization.

Fundada nos anos 60 por Turquia, Paquistão e Irão.

Dez países Islâmicos não-árabes. Irão, Paquistão, Turquia, Azerbaijão, Kazaquistão, Kirziguistão, Turquemenistão, Tajiquistão, Uzbequistão, Afeganistão (em 1996).

ÁFRICA.

ÁFRICA – Exemplos de associações regionais e monetárias.

SADC. Angola, Botswana, DR Congo, Lesotho, Malawi, Mauritius, Mozambique, Namibia, Seychelles, South Africa, Swaziland, Tanzania, Zambia, Zimbabwe

ECOWAS – Economic Community of West African States. Benin, Burkina Faso, Cape Verde, Côte d'Ivoire, Gambia, Ghana, Guinea, Guinea-Bissau, Liberia, Mali, Mauritania, Niger, Nigeria, Senegal, Sierra Leone, Togo.

Communauté Economique de l'Afrique Occidentale (CEAO)/Union Economique et Monétaire de l'Afrique Occidentale (UEMOA).

West African Economic and Monetary Union. Benin, Burkina Faso, Côte d'Ivoire, Guinea-Bissau, Mali, Niger, Senegal, Togo.

COMESA – Common Market for Eastern and Southern Africa. Angola, Burundi, Comoros, *Congo*, Djibouti, Egypt, *Eritrea*, Ethiopia, Kenya, Lesotho, *Madagascar*, Malawi, Mauritius, Mozambique, *Namibia*, Rwanda, *Seychelles*, Somalia, Sudan, Swaziland, Tanzania, Uganda, Zambia, Zimbabwe.

Economic and Monetary Community of Central Africa. Cameroon, Central African Republic, Chad, Congo, Equatorial Guinea, Gabon. [Anteriormente Union Douanière et Economique de l'Afrique Centrale]

SACU – Southern African Customs Union. Botswana, Lesotho, Namibia, South Africa, Swaziland.

SADC – Southern African Development Community. Angola, Botswana, Democratic Republic of the Congo, Lesotho, Malawi, Mauritius, Mozambique, Namibia, Seychelles, South Africa, Swaziland, Tanzania, Zambia, Zimbabwe.

Cross-Border Initiative. Burundi, Comoros, Kenya, Madagascar, Malawi, Mauritius, Namibia, Rwanda, Seychelles, Swaziland, Tanzania, Uganda, Zambia, Zimbabwe.

East African Cooperation. Kenya, Tanzania, Uganda [Anteriormente East African Community]

Indian Ocean Commission. Comoros, Madagascar, Mauritius, Seychelles.

Economic Community of the Countries of the Great Lakes. Burundi, Rwanda, Democratic Republic of the Congo.

ÁFRICA – União Africana.

Resulta da Comunidade Económica Africana.

Financiada por consórcio de agências internacionais, governos, multinacionais, bancos.

Autoridade económica e militar.

Tem as suas próprias forças armadas. Que visam ser a única força militar africana no futuro, fundida com as outras forças de blocos regionais, no único exército global da UN.

ÁFRICA – É e continuará a ser África.

Vai continuar a ser disputada por vários blocos, nas peças de teatro comuns a este nível.

Attali – "África estará a dedicar-se, sem êxito, à sua construção...".

«*África estará a dedicar-se, sem êxito, à sua construção, quando o resto do mundo começar a desconstruir-se sob os golpes da globalização.* ***A África de amanhã não virá a assemelhar-se ao Ocidente dos nossos dias; será, pelo contrário, o Ocidente de amanhã a assemelhar-se à África de hoje***.» (Pág. 180) Jacques Attali (2006), "Uma Breve História do Futuro".

Doenças, corrupção, violência, e conflitos políticos. (Attali, p. 123)

Conflito permanente: migrações, choques étnicos, desestabilização, guerras de recursos. Migrações, choques étnicos, campanhas de desestabilização, guerras de recursos entre potências externas, para benefício de bancos e multinacionais.

AFRICOM e operações Europeias – Sob Guerra de Terror e outras. África como centro essencial de actividade militar para o futuro.

[AJ Show – AFRICOM, obama como vampiro (OD, 1:35:40); US AFRICOM battles skeptics; Africom to Continue Under Obama; Yemen: New frontier in US 'war on terror']

Vai ser intensamente explorado: ouro, diamantes, cobalto, platina, recursos turísticos e florestais. (Attali, p. 123)

Exportador permanentemente subdesenvolvido. Enquanto vai ser um dos exportadores essenciais de recursos para o exterior, África não vai desenvolver-se. Para além dos factores geo-políticos envolvidos, África só teria uma chance de se desenvolver no caso de poder desenvolver uma economia aérea eficiente, dada a sua geografia acidentada (incapaz para comércio terrestre ou fluvial) – no entanto, a redução radical de voos, através de taxas de carbono, vai impossibilitar essa tarefa.

No esquema ONU das 10 regiões, esse é o único papel económico para África.

A FTA global.

A FTA global – Unificação económica global (2008).

Através de GATT e outros.

Unificação global de mercados financeiros.

Unificação global económica formal, em 2008.

Levanta agora questão da regulação global dos mercados. A unificação global dos mercados financeiros, que precedeu a unificação global económica formal, em 2008, levantou a questão da regulação global dos mercados. Ao mesmo tempo, isto só pode ser feito com corpos supranacionais globais, e é isso que tem vindo a ser debatido ao nível de G8, G20, ONU, etc.

De uniões económicas à união global – Sistema a 3 passos para globalização.

De união económica [regional] a união política [regional].

De uniões políticas regionais a união global.

Processo tem, portanto, de ser interrompido. O mundo está prestes a ter este plano a três passos completo, o que acontecerá com a introdução de governo globalizado. O processo tem, portanto, de ser interrompido.

"Um mercado global precisa de um regulador global".

Reguladores globais, gestores globais, governância global. À medida que barreiras económicas nacionais são derrubadas é argumentado que uma economia global precisa de ser gerida por um governo global. Ou seja, de ter regulações globais, gestores globais, supervisores globais, uma estrutura global de governação – governância global, governo global.

SPILL-OVER – Geral.

Spill-over: integrar sucessivamente mais através de efeitos de dominós. Integração económica iria construir laços comuns entre estados-nação que por sua vez iria criar a necessidade de mais institucionalização supranacional.

Portanto, a criação de uma união tarifária iria gerar problemas e pressões que exigiriam o estabelecimento de um mercado comum, e a partir daí para união monetária. Integração económica exigiria entidades regulatórias internacionais. Mais cedo ou mais tarde, não bastaria supervisão e recomendações, mas também seriam necessárias regras e regulações, portanto a entidade tornar-se-ia uma autoridade. Portanto, integração económica seria seguida de integração política.

Progressão de integração económica, usando spillover.

"Preferential trading area" leva a "Free trade area". Uma "free trade area" (FTA) é formada quando pelo menos dois estados abolem (parcial ou totalmente) tarifas alfandegárias.

Depois, "Customs union", "Common market", "Monetary union", "Fiscal union". Uma união alfandegária, ou tarifária ("customs union") introduz tarifas unificadas para com o exterior. Um mercado comum traz o livre movimento de serviços, capital e força laboral. Uma união monetária introduz moeda partilhada. Uma união fiscal introduz uma política orçamental e fiscal partilhada.

"Economic and monetary union". Uma união económica combina união alfandegária com mercado comum.

"Complete economic integration". Em breve temos unificação de outras políticas económicas (por ex., segurança social) Introdução de corpos regulatórios supranacionais, e movimento gradual para as últimas fases, "união política".

Nesta fase final temos integração política.

Processo marcado por harmonização legal contínua e crescente interdependência.

SPILL-OVER – União Europeia.

Haas, Lindberg e Balassa explicam o efeito de spill-over.

Leon N. Lindberg (1963). The Political Dynamics of European Economic Integration. Stanford University Press.

Bela Balassa (1962), *The Theory of Economic Integration*. London: Allen and Unwin.

Ernst B. Haas (1958). The Uniting of Europe. Stanford.

Dois ideólogos deste processo foram os americanos Ernst Haas e Leon Lindberg.

Lindberg festeja o fim do estado-nação europeu.

Explica o processo de "spillover", dominós.

«*'spill-over' refers to a situation in which a given action, related to a specific goal, creates a situation in which the original goal can be assured only by taking further actions, which in turn create a further condition and a need for more action, and so forth…*». Portanto, «*…integrating one sector of the economy – for example, coal and steel – will inevitably lead to the integration of other economic and political activities. We shall formulate it as follows: the initial task and grant of power to the central institutions creates a situation or series of situations that can be dealt with only by further expanding the task and the grant of power.*»

Outro ideólogo disto foi o húngaro Bela Balassa. A base deste modelo de integração foi sumarizada pelo Húngaro Béla Balassa nos anos 60. À medida que a integração económica aumenta, as barreiras comerciais entre mercados diminuem. Balassa propunha que através deste processo a criação final de união política era inevitável.

Integração europeia por "spillover": gerir problemas e crises, guiar o processo, expandir direcções de acção. Passos sucessivos, de integração económica seguida de integração política, administrativa, social, cultural. Por sua vez, cada novo plateau cria novas questões, novos problemas e até crises, que podem ser aproveitados para novos passos, e assim sucessivamente. Tudo o que é preciso é guiar o processo na direcção *certa*, aquela que é pretendida, que é a acumulação de cada vez mais poder. Até à resolução final, o ponto em que as autoridades europeias administrariam todas as actividades do continente. Nessa altura, todas estas instituições autónomas seriam fundidas numa única administração federal, uma espécie de Estados Unidos da Europa.

A isto a UE chama governância multi-nível.

Do global ao Europeu ao nacional, ao regional, ao local.

Arquitectos da UE dispõem de alguns métodos essenciais. Os arquitectos da UE, como gostam de se chamar a si mesmo, têm feito uso de alguns métodos essenciais.

Gradualismo. Movimento lento e discreto, porém contínuo, na direcção eventual de integração política total. Através de um processo gradual, as nações da Europa seriam guiadas até à formação de uma federação, ou seja, um super-estado.

Coerção, criar problemas aos países que se recusam ceder em algo. Criar dificuldades económicas aos países que se recusam a entrar, ou a ceder em pontos específicos.

Dissimulação, com pretextos para esconder integração.

Durante muito tempo, isto foi apresentado como mera cooperação económica.

Depois social, depois política.

Escalar contínuo de compromissos.

Usar todas as oportunidades para absorver e acumular mais poder. Pressionar os governos nacionais a ceder mais e mais poder, em cada vez mais áreas.

(REF) Regionalização global surge em todos estes projectos.

Um conceito que ressalta de todos estes projectos é o de regionalização.

Com distritos locais, regiões e magna-regiões, uniões continentais.

Um bom exemplo disto é “World Districts and Regions”, Hanna Newcombe, WCPA (1977).

Outro, Comissão Brandt.

1º e 3º mundos – Desruralização

Política sistemática de desruralização, pelo mundo fora – Objectivo, consolidação.

1º mundo – incentivos, subsidiação, taxação. No 1º mundo, isto foi feito essencialmente através de incentivos, subsídios e taxação. Milhões de hectares de terra agrícola e de florestas foram tiradas de produção.

3º mundo – Acordos, guerra económica, conflitos armados. No 3º mundo, através de acordos internacionais, guerras tarifárias, ou conflitos armados.

Desruralização visa consolidação.

Consolidação até ponto onde PMAs têm de operar para multinacionais. A ideia foi a de assegurar a consolidação de propriedade e produção agrícola, nas mãos de grandes companhias, até se chegar ao ponto em que pequenos e médios produtores, para operarem, têm de o fazer na esfera de influência de uma multinacional ou outra.

Mais de metade da produção alimentar mundial sob multinacionais. Actualmente, mais de metade da produção alimentar mundial está nas mãos das 5 grandes multinacionais que dominam o sector.

SMALL FARM MEMO (1962) – Sistema de desruralização para 1º mundo.

CED, uma comissão de multinacionais – "An Adaptive Program for Agriculture". Em 1962, o Committee for Economic Development, composto por um grupo de companhias multinacionais, publica o memorando estratégico intitulado "An Adaptive Program for Agriculture".

Plano para a destruição da PMA nos EUA e Europa. Este memo define um plano detalhado para a destruição da quinta familiar nos EUA, e define a mesma direcção que foi seguida para o espaço europeu, através da Política Agrícola Comum.

Capítulo 6 do memorando exige estratégia bivectorial.

"Control of farm production".

"Induce excess resources (people, primarily) to move out of agriculture".

«*…(a) leakproof control of farm production, or (b) a program, such as we are recommending here, to induce excess resources (people primarily) to move rapidly out of agriculture*» Committee for Economic Development, "An Adaptative Program for Agriculture" (July, 1962). New York.

DWAYNE ANDREAS – “The competitor is our friend”.

Andreas, Archer Daniels Midland. Uma das observações mais honestas sobre este estado de coisas foi dada por Dwayne Andreas, Chairman da Archer Daniels Midland.

“The competitor is our friend, the customer our enemy”.

“There is no free market – this is a socialist country”.

«*The competitor is our friend and the customer our enemy. The only place you see a free market is in the speeches of politicians. People who aren't from the Midwest do not understand that this is a socialist country*» Dwayne Andreas, Archer Daniels Midland Chairman, cit. in “The world’s eating disorder”, Management Today, October 1, 2007.

1º Mundo – De-development, desindustrialização selectiva

Bloqueios regulatórios e económicos.

Ultra-regulação e taxação incomportável. Com base em previsões apocalípticas de desastre ambiental, os governos carregaram as companhias privadas com despesas tão pesadas para eliminar resíduos industriais que a indústria pesada simplesmente saiu, dos países ocidentais.

Restrições no uso de recursos.

Quebra da inovação tecnológica.

Bloqueios regulatórios e económicos – Trancar indústria limpa ocidental.

Trancar indústria limpa, redistribuir de formas sujas. Trancar economia ocidental, dotada de indústria limpa, desindustrializar em massa, redistribuição pelo mundo fora, na corrida para o fundo.

China e Índia são "poluidores" autorizados – "Asian Brown Haze".

CFR declara que China e Índia são "poluidores" autorizados. CFR - Decoupling China in the Climate Debate; CFR - India's Climate Change Forecast

A China é ***realmente*** poluente e emite a "Asian brown haze". Que pode ser vista do espaço durante o dia.

TARPLEY – Verdes e desindustrialização do ocidente.

Precursor de desindustrialização.

(**WT2 – 17:50**) Generally speaking, the malthusian, zero-growth, radical environmentalist ecological extremist movement of the late 60s, early 70s, is the precursor that prepares the ground for the radical deindustrialization of the US in the late 70s, and then into the 80s, the great U-turn, where the US goes from being an industrial power to being a post-industrial rubble heap.

Chaminés substituídas por um nível reduzido de vida.

(**WT2 – 21:20**) *The industrial base was destroyed and gutted by Volcker, and with the environmentalists there, democratic opposition to that was paralised because, well, it's a good thing after all, we're not gonna have anymore smokestacks. Well, instead of smokestacks you're gonna have a reduced standard of living, and this is what goes together with it.* Since about 1967, the US standard of living has declined by about 2/3. And that includes average hourly earnings; a longer work day, a longer work week, and a longer work year; vacations shrink; the middle class standard of living is destroyed; you've got more people working; the wife has to work, the kids have to work, the husband and the wife have to work two jobs.

Desindustrialização teria sido difícil sem Holdren, Ehrlich e o Clube de Roma.

(**WT2 – 21:20**) So that is what deindustrialization has done, and *that would have been hard to do without the preparation of green fanatics like Holdren, Ehrlich, the Club of Rome, and collected charlatans and extremists of the 1970s*.

MONCKTON – Corte de emissões no ocidente... movimento ambiental.

Monckton – Cortes de emissões exclusivos ao ocidente.

(**LM – 9:45**) And of course, that is also an economic dagger pointed straight at the heart of the west. Because no one is suggesting that China or India should shut down their economies. Far from it. (…) So of course, no one is suggesting that China or Russia are going to cut their emissions. And for that matter, India, Indonesia, South Africa, or Brazil, or indeed most of Africa or South America.

Monckton – Movimento ambiental: rico, comunista, hipócrita.

(**LM – 22:30**) The environmental movement is no longer concerned with the environment, if it ever was.

(**LM – 23:15**) The movement became taken over very rapidly by people who didn't care a tinckers damn about the environment. What they were concerned about was politics. They wanted to use the environmental movement as a way to shut down the west from within, without a shot being fired.

(**LM – 23:45**) I call them the traffic light tendency: the greens too yellow to admit they're really red.

(**LM – 23:50**) And it's the same in the EDF, which now has assetts greater than those of some countries, it's the same with the NRDC, in the WWFN, Friends of the Earth.

(**LM – 24:25**) There are a lot of people who belong to these organizations who genuinely believe they are joining environmental organizations. Once they would have been. Now, they're not. There's a new agenda there. One that is deeply inimical to the west in particular.

Monckton – China deveria preocupar ambientalistas, não indústria limpa ocidental.

(**LM – 24:50**) And if you realize how very curious that is, because, the west is of course the region of the world which has cleaned up its environmental act more than any other. Where is the worst pollution to be found in the world?

(**LM – 26:10**) If you go to China now, it is disgusting, the quality of the air, the number of people, children, who die. Even in Peking, right at the center of the dismal Chinese communist empire, dying because the air quality is so filthy. Why? Not because China these days can't afford to use clean burn coal technology. Of course they can. But they don't bother to afford it.

(**LM – 26:55**) And yet it is the communists, in the west, who are trying to say that what the west should do is to shut its economy down and allow the chinese and all the other dirty communist economies to thrive.

(**LM – 27:10**) Clearly, if you were an environmentalist genuinely concerned with the environment you'd be spending all your time, money and effort on getting the Chinese to clean up their act. In fact, I think what we should do is to concentrate all the vast wealth of these environmental organizations and give it to the chinese on the understanding that every penny of it is to spent on cleaning up their power stations, …, you can achive stockumetric burn, which is virtually no pollution with modern processes used in the west. That is the part of the world where the clean up needs to happen. And yet, are the environmental organizations seen here campaigning on the street to make China clean up its act. Funnily enough, they're not. Instead they're on the streets saying that we must not build clean burn coal stations, …, instead the chinese can go on raping their own landscape, destroying their own children with dirty old fashioned technologies, and yet it's we in the west that are the chief targets of the environmental movement. The environment is increasingly being used as a watery, transparent, pretext.

1º Mundo – Restrições de produção energética

GOLDWATER (1973) – Dependência americana de petróleo estrangeiro.

Lobbistas bloqueiam exploração de reservas americanas.

Estamos cada vez mais dependentes de petróleo estrangeiro.

"This is America's gradual slide to mediocrity".

«*Our heavy dependence on petroleum to run the mobile American society, coupled with obstacles to tapping our own reserves, has forced our dependence on foreign sources for oil… In six years between 1967 and 1973, the United States has increased its imports of oil by 15 per cent. We now receive 35 per cent of our own oil needs from overseas, while lobbyists block exploration and development of known… domestic reserves…* [This is] *America's gradual slide to mediocrity*» [Arizona Republic editorial of March 21, 1973] – Congressman Barry Goldwater, Congressional Record, March 22, 1973

Gulag energético – o exemplo dos EUA.

JFK acreditava em independência energética e energia barata.

América deveria suster independência através do desenvolvimento de energia barata. Os desenvolvimentos das últimas décadas contrastam insidiosamente com as ideias de Kennedy, que acreditava em que a América deveria suster a sua independência através do pleno desenvolvimento de energia barata.

Exploração de petróleo, gás natural, carvão, fechada a exploração. As reservas EUA de petróleo, gás natural e carvão são baratas e abundantes. No entanto, muitas delas estão fechadas a exploração.

Obama bloqueia a pipeline Canadá-Texas. Uma das acções recentes de Obama foi a de negar uma licença para construir a pipeline petrolífera XL, de Canadá para Texas.

Capacidade diária para 46% mais que toda a solar e eólica produzidas por dia nos EUA. Esta pipeline teria tido a capacidade de entregar 1.2 milhões de barris de petróleo por dia – a quantidade de petróleo que os EUA recebem da Arábia Saudita, e 46% mais que toda a energia solar e eólica actualmente produzida por dia, nos EUA.

Solar e eólica caras, e produzem menos de 1% de toda a energia EUA. Energia solar e eólica têm custado biliões em subsídios governamentais e produzem muito menos de 1% de toda a energia dos EUA.

Petróleo – Restrições artificiais de produção [VÍDEO].

Bloquear acesso a novas fontes, fechar antigos poços e refinarias. Estes mecanismos de restrição da produção operam pela limitação do acesso a novas fontes, e pelo fechar de antigos poços e de refinarias. Ao mesmo tempo, novas fontes de petróleo são descobertas constantemente pelo mundo fora, mas não são exploradas, deliberadamente.

SCALISE – Uso proibido para 88% de petróleo americano.

"Uso proibido permanente para 88% de reservas petrolíferas".

"A OPEC não podia ter criado uma lei melhor".

Scalise - 88% of US oil will be off-use (a permanent ban on 88% of oil reserves, billions of oil barrels, offshore – OPEC could not have drafted a better bill)

US CONGRESS – "85% da continental shelf, petróleo, off limits para exploração".

Environmental Radicals Driving up Gas Prices (Noto que muitos destes ambientalistas radicais vêm de famílias ricas. São elitistas, e por isso não se preocupam quando as suas políticas destroem empregos e aumentam preços, já que quem estão realmente a magoar são os pobres. Agora as políticas ambientalistas estão a fazer escalar os preços de comida no 3º mundo, e mais uma vez os ambientalistas não se preocupam, porque estão a magoar pessoas pobres. ***85% da continental shelf, petróleo, estão off limits para exploração. O mesmo com o Alaska. Toda esta produção podia ser feita em meios ambientalmente seguros***)

3º Mundo – Apartheid tecnológico no 3º mundo

Apartheid tecnológico e económico para o 3º mundo [Sustentabilidade].

<u>500M de pessoas morrem de fome no 3º mundo durante 80s</u>. Em 1989, Hosni Mubarak estimava que 500 milhões de pessoas tinham morrido de fome no 3º mundo durante os anos 80.

<u>Dívida sufocante e apartheid tecnológico, agora sob capa ambiental</u>. A maior parte destas mortes podem ser directa ou indirectamente atribuídas a níveis incomportáveis de dívida e a apartheid tecnológico.

"Desenvolvimento sustentável" – restrições sobre recursos, infraestrutura. Sob sustentabilidade, particularmente imposta por FMI e Banco Mundial, surge restrição de exploração de recursos, e de construção de infraestrutura. Políticas internacionais que previnem a adopção de tecnologias modernas (centrais de tratamento de água, energia nuclear, refrigeração, agricultura mecanizada, pesticidas, fertilizantes) por estes países.

Dificultação do acesso a combustíveis fósseis.

<u>Conferência de **Margaret Mead** nos 70s exigia isto mesmo</u>.

Apartheid tecnológico – Neo-colonialismo, sob capa ambiental.

<u>Neo-colonialismo, usando capa de ambientalismo e sensacionalismo climático</u>. Há 50 anos atrás, estas políticas seriam descritas pelo que são: colonialismo. Manter estes países atrasados para melhor os poder dominar. Mas, hoje em dia, o pretexto é salvar a mãe Terra. Neo-colonialismo, aproveitando a capa de ambientalismo e sensacionalismo climático.

Apartheid tecnológico – Pobreza e genocídio.

<u>Impacto genocida em países pobres</u>.

<u>Fome, doença, conflito</u>. É assinada uma sentença de morte a milhões de seres humanos, no que é uma veritável política de genocídio exercida contra as nações pobres.

Apartheid tecnológico – Energia solar e eólica para África.

Banco Mundial, países ocidentais, pagam por solar e eólica. Os países ocidentais pagam a corporações multinacionais para irem construir painéis solares e moinhos de vento,

Ineficiência industrial. São muito pouco eficientes, e não servem para desenvolver indústrias.

Apartheid tecnológico – Obama ordena a Banco Mundial, carvão-zero.

Administração Obama ordena a Banco Mundial de desenvolver carvão no 3º mundo. A administração Obama, firmemente apoiada por Al Gore, ordenou ao Banco Mundial que impedisse países "em vias de desenvolvimento" de se desenvolver, pelo impedimento de construção de centrais energéticas a carvão.

Whitney Debevoise, USTD. Whitney Debevoise representa o US Treasury Department no Banco Mundial, sendo o United States Executive Director of the World Bank. Como tal, representa os EUA na consideração de todos os empréstimos, investimentos, estratégias de assistência a países, orçamentos, auditorias e planos de negócios para entidades do Grupo Banco Mundial.

Carta enviada ao Banco Mundial pressiona para carvão-zero no 3º mundo.

"Administração Obama acredita que os Multilateral Development Banks são vitais para mitigação de emissões GHG".

"MDBs não devem financiar o desenvolvimento de recursos carbónicos".

Numa carta enviada ao Banco Mundial, dizia que «*The Obama Administration believes that the Multilateral Development Banks (MDBs) have a potentially critical role to play in the future international framework for climate finance, and, in particular, to assist developing countries in mitigating greenhouse gas emissions and strengthening their economies' resilience to climate risks*». Referindo-se a estas linhas de orientação [guidelines] como um produto de «*internal US government deliberations*», Debevoise aconselhava os MDBs a «*remove barriers to and build demand for no or low carbon resources*» ["US to World Bank: Don't fund coal-fired plants". The Times of India. January 24, 2010]

Apartheid tecnológico – Combustíveis fósseis.

Desenvolvimento *ajuda* pessoas – exige combustíveis fósseis.

Combustíveis fósseis fazem o trabalho de 70 biliões de trabalhadores humanos. Um único barril de petróleo contém 23.000 horas humanas de energia. Portanto, os 20 milhões de barris que os EUA consomem todos os dias equivalem a 15 biliões de trabalhadores adicionais. Ou seja, o petróleo deu a cada trabalhador americano o

equivalente a 45 “escravos virtuais”. Globalmente, providencia energia equivalente a mais de 70 biliões de trabalhadores humanos.

MONCKTON – Usar combustíveis fósseis para elevar 3º mundo, acabar com pobreza.

(**LM – 10:00**) [Lift a people out of poverty] Everybody understands that the fastest way to do that, is to burn fossil fuels, particularly coal, in such a way that you lift people out of poverty by giving them electricity. That is the fastest way to lift a people out of poverty.

MONCKTON – Para estabilizar população, modernizar – história demográfica.

(**LM – 10:45**) All you have to do, to stabilize the population (…) (**11:10**) all you need to do, is to raise the general standard of living, and you do that by burning fossil fuels. That stabilizes the population without any other intervention being necessary at all. That is well established in demographic history for the last 150 years. Lifting people from poverty is the only way to stabilize the population, and hence to reduce the overall environmental footprint of human kind on the planet.

Apartheid tecnológico – James Shikwati.

O sonho africano é desenvolvimento – e não miséria. Shikwati explica que o sonho africano não é morrer de cólera numa cabana de lama, mas sim desenvolvimento.

Sustentabilidade é suicídio económico. Políticas anti-uso de recursos, anti-desenvolvimento, são suicídio económico.

“I don’t see how a solar panel is going to power a steel industry”.

“Don’t touch your resources, oil, coal. That is suicide”.

«*There’s somebody keen to kill the African dream. And the African dream is to develop… I don’t see how a solar panel is going to power a steel industry … We are being told, ‘Don’t touch your resources. Don’t touch your oil. Don’t touch your coal.’ That is suicide*». James Shikwati, autor e economista, em entrevista ao documentário “The Great Global Warming Swindle”.

AJ – Starve and kill the 3rd world, while pretending to help them.

“Carbon tax, to kill the 3rd world”.

“Of course you hide killing the 3rd world, starving them out under siege”.

“That's warfare. The opposite of what it really is. You kill them, pretend to save them”.

“The true essence of evil – to get good to serve you. Get sophisticated, get serious”.

alex - counterfeit of service (Now, the globalists know how to create counterfeits of serving. For the carbon tax, let's help the 3rd world, with all the well meaning hippies. When it's actually meant to kill the 3rd world. Of course you hide killing the 3rd world, starving them out under siege. That's warfare. The opposite of what it really is. You're killing them, you say you're saving them. To get all the well meaning people to serve them. And that's the true essence of evil – to get good to serve you. Get sophisticated, get serious.)

3º Mundo – Desmantelamento e privatização de países para neocolonialismo global

Antes, 3º mundo adoptava sector estatal e protecção tarifária à economia local.

Havia nepotismo e corrupção mas, ao menos, alguma possibilidade de desenvolvimento. Nos países em vias de desenvolvimento, até às reformas neo-liberais (i.e. neo-trotskyistas, na linha de Strauss, Burnham, Bell, Shumpeter, etc.) dos anos 90, era estimulada a existência de um sector público, onde indústrias geridas pelo estado providenciavam serviços básicos como telecomunições, utilidades públicas e transportes. As indústrias de fabrico local estavam protegidas de competição externa, como modo de avançar objectivos de desenvolvimento, e melhorar a balança comercial. Este sistema não era de modo algum perfeito: o nepotismo, a corrupção e os abusos de poder imperavam. Mas ao menos era algo que era passível de lançar as bases para alguma forma reconhecível de desenvolvimento no 3º mundo.

Sob neo-colonialismo, neo-liberalismo (i.e. neo-trotskyismo), isso termina.

Agora só há revolução económica permanente: desmantelamento, privatização, gestão.

Conceito operacional volta a ser mercantilismo predatório. Sob neo-colonialismo essa perspectiva está inteiramente fora de causa; tudo o que interessa é o saque irrestrito dos territórios de 3º mundo. E é por isso que as velhas estruturas económicas do estado-nação de 3º mundo se tornam anátema na era de privatização, desmantelamento, da corrida para o fundo. O mesmo acontece com a ideia de proteccionismo económico, que visa proteger a família média de assaltos multinacionais; na nova era, é pretendido que a família média seja submetida a plena servitude para interesses multinacionais. A ideia é que agora, investidores internacionais ficam com a parte de leão dos lucros gerados localmente, e o processo é descrito como "destruição criativa". Para facilitar a imposição da nova ordem, a velha ordem tem de ser colocada de lado. Todo o conceito operacional volta a mercantilismo imperial.

A corrida global para o fundo para instituir neofeudalismo global.

A estandardização do planeta numa Idade Média aperfeiçoada.

De, por e para nihilistas aristocráticos que dominam alta finança global. Estes estados-nação (a prazo, **todos** os estados-nação) são dissolvidos, os seus recursos e valores são privatizados, e o mundo passa a ser definido por pólos neofeudais de autoridade e de comércio, nas mãos de grandes interesses multinacionais e, de forma mais relevantes, nas mãos dos grupos restritos de indivíduos que os controlam – geralmente, velhos aristocratas europeus, nihilistas, que anseiam pela estandardização do planeta numa Idade Média aperfeiçoada.

A21 – Desenvolvimento Sustentável – Historial – Brundtland.

Desenvolvimento sustentável.

Equilíbrio ténue entre recursos e população. A ideia essencial é a de que o equilíbrio entre utilização de recursos e população é extremamente ténue.

Acção humana é, per se, poluente. Os seres humanos poluem. Quando agem, poluem. Quanto interagem com o ambiente, alteram coisas, e isso é poluição. A acção humana é, per se, um cancro à face da Terra.

Há que **desindustrializar** drasticamente.

Instituir **interdependência** regional. Com as dez regiões globais, em que cada recebe uma share especializada da produção mundial e nenhuma das regiões tem a capacidade de se auto-sustentar.

Logo, “sustentabilidade global” é o exacto oposto de “auto-sustentabilidade”.

Reduzir drasticamente a **população** global.

Instituir **pobreza** forçada. Menos para as pessoas especiais, como os membros do Clube de Roma, que nunca abdicariam dos seus jantares de gala e jactos privados.

É necessária **supervisão global** de tudo e de todos, de empresas a indivíduos.

Ou seja, é necessária uma ditadura, do global ao local.

“Desenvolvimento sustentável”: OCDE, WCED, UNCGG, WTO.

Clube de Roma. Conceito inventado pelo Clube de Roma.

Desindustrialização, pobreza forçada, centralização económica.

Supervisão estatal, e regional, de tudo e de todos.

Redução populacional.

OCDE, 1984.

Princípio da ligação entre economia e ambiente.

Com a International Conference on Environment and Economics (OECD).

Isto vai moldar o relatório "Our Common Future".

WCED, 1987. O termo foi popularizado com Our Common Future, o WCED Report, ou Brundtland Report.

Agenda social, económica, cultural, e...já agora, ambiental. O relatório fundia todos estes tópicos numa única agenda.

Agenda de convergência global para "desenvolvimento sustentável".

UNCGG, 1995.

WTO, 1995 – Comércio, ambiente, desenvolvimento.

BRUNDTLAND COMMISSION (WCED, 1987) – "Our Common Future".

Uma peça de pessimismo irracionalista, na linha do Clube de Roma.

Excesso de população e de prosperidade ameaçam planeta. O relatório repete a doutrina do Clube de Roma: existem demasiados humanos, e são demasiado prósperos.

Bloquear desenvolvimento económico – Harmonização económica global. O desenvolvimento económico tem de ser bloqueado e tem de haver convergência política global. O 3º mundo tem de subir apenas um pouco no seu nível de vida, e o ocidente tem de colapsar.

Em vez de procurar novas e melhores tecnologias. Não há uma única linha devotada a isso, apenas este pensamento maltusiano mortificado e gasto.

Racionamento, austeridade, restrições de uso. É argumentado que, para resolver os problemas ambientais, é preciso submeter as nações a racionamento, quebras drásticas do nível de vida. Isso é o "preço que temos de pagar para salvar a Mãe Terra".

A21 – Doublespeak e slogans globais.

O canto da sereia totalitária.

Todos os velhos slogans, de uma cartilha escrita por Lenin – Stalin – Kruschev – Brejnev – Gorbachev – Hitler e Mussolini – Mao – Pol Pot – Tito.

Grande Transição é o Grande Salto em Frente. Ou avante.

Harmonia e harmonização. Mais agradáveis que "estandardização", ou "homogeneização".

Interdependência. Dependência total de um sistema integrado.

Sistema "orgânico", "holístico", "diferenciado", "harmonioso", "interdependente", "balanceado", "sustentável". "Organic", "holistic", "differentiated", "harmonious", "interdependent", "balanced" and "sustainable".

Crescimento orgânico, alinhamento. O Gleichaltung nazi.

Outros termos usados. New world order, global union, united earth community, global society, sustainable development, masterplan, blueprint, global consciousness, earth consciousness, wisdom, the global mind, the Gaia mind, global ethics, planetization, conscious evolution, the great awakening and the great shift, The Planetary Phase, The Power Down, The Great Descent.

O mais velho canto de sereia. A sereia parece bonita e atractiva, e canta bem mas, se o marinheiro for ter com a sereia, vai encalhar – e vai morrer do modo mais miserável possível.

"Aldeia global", "sociedade global". New world order, global union, united earth community, global society.

O que isto significa, é a aldeia feudal global.

"Era global, problemas globais, soluções globais". Na "era global", existe uma "economia global", "crises globais", "desafios globais", cuja resolução implica encontrar "soluções globais", que só podem ser atingidas pelo estabelecimento de "acordos globais" e "instituições globais", com "convergência global".

Linguagem colectivista. Liderança colectiva, acção colectiva. Comissões, comités. Comunidade. Coesão comunitária.

Termos para a nova religião global. Global consciousness, earth consciousness, wisdom, the global mind, the Gaia mind, global ethics, planetization, conscious evolution, the great awakening and the great shift.

Pobreza, miséria e genocídio. Sacrifício, austeridade, responsabilidade, simplicidade.

Corrida para o fundo. "Justiça social". "Uma ordem social mais igualitária, para necessidades e direitos de todos". "Rectificar desigualdades sociais, redistribuir a riqueza". "Paz positiva": reduzir barreiras sociais, raciais, de género, económicas e ecológicas.

Demonização da oposição. "Anti-governo", "radicais", "extremistas", "divisionistas", "facciosos", ou até "reaccionários" e "fascistas", o que é curioso, vindo de organizações profundamente reaccionárias e, em verdade, fascistas.

Não são "politicamente correctos". Tal como acontecia nos sistemas comunistas, pessoas que chamavam a atenção a estes factos da vida, são chamados de radicais e extremistas. Não são politicamente correctos, que é uma expressão tirada directamente do livro vermelho de Mao Tse-Tung.

A21 – Global Integration Zones. [***Liga com Euro-Regiões***]

(GIZs) As maiores megaregiões do mundo.

As maiores megaregiões do mundo.

Indo-Gangetic Plain. Delhi, Kanpur, Kolkata, Varanasi, Dhaka— 200 milhões.

Pearl River Delta. Hong Kong, Shenzhen, Dongguan, Huizhou, Guangzhou, Foshan, Jiangmen, Zhongshan, Zhuhai, Macau — 120 milhões.

Blue Banana (EU). Dublin, Liverpool, Manchester, Leeds, Sheffield, Birmingham, London, Randstad, the Netherlands–Rhine-Ruhr, Frankfurt/Rhine-Main, Rhine-Neckar, Basel, Zürich, Milan–β — 90 milhões.

Yangtze River Delta. Shanghai, Nanjing, Hangzhou, Suzhou, Wuxi - 88 milhões.

Taiheiyo Belt. Chiba, Tokyo, Kawasaki, Yokohama, Nagoya, Kyoto, Osaka, Kobe, Hiroshima — 75 milhões.

Bohai Economic Rim. Beijing, Tianjin, Dalian, Anshan, Fushun, Dandong, Sinuiju, Tangshan, Yantai, Shenyang, Jinan, Qinhuangdao, Qingdao, Weihai — 66 milhões.

Great Lakes Megalopolis. Chicago, Toronto, Montreal, Ottawa, Detroit, Pittsburgh, Milwaukee, St. Louis, Minneapolis, Indianapolis, Cleveland, Cincinnati, Dayton, Columbus, Grand Rapids, Toledo, Akron, Rochester, Buffalo — 54 milhões.

Northeast Megalopolis. New York, Boston, New Jersey, Washington, D.C., Baltimore, Philadelphia, Hartford, Richmond, Norfolk — 50 milhões.

(GIZs) AMERICA 2050 – Megaregiões norte-americanas.

America 2050 – Planeamento. «*America 2050 is serving as a clearinghouse for research on the emergence of megaregions and a resource for megaregion planning efforts nationwide… promoting planning solutions to address challenges that span state and regional boundaries, demanding cooperation and coordination at the megaregion scale*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

Patrocínio das Fundações Rockefeller, Ford, entre outras. The Rockefeller Foundation; The Doris Duke Charitable Foundation; The Surdna Foundation; The Lincoln Institute of Land Policy; The J.M. Kaplan Fund; AECOM; Park Foundation; The William Penn Foundation; STV Group, Inc.; The Ford Foundation.

Mega-regiões americanas. «*At least ten megaregions have been identified in the United States… Examples of megaregions are the Northeast Megaregion, from Boston to Washington, or Southern California, from Los Angeles to Tijuana, Mexico*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

11 mega-regiões [algumas partilhadas com Canadá e México].

Arizona Sun Corridor Megaregion.

Cascadia Megaregion (shared with Canada).

Florida Megaregion.

Front Range Megaregion.

Great Lakes Megaregion (shared with Canada).

Gulf Coast Megaregion.

Northeast Megaregion.

Northern California Megaregion.

Piedmont Atlantic Megaregion.

Southern California Megaregion [de L.A. a Tijuana, MX].

Texas Triangle Megaregion.

Zonas não incluídas nos EUA [referência futura]. Southwest [El Paso, TX MSA (see also El Paso-Juárez)] – Hawaii [Honolulu, HI MSA] – Mississippi Valley [Des Moines-Newton-Pella, IA CSA, Omaha-Council Bluffs-Fremont, NE-IA CSA, Little Rock-North Little Rock-Pine Bluff, AR CSA, Jackson-Yazoo City, MS CSA, Wichita-Winfield, KS CSA] – Ohio Valley [Lexington-Fayette-Frankfort-Richmond, KY CSA] – South Atlantic Coast [Charleston-North Charleston-Summerville, SC MSA, Augusta-Richmond County, GA-SC MSA] – Upstate New York [Syracuse-Auburn, NY CSA, Albany-Schenectady-Amsterdam, NY CSA]

(GIZs) Europa e Sudeste Asiático [America 2050].

GIZs, Europa e Sudeste Asiático. «*In Europe and Southeast Asia, governments are investing tens of billions of dollars in high-speed rail and goods movement systems to connect networks of cities in what are termed "global integration zones"*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

(GIZs) Alguns slogans típicos. Desenvolvimento e crescimento económico; ultrapassar fragmentação e isolacionismo [por vezes são slogans vagamente insultuosos]; construir cooperação económica global; estabelecer parcerias; aumentar conectividades; expandir opções estratégicas.

(GIZs) Megacidades (1) – Transportes, comunicações, knowledge workers.

Megalópole, megápole, megaregião. [megalopolis, megapolis, megaregion]. Rede de cidades com uma população de 10 milhões ou mais. Interligada por meio de corredores de transporte, tais como ferrovias e auto-estradas.

Megaregiões, pólos urbanos, transportes e comunicações, knowledge workers. «*...the emergence of megaregions – large networks of metropolitan areas… They comprise multiple, adjacent metropolitan areas connected by overlapping commuting patterns, business travel, environmental landscapes and watersheds, linked economies, and social networks… high-speed rail and goods movement systems to connect networks of cities in what are termed "global integration zones"… the new competitive units in the global economy, where **knowledge workers** can move freely among urban hubs…*» – America 2050, "About America 2050". Regional Plan Association 2012.

"Knowledge workers". Quando se fala de "knowledge workers" está-se obviamente a deixar todos os outros de fora. Ou seja, movimentos autorizados para pessoas autorizadas.

(GIZs) Megacidades (2) – Habitats regulados e ubíquos.

"A cidade é boa!" A linha de propaganda diz-nos que a vida na cidade é mais barata, mais vibrante e animada, mais saudável, e mais verde!

Resizing – O exemplo de Detroit. Detroit Mayor Dave Bing says city must shrink or go down; To save itself, Detroit plans to shrink - The Times of India; US cities may have to be bulldozed in order to survive

Artigos.

UN State of World Cities report - 'Harmonious Cities'

UN report World's biggest cities merging into 'mega-regions'

Prepare to be transitioned into your new habitat - Mark Baard on the Tellus Institute

Russia plans to move its people to big towns

Americans migrate back to the cities

(GIZs) Megacidades (3) – Cidades especializadas.

Tecno-cidades, pólos tecnológicos especializados. Dubai's Food City – The Green Utopia; Eco towns get green light despite local opposition

Dome cities. Experts Say Houston Dome May Help Environment; Original Manhattan Dome Proposal; The Houston Dome Will Save the City from Peril, May Help Environment

(GIZs) Megacidades (4) – "Espírito comunitário". Festival city says, join in the fun, or get a 500 euros fine; Auto-ban - German town goes car-free

Interdependência, **do global ao individual**. Ninguém pode ser auto-suficiente em nada e para nada. Não se pode alimentar sozinho, não pode cuidar sozinho de si próprio, não pode produzir ou distribuir sozinho, etc. Tudo tem de ser feito através de mediadores financeiros e agências facilitadoras. Esse é um ponto essencial da engenharia social marxista – o indivíduo tem de tornar-se completamente dependente da comunidade para tudo.

(GIZs) Megacidades (5) – "Shanty towns are green".

Carlos e vários professores da ONU declaram que Dharavi é o modelo para o mundo.

Charles declares Mumbai shanty town model for the world; Dharavi - The slum that recycles Mumbai's waste; Forget eco-homes and look to the Mumbai slums, Kevin McCloud urges British Government; Living in filth is no lifestyle choice; The prince and the paupers

Bairros de lata são a opção "verde", aparentemente. Shanty Towns Are the New, Green Pioneer Cities; Shanty towns sustainable future of urban design; Shantytowns as inspiration for urban developments; Slums Urban Living « Prospect Magazine

(GIZs) Megacidades (6) – Cooperativas agrícolas. Posse cooperativa da terra, sob grupos seleccionados e autorizados. Primeiro tiram-se pessoas reais, e depois colocam-se lá pessoas autorizadas. Modelo usado na Jugoslávia.

A21 – ONU – Militarização de política "ambiental", sob colapso civilizacional.

Militarização do ambiente – UNSC, uma força multilateral de capacetes verdes.

Conselho de Segurança ONU delibera "capacetes verdes". A ideia de "green helmets", uma força internacional, a ser gerida pelo Conselho de Segurança da ONU (ou uma task force militar multilateral sob outra designação), com autoridade para intervir em situações de "risco climático", "risco ambiental".

"Green peacekeepers" – mudanças climáticas, conflitos por escassez de recursos. Conselho de Segurança da ONU a considerar expandir o seu leque de intervenção a missões de paz relativas a "mudanças climáticas", com capacetes verdes, uma "força ambiental de manutenção da paz". Estas pessoas entrariam em acção em conflitos causados por escassez de recursos. [UN security council to consider climate change peacekeeping]

Antes de alguma força monolítica, intervenções militares multilaterais. Seja através de uma força oficial global de capacetes verdes ou não, a ideia de usar pretextos ecológicos como justificação para intervenção militar está bem presente. É mais provável que isso comece por acontecer de uma forma unilateral ou multilateral, por alguma força do género NATO.

Militarização do ambiente – Guerras energéticas e por recursos.

Guerras sob pretexto ambiental.

Energia, recursos e produção são os factores motivadores. A energia tem sido um pretexto para intervenção militar (petróleo, gás natural) desde a II Guerra Mundial. Com guerras "ambientalmente motivadas", o leit motif continua a ser energia, desta feita expressa na economia de créditos de carbono e em alocações de capacidade produtiva e/ou industrial. Por exemplo, o forçar desindustrialização e de-desenvolvimento em sectores específicos (ou até em todos os sectores) e junto de dadas populações é um factor importante a tomar em conta.

Militarização do ambiente – Capa para colapso geral.

"Crise ambiental" também serve de capa para colapso civilizacional geral. Ao mesmo tempo, temos todo o cenário de colapso civilizacional das próximas décadas, envolvendo um repeat global de África nas últimas quatro, com migrações, fome, miséria, guerras por recursos e território, e por aí fora, a serem culpados neste background geral de "alterações climáticas".

A21 – Serviço comunitário, voluntariado obrigatório.

Economia pós-industrial dominada por desemprego e pobreza. Na economia pós-industrial, vai haver uma larga taxa de desemprego, e níveis de pobreza impressionantes.

Serviço comunitário, voluntariado obrigatório. Como acontece numa prisão, ou em qualquer sociedade-prisão. Brigadas de trabalho comunitárias.

Trabalho por créditos ou direitos sociais. A pessoa faz X horas de trabalho forçado, e depois troca essas X horas por uma X quantidade de rações, alojamento, ou cuidados de saúde, cedidos pelo governo local da comuna. Ou seja, receberá comida e outros bens, em troca de horas de trabalho. O sistema comunitário soviético em todo o seu esplendor.

Isto já é chamado, em certos meios, de "moeda espiritual". Spiritual Currency; 'Spiritual Currency' – Building a New Economy with Volunteer Credits

Funções de espionagem civil e influência social. Onde – e quando – quer que estas coisas estejam implesmentadas, surgem sempre integradas na estrutura de segurança nacional. Espionagem civil, fazer trabalhos sujos, pressionar pessoas indesejáveis, e por aí fora.

Artigos.

UK. Cameron proposes citizen service; PM plans to compel community work

US. House Bill Proposes Commission to Explore National Servitude; National Service Corps Bill Clears Senate Hurdle; McCain, Obama pledge to boost US volunteerism; National Service, David Gergen, City Year and the social change agenda; 'Civic generation' rolls up sleeves in record numbers

USA Service.org (Mascara-se de agência governamental, mas na prática é uma ONG, que recebe ordens directamente da presidência – ou seja, uma brigada de voluntários às ordens do presidente)

Australia. Rudd to announce civilian corps

Canada. Youth called to serve - Justin Trudeau's proposal has fans across the spectrum

EU. Na EU, 2010 (?) foi declarado o ano oficial do voluntariado, e a noção tem sido tremendamente promovida.

O Civilian Conservation Corps, durante a Grande Depressão.

O CCC era um programa de trabalho colectivo, mal pago, para desempregados. O Civilian Conservation Corps foi um programa de obras públicas que operou de 1933 a 1942, sob as administrações de FDR. Destinava-se a desempregados solteiros, com idades de 18 a 25. Os salários eram baixos – $30. Destes, $25 eram alocados à família, o que ajudou a popularizar o programa. Em 9 anos, 2.5 milhões de jovens participaram.

O CCC desempenhava actividades económicas. Baseava-se em empregos de trabalho manual relacionados com a conservação e o desenvolvimento de recursos naturais em território rural propriedade do estado. As actividades desempenhadas iam desde actividades de conservação florestal até à construção de barragens, estradas, pontes.

Ideia da brigada de trabalho, versão fabiana anos 30. Em vez de brigadas de trabalho forçado, destinada a toda a população desempregada, e sem qualquer salário – como era costume nos sistemas comunistas – os fabianos americanos apresentaram este modelo, aparentemente mais soft, humanitário, não-coercivo. O conceito de organizar as massas do público em brigadas de trabalho é universal ao socialismo e, numa perspectiva história, existe por exemplo Clinton Roosevelt, que escreveu um livro a explorar este mesmo tema.

O CCC era um corpo para-militar. Estava sob a tutela do War Department, e as companhias de voluntários eram geridas por oficiais de campanha. Cada companhia tinha os seus próprios comandante de companhia e oficial júnior. As companhias eram alojadas em campos de estilo militar, em casernas e tendas de campanha. Acessoriamente, também havia responsáveis civis, geralmente técnicos.

...e depois veio a II Guerra. Que encontrou toda uma geração de jovens pobres habituados a usar uniformes, a acampar em tendas, e a trabalhar sob uma hierarquia militar.

Programas actuais similares, nos EUA. National Civilian Community Corps, Environmental Corps (E-Corps), do YouthWorks program.

A21 – Sistema ONU como governo planetário – UNEC.

A21 – Sistema ONU como governo planetário.

Agências globais, exército global, taxação planetária. O sistema global é suposto vir a consistir numa conversão da ONU e das suas várias agências num governo planetário, incluíndo um exército global, um parlamento global, um tribunal mundial, taxação planetária, e numerosas outras agências, para controlar cada aspecto da vida humana.

Áreas de acção. Educação, nutrição, saúde, população, imigração, comunicações, transportes, comércio, agricultura, finanças, ambiente, etc.

A21 – United Nations Economic Council, com o ECOSOC, FMI, Banco Mundial.

Executivo da economia mundial, a par do Conselho de Segurança. A ideia é criar um United Nations Economic Council (UNEC), que vai funcionar como o executivo *de facto* da economia mundial, a par com o Conselho de Segurança (UNSC).

ECOSOC, FMI, Banco Mundial. Este órgão será composto pelo United Nations Economic and Social Council (ECOSOC), mas também pelas instituições de Bretton Woods (FMI e Banco Mundial).

O organismo de governo global da UNCGG, do CoR e de Gordon Brown.

UNEC (your neck) como o Clube de Roma lhe chama.

Agenda 21 – Abordagem total e totalitária, para resolver “crise ambiental”.

Abordagem sistémica totalitária.

“Crise” implica reorganização total do “sistema”. Nesta panóplia de conclusões arbitrárias, pseudocientíficas e politizadas, encontramos a habitual abordagem sistémica usada por totalitários, pela qual todos os problemas do mundo estão inelutavelmente interligados e, portanto, mudanças, inovações, ou resoluções de “problemas catastróficos” num sector específico têm de ser acompanhadas de mudanças a toda a linha, revolução sócio-económica total.

Baleia branca AGW implica revolucionar todos sectores sociais, à escala global. Portanto, com a ONU e agências associadas, descobrimos que a baleia branca “aquecimento global” está interligada a crescimento populacional, urbanização, indústria, agricultura, uso de recursos marítimos, relações sociais e humanas (por exemplo, política de género é algo que costuma ser citado) e, já agora, poluição.

Framework totalitária implica restrição de recursos, liberdades, níveis de vida. Dentro desta framework totalitária, a crise ecológica é resolvida pela alteração radical de estilos de vida, com a confiscação de propriedade privada e de recursos naturais, a restrição de liberdades individuais, e a redução drástica de níveis de vida.

Totalitarização global por consórcios neo-feudais, público-privados. Logo, para resolver o “problema climático” há que alterar, hiper-regular, taxar, destruir, adulterar, todos os outros sectores da sociedade, por consórcios neo-feudais público-privados.

Grande Transição, Primeira Revolução Global (CoR), Agenda 21. Isto é a Grande Transição do século 21, expressa e programada pela Agenda 21 ONU. Este é, aliás, o ponto de totalitarização global ao qual o Clube de Roma (1991) disse pretender chegar, quando inventou a questão política das alterações climáticas.

AGW – Propostas destrutivas e genocidas.

Propostas para combater AGW destruíriam civilização e matariam biliões.

New Proposals To Fight Global Warming Would End Civilization, Kill Billions

Sacrifício e austeridade – Ambiental.

The exploitation of climate science for purely political goals is occurring throughout the developed world. For example, politicians in Canada have started to ban inexpensive and convenient technologies such as light bulbs, coal fired electricity generation and used oil heating to "stop climate change." They can't show how the alternatives being promoted will actually help the environment – we are expected to simply believe that such sacrifices for the climate will benefit us all, even if real pollution levels rise, food prices increase as agricultural land is converted to biofuels production and millions of birds are cut to pieces by wind turbines. 'Believe' is the key word here, not 'think'.

‘Bad Economy, Good Environment'.

Vários artigos surgiram a congratular-se de que a crise económica era boa para o ambiente, uma vez que reduzia a quantidade de CO_2 que é emitida para a atmosfera.

As novas Companhias das Índias. Dentro em breve, apenas estas companhias e corporações globais, geridas pela elite anglo-europeia-americana, vão existir.

...visa abertamente subdesenvolvimento e obscurantismo civilizacional. O modus operandi é muito simples: pegar no mundo inteiro, transformá-lo economicamente na Rússia ou na Guatemala, e sociologicamente na China.

...a corrida para o fundo continua até à criação definitiva de monopólios globais. Os devedores vão continuar a contrair mais dívida, os mercadores vão aumentar continuamente os preços (ou ser subsidiados para não o terem de fazer, o que trará ainda mais dívida), e a economia no seu todo continuará a ser adquirida pelos banqueiros, numa dança com cada vez menos cadeiras.

...conflito global sistémico acompanha este processo. Enquanto isto continuar a acontecer, o que resulta são guerras e conflitos regionais, com lutas por recursos, rebeliões civis, e todo este género de coisas.

Comunitarismo, Red Tories, Neo-feudalismo [Blond, Milbank]

BLOND – Comunitarismo e os red tories.

David Cameron, o "radical social reformer".

Serei um reformador social, tanto quanto Maggie Thatcher foi na economia.

Este país precisa de reforma social radical. David Cameron disse que «*I'm going to be as radical a social reformer as Margaret Thatcher was an economic reformer… radical social reform is what this country needs right now*»

Blond – Dialéctica esquerda-direita destrói sociedade – "Comunidade", a nova síntese.

Esquerda ganha guerra cultural, direita ganha guerra económica.

Sociedade é destruída no processo. «*The current political consensus is left-liberal in culture and right-liberal in economics… the true left-right legacy of the postwar period is, unsurprisingly, a centralised authoritarian state and a fragmented and disassociative society*»

As últimas décadas, de democracia semi-liberal, foram "corruptas e podres". «*…the corrupt and rotten postwar settlement of British politics*».

"Liberalismo produziu relativismo atomizado e absolutismo de estado".

Os produtos, um estado centralizado autoritário e uma sociedade fragmentada. «*Unlimited liberalism produces atomised relativism and state absolutism. Insofar as both the Tories and Labour have been contaminated by liberalism, the true left-right legacy of the postwar period is, unsurprisingly, a centralised authoritarian state and a fragmented and disassociative society… the left was right wing years before the right, and it created the conditions for universal self-interest under Thatcher*»

Portanto, é necessário comunidade, para "consertar sociedade".

Phillip Blond, Rise of the Red Tories. Prospect Magazine, 155, 28th February 2009.

Blond – Os "red tories", para impor comuna medieval.

O que é um Red Tory?

Inspirações: Cobbett, Ruskin, Carlyle, os proto-fascistas, neo-medievalistas. Blond declara que tudo isto é um regresso aos «*insights of 19th-century conservatives like Cobbett, Ruskin and Carlyle*», que eram notórios proto-fascistas, que exigiam um regresso da Grã-Bretanha a uma sociedade estática de género medieval.

Em particular, Ruskin definia-se como um aristocrata e um comunista.

Nostalgia da vida feudal, com a comuna feudal.

Impulsos definidos como "red Tory communitarianism". Blond define este impulso autoritário como «*"red Tory" communitarianism*», ou «*red Toryism*».

Avante, Tories radicais – um caminho radical e progressista para a direita. Isto é um caminho «*radical... and should be the way forward for the right*», «*The opportunity to restore a radical, and progressive, Toryism*».

Há que ter um "novo localismo", com "comunitarismo orgânico".

Substituir isso por «*...a full-blooded "new localism"*», e «*organic communitarianism*», que abraça todas as áreas da vida social.

Medievalização da vida social, um retorno a hierarquia e elitismo.

Rejeição de mobilidade social, meritocracia, oportunidade, educação, escolha. «*This requires a considered rejection of social mobility, meritocracy and the statist and neoliberal language of opportunity, education and choice*».

Basear vida social nos "pequenos pelotões da associação cívica e familiar". Reorganizar a vida social com base «*on the little platoons of family and civic association*».

Vida social dominada por "guildas e cooperativas". «*The regional trust network, meanwhile, could facilitate new guilds and cooperatives. With a common finance centre, and the use of modern technology, these could do anything from research and development to export drives to running local schools and hospitals*».

Phillip Blond, Rise of the Red Tories. Prospect Magazine, 155, 28th February 2009.

Blond – Comunitarismo significa "devolução".

Na economia contraccionária pós-moderna, enjaular ratos, fazê-los competir por restos.

Blond – Sistema bancário comunitário.

Sistema de banca paralelo, local, comunitário.

Isto são "bancos comunitários", detidos pela autoridade local.

Dependem de bancos privados e do banco central.

Um sistema de trusts, fundações, controla toda a rede financeira comunitária.

Ou seja, um aparato em que "comunidade" fica inteiramente entregue a banca.

«*…we need a new, parallel banking system. To get one, Cameron should announce a reconfiguration of the Post Office to extend its currently limited retail banking function... The Post Office is universally popular, national, tied to the local community and, crucially, entirely free of bad debt secured on declining assets. Other banks would lend to it but, more importantly with interest rates approaching zero, the Bank of England could use at minimal cost "quantitative easing" (printing money) to underwrite both business and mortgage credit… This new Post Office could genuinely restimulate the economy by lending at small margins, and by being involved in local investment rather than global speculation. It could even be localised rather than privatised, giving it back to communities, to extend investment and increase prosperity in every neighbourhood… Cameron should move forward by helping local communities to take ownership of their assets too. He should set up a new class of local investment trusts, dedicated to investing in the cities and villages that they serve. These trusts could become new centres of local finance; rather than investing in Iceland, local councils and other bodies should be compelled to deposit public funds with them, increasing the local capital base. Likewise the Tory's proposed new "social fund" could act within the trusts in deprived areas to offer micro-finance to people without assets. This would create a new, but distinctly conservative form of asset based welfare leading eventually to claimant independence. The trusts would own the local Post Office network, and each trust could work to invest and develop local economies*» Phillip Blond, Rise of the Red Tories. Prospect Magazine, 155, 28th February 2009.

MILBANK – Comunitarismo e a "política do paradoxo".

Milbank – Brutalidade subtil, subtileza brutal, e outros jogos de palavras.

"Liberalismo anémico" é rejeitado.

É preciso brutalidade subtil, que é também uma subtileza brutal.

E também conservadorismo radical, ou radicalismo conservador.

É-nos dito que o espírito disto é uma combinação onde «*There is both subtlety and brutality, just as there is both radicalism and conservatism. Only the "middle" of an anemic liberalism is consistently and relentlessly refused… a "subtle brutality" that is a "brutal subtlety," and a "radical conservatism" which is a "conservative radicalism"*» John Milbank, "The Politics of Paradox", TELOSscope, March 13, 2009 [Talk presented at the 2009 Telos Conference] [Research Professor for Politics, Religion and Ethics, University of Nottingham].

Milbank – "…to execute a summary justice which inflexible law might foil".

Reavivar o "genuinamente nobre guardião fora-da-lei".

Os virtuosos, guardiães da virtude, virtuosos do carisma.

Têm de ter um estatuto escondido, para escapar a necessidade de apaziguar massas.

E para executar directamente justiça sumária, impossível sob "inflexibilidade legal".

É preciso "reavivar" o «*genuinely noble outlaw-guardian*» e «*…there is still a political place for the superior role of the more virtuous and of those appointed to be the "guardians" of virtue, the virtuosos of charisma. But unlike those paradigms of virtue hitherto, "the heroes," these Christian "pastors" (who are "shepherds" like Plato's guardians) will frequently remain both mocked and invisible, since they may lack the glamour of obvious "honor," and may need to retain a hidden "outlaw" status in order both to escape the need to appease the masses, upon whose adulation manifest power depends, and to directly execute a summary justice which the procedures of inevitably inflexible law might foil*» John Milbank, "The Politics of Paradox", TELOSscope, March 13, 2009 [Talk presented at the 2009 Telos Conference] [Research Professor for Politics, Religion and Ethics, University of Nottingham].

Milbank – Regresso à Idade Média – Oligarquia e feudalismo económico.

Linha política centrada na governação dos "Poucos". «*stressing the role of "the Few"*».

"Middle Ages… more stable dynamism of a collectivist corporatist economy".

"Families, cooperatives, trade guilds, mutual banks, housing associations, credit unions".

"Mixture of the democratic and the paternalistically guided".

"…the corporation must, like the units of "feudalism" in the Middle Ages, combine political and economic functions".

«*…a non-nominalist politics, stressing the role of "the Few" both in the mode of mediating associations and of virtuous elites, must perforce appeal back to the Middle Ages… we require the more stable dynamism of a genuinely collectivist (and so socialist) distributist/corporatist economy. This would be built upon a socially judged recognition of the inherent relative value of natural and produced things and the inherent relative needs and deserts of all human beings as all workers as well as consumers. Of course, only the general embrace of a realist metaphysics of transcendence can render this possible. The way forward, therefore, has to be thoroughly "paradoxical."… These debates concern the role of nuclear and extended families, of cooperatives, of trade guilds, of mutual banks, housing associations, and credit unions, and of the law in setting firewalls between business practices, defining the acceptable limit of usury and interest and the principles that must govern the fair setting of wages and prices. Above all perhaps they concern how we can turn all people into owners and joint-owners, abolishing the chasm between the mass who only earn or receive welfare and so are dependent and the minority who own in excess… This abolition will then allow a more genuine, multi-stepped, and educationally dynamic hierarchy of virtue to operate. For in the economic sphere also there needs to be a mixture of the democratic and the paternalistically guided: some enterprises are adapted to the cooperative, others require more hierarchical corporations. But the corporation based upon Christian principles must, like the units of "feudalism" (though that is a mis-description) in the Middle Ages, combine political and economic functions, since the engineered indifference of these to each other is not a division of spheres preserving liberty, but rather an abuse that permits both "the purely economic" and the "purely political" to enjoy a nihilistic sway*» John Milbank, "The Politics of Paradox", TELOSscope, March 13, 2009 [Talk presented at the 2009 Telos Conference] [Research Professor for Politics, Religion and Ethics, University of Nottingham].

Milbank – "Isto pode parecer fascismo".

Afirmação puramente dialéctica, como convém em "politics of paradox".

"A menção de corporatismo pode levantar acusações de fascismo". «*This mention of a "corporatist" aspect is bound of course to raise charges of fascism*» John Milbank, "The Politics of Paradox", TELOSscope, March 13, 2009 [Talk presented at the 2009 Telos Conference] [Research Professor for Politics, Religion and Ethics, University of Nottingham].

C&C – Impostos centrados no consumo.

Na era de crescimento, impostos centravam-se em produção e rendimentos. Numa era de crescimento, o jogo focou-se no lado da produção. Portanto, os impostos eram essencialmente baseados em rendimentos, em produção de capital. O sistema de acumulação e investimento privados de capital foi útil para uma era de crescimento rápido.

Na era de contracção, o foco é no consumo – essenciais [energia, água, comida]. Para uma era de não-crescimento/contração, está a ser preparado um jogo diferente de Monopólio. Numa era de contracção, o foco do jogo será na vertente de consumo da economia: o controlo das necessidades essenciais da vida – água, comida, energia. Os impostos vão ser essencialmente baseados em consumo, particularmente de energia.

"Contracção e Convergência". O processo de empobrecer e negar desenvolvimento ao mundo é pirataria, mas neste caso até tem um nome: Contracção e Convergência, ou C&C, o modelo escolhido para o novo paradigma económico mundial.

Austeridade. Pobreza, miséria, etc.

Homogeneização económica no MDC. A "sociedade global" tem de se tornar homogénea, eventualmente, numa distribuição de duas classes.

Redução de uso de energia. Isto é feito através da redução a toda a linha de emissões de carbono.

Redistribuição global de capitais. Políticas de 'redistribuição de riqueza' – i.e., transferência de dinheiro de impostos ocidentais para 'outros países', sob 'pacotes de ajuda e mitigação' (o que, na prática significa que o dinheiro é transferido para bancos, corporações e ONGs em operação nesses países).

Agências internacionais. Todo o processo é coordenado por agências internacionais, como bancos de desenvolvimento económico, a ONU, o FMI, o Banco Mundial, etc.

COP 17 – Direitos da mãe-Terra, dívida climática, propostas genocidas.

COP 17 – Durban.

UNFCCC 17, Durban. A UNFCCC 17, Durban (UN Framework Convention on Climate Change) contou com a participação dos 194 estados-membro.

Artigos (incluíndo Lord Monckton). The UN Climate Change Summit in Durban. "Durban: what the media are not telling you". Christopher Monckton of Brenchley in Durban, South Africa, ClimateDepot, December 9, 2011.

Título do "draft text". "Ad Hoc Working Group on Long-term Cooperative Action under the Convention: Update of the amalgamation of draft texts in preparation of a comprehensive and balanced outcome to be presented to the Conference of the Parties for adoption at its seventeenth Session. Note by the Chair". Fourteenth session, part Four, Durban, 29 November 2011.

COP 17 – A "mãe Terra" ganha personalidade jurídica.

"Direitos da mãe Terra". O texto fala de «*The recognition and defence of the rights of Mother Earth…*»

Quem representa legalmente a mãe Terra? Consórcios globais, governo global.

COP 17 – Dívida e justiça climática, responsabilidade histórica ocidental.

"Justiça climática", "dívida climática", "responsabilidade histórica". Temos termos e conceitos como "justiça climática" (por exemplo, com o «*International Climate Court of Justice*») e "dívida climática" («*historical climate debt*»). Justiça climática é que o ocidente pague a dívida climática que, por responsabilidade histórica, contraiu para com o resto do mundo. Aqui, temos também a ideia de "responsabilidade histórica".

"Ocidente tem responsabilidade histórica" – tem de "take the lead". As nações ocidentais têm a "responsabilidade histórica" de aumentar emissões de CO2 e gerar clima quente. O esboço do tratado diz que «*…the largest share of historical global emissions of greenhouse gases originated in developed countries and that, owing to this historical responsibility, developed country Parties must take the lead in combating climate change and the adverse effects thereof*»

Tribunal Climático Internacional – ocidente é o único alvo. [International Climate Court of Justice], com o poder de forçar nações ocidentais a pagar somas cada vez maiores a países de 3º mundo como reparação por "dívida climática". O Ocidente é o único alvo.

Cap-and-trade global. «*...a new market-based approach/mechanism, under the guidance and authority of the Conference of the Parties, to promote the reduction or avoidance of greenhouse gas emissions*»

Mercado global de carbono alimentado por reduções ocidentais [desmantelamento]. «*Ambitious, legally-binding emission reduction targets for developed country Parties, taken at the international level, are essential to drive a global carbon market*». Ou seja, projectar os preços do carbono a níveis estratosféricos e desmantelar os países ocidentais no processo.

COP 17 – Justiça climática culpa ocidente pelo tempo.

Ocidente tornado culpado pelo tempo. Sob a ideia de justiça climática, Tribunal Climático Internacional, as nações ocidentais são *de facto* tornadas culpadas pelo tempo.

"Anomalias climáticas" arbitrárias são "responsabilidade histórica". Qualquer padrão arbitrariamente seleccionado de "anomalia climática" torna-se uma responsabilidade histórica do ocidente.

"Dívidas climáticas" a pagar à "mãe-Terra".

A "mãe-Terra" é legalmente representada por agências. Uma "dívida climática" a ser paga e reparada à "mãe-Terra", legalmente representada pelos consórcios de agências e companhias multinacionais que gerem o sistema de créditos carbónicos.

COP 17 – Governo global supervisiona desmantelamento ocidental.

Nações ocidentais, reguladas e fiscalizadas pelo governo global. Para assegurar cumprimento de todas as condições de "pagamento de dívida climática" que lhes são impostas. Também é a este nível internacional que são decididos os alvos de redução de emissões [ponto anterior].

Governo global financiado por taxação. «*...international shipping and aviation can be both a force for substantial reductions of global emissions, and a source of financial resources for climate change actions*»

COP 17 – Lord Monckton e os druidas da ONU.

Com a varinha mágica da ONU, a paz vai reinar pelo mundo fora.

O sol brilhará (mas não demasiado) – a chuva cairá (apenas quando e onde necessária).

Maternidade não-específica de género será disponível a todos.

Ouroborindra! – os Druidas da ONU.

«*A wave of the UN's magic wand and peace will reign throughout the Earth, the sun will shine (but not too much) the rain will fall (just where and when needed), and non-gender-specific motherhood and non-commodificated apple pie will be available to all. Ouroborindra, ba-ba hee! It does not seem to have occurred to the Druids of the UN that they have near-totally failed to prevent wars on Earth – the original purpose for which it was founded*» [Durban: what the media are not telling you". Christopher Monckton of Brenchley in Durban, South Africa, ClimateDepot, December 9, 2011]

COP 17 – Alvos genocidas de redução de emissões.

Redução de 50-85% em emissões GHG até 2050, à escala global. «*Parties [should collectively reduce][share the goal of achieving a reduction of] global greenhouse gas emissions by [at least][50][85] per cent [from 1990 levels] by 2050*»

Ocidente tem de cortar GHG em 50% até 2017, e "mais de 100%" até 2040. «*Reduce global greenhouse gas emissions **more than 100 per cent** by 2040 by Annex I Parties; sustained by short-term mitigation by Annex I Parties of more than 50 per cent by 2017… Decides that Annex I Parties… undertake ambitious national economy-wide binding targets for quantified emission reduction commitments of at least 50 per cent of their domestic greenhouse gas emissions during the period 2013 to 2017 and by more than 100 per cent before 2040, compared with their 1990 levels*». Portanto, já não há automóveis, aviões ou comboios, estações energéticas a carvão ou a gás. Nem sequer é um retorno à Idade da Pedra, porque fogueiras implicam CO2. O que isto significa é que nem sequer haveria vida – o "ocidente" seria um espaço lunar.

Única fonte de energia proposta – "renováveis". As únicas alternativas propostas no texto são turbinas de vento, painéis solares e outras "renováveis". O nuclear não está incluído. A ideia é, obviamente, destruição económica e humana em escala.

COP 17 – Redução drástica de concentração atmosférica de CO2.

Concentrações de GHG bem abaixo de 300-450 ppm – genocídio. «*Greenhouse gas concentrations in the atmosphere should stabilize [well] below [300][350][450] ppm CO2eq [and temperature increases limited to below 1.5 degrees Celsius above the pre-industrial level] (there is a scientific relationship among temperature, concentrations and emissions)*».

Isto colocaria [CO2] a 210 ppm, ponto de morte para vegetais. As concentrações de GHG na atmosfera «*should stabilize well below 300-450 ppm CO2 equivalent*». A concentração de CO2 está em 392 ppmv, e o IPCC aumenta isto em 43% ao permitir a adição de outros GHG. Portanto, a concentração equivalente a CO2 de GHG na atmosfera é de 560 ppmv, e a ideia é a de cortar isto em quase metade, reduzindo a componente de CO2 a apenas 210 ppmv [com 90 ppmv CO2 equivalent de outros gases de estufa], ponto a partir do qual árvores e plantas começam a morrer por falta de CO2 – vegetais precisam de mais de 210 ppmv de CO2 para sobreviver e prosperar.

COP 17 – Reduzir temperatura global em 2ºC.

COP 15-17 – "Limite máximo de aumento – 2ºC acima de Tº 'pré-industrial'". Em Copenhaga e Cancun, os estados-membro à UNFCCC arrogaram-se o poder de alterar o clima de forma a prevenir o crescimento da temperatura de superfície global a mais de 2ºC acima do nível "pré-industrial". Nem sequer disseram o que entendem por "pré-industrial".

COP17 – "Aumento de Tº global abaixo de 2ºC, acima de níveis pré-industriais". «*Parties should take urgent action… so as to hold the increase in global average temperature below 2 degrees Celsius above pre-industrial levels… hold the increase in global average temperature below 2°C compared to pre-industrial levels…*»

Aumento desde 1645 foi de 3ºC. Por exemplo, de 1695 a 1745, as temperaturas na Inglaterra central – um bom proxy (indicador) para temperaturas globais – aumentou em 2.2ºC, com outros 0.8ºC desde então, num total de 3ºC.

Corte de 2ºC nas temperaturas actuais – a meio caminho de uma era glaciar. O novo alvo de temperatura visa limitar o "aquecimento global" a 1ºC acima de "níveis pré-industriais", i.e., bem abaixo de metade do aumento de temperatura que já ocorreu desde a era pré-industrial. Dado que a temperatura está hoje acima desses níveis, o que está a ser proposto é um corte de 2ºC nas temperaturas actuais. Se isto fosse possível de fazer, levar-nos-ia a meio caminho para a última Era Glacial, resultando na morte de centenas de milhões. Tempo frio é bem mais perigoso que tempo quente.

Lord Monckton – Druidas, faraós e os "straight-jacketed ninnies of today".

«*This is madness. Throughout pre-history, the governing class – Druids or Pharaohs or Mayans or Incas – thought they could replace their Creator and command the weather. They couldn't. No more can we. But try telling that to the strait-jacketed ninnies of today's governing "elite"*» ["Durban: what the media are not telling you". Christopher Monckton of Brenchley in Durban, South Africa, ClimateDepot, December 9, 2011]

COP15.

COP15 – WBSCC.

O COP15 começou a ser preparado no WBSCC, meses antes. Vale a pena notar que as decisões de nota tomadas no COP15 começaram a ser preparadas na World Business Summit on Climate Change (WBSCC), em Maio em Copenhaga, seis meses antes do COP15. As decisões tinham muito pouco a ver com protecção ambiental; eram antes uma agenda de negócios usando o ambiente como pretexto e justificação.

Climate Council: The World Business Summit on Climate Change

Al Gore challenges business leaders in Copenhagen

COP15 Treaty Draft.

Monckton – Tratado incluía termo "governo mundial".

(**LM – 4:00**) A Treaty Draft was produced by the bureaucracy which acts as the secretariat of the UNFCCC, which was first put into place at the Rio Earth Summit in 1992. The Treaty Draft of September 15th, last year, which proposed the establishment of this world government, actually contained the word government used in that global context for the first time in any seriously contemplated international treaty.

(**LM – 6:00**) In the 186 pages of this world government treaty not once did the world election, ballot or vote, occur, in any context.

COP 15 Treaty Draft – "Government, facilitative mechanism, financial mechanism"

«*The scheme for the new institutional arrangement under the Convention will be based on three basic pillars:* ***government; facilitative mechanism****; and* ***financial mechanism****. The* ***government*** *will be ruled by the Conference of the Parties to the UN Framework Convention on Climate Change with the support of a new subsidiary body on adaptation, and of an Executive Board responsible for the management of the new funds and the related facilitative processes and bodies. The current Convention secretariat will operate as such, as appropriate.*» (Copenhagen Treaty draft of September 15, 2009, para. 38) World Government Notes By UNFCCC Secretariat

Descrição. O esboço do tratado descreve-o como «*a facilitative mechanism drawn up to facilitate the design, adoption and carrying out of public policies, as the prevailing instrument, to which the market rules and related dynamics should be subordinate*»

“Financial mechanism” significa taxação pela ONU. Taxação sem representação, à escala global.

“Facilitative mechanism” significa poderes institucionais de coerção e suasão. Como organizações, regulações, poder policial.

Um governo mundial com plenos poderes institucionais. Em breve, isto inauguraria um governo com poderes à escala planetária, dotado de poderes de taxação, de um edifício organizacional de apoio e da capacidade de impor regras e regulações a todos os indivíduos no planeta.

COP15, para instaurar um novo sistema mundial [artigos].

wash post - cop15, new world order

Ban Ki-Moon, COP15, nytimes editorial, calling for world government

Copenhagen Accord Establishes Global Government Framework

Has Anyone Read the Copenhagen Agreement - U.N. plans for a new 'government' are scary.

COP15 – 2ºC.

Monckton – COP15 decreta um decréscimo de 2ºC…

(**LM – 12:15**) “And even if it were possible by such methods of intervention to regulate the climate...” (LM – 13:15) The arrogance of our governing class today is so fautuous that they declared in Copenhagen that they decreed that the world's population should not rise above 2ºC, and no one in the media said, wait a minute, just how absurd is that?

Danish Text. Guardian - Danish text

COP15 exige redução populacional. COP15 - Population control called key to deal

COP15 exige taxação de carbono. Copenhagen Con Men Launch Global Carbon Tax Heist

Hipocrisia ambiental no COP15. Copenhagen climate summit - 1,200 limos, 140 private planes and caviar wedges

GORDON BROWN – No COP 15.

Abordagem comum, progresso em passos, temperatura não sobe acima de 2ºC. (common approach, steps of progress, goal that global temperatures should not rise above 2ºC)

Transferência de 100B USD até 2020, para "países em desenvolvimento". (100B USD by 2020 to help 'developing countries') «*it will provide a 100B dollars of climate finance by 2020 to help developing countries tackle climate change*"... "*and these steps will have to be the first of many steps we take to create the green and low carbon future we want*»

Necessidade de um "legally binding outcome". (legally binding outcome – Cancun)

Uma organização europeia para monitorizar "evoluções". (a european organization to monitor 'evolutions')

AL GORE – Gore mente sobre calotes polares no COP15.

gore cop15 - lies about polar ice caps (Insinua que existem 75% de hipóteses de que o Ártico Norte esteja livre de gelo durante o Verão em 5 a 7 anos)

COP15 – EU policia emissões à escala global.

[***mais em Gordon Brown no COP15***]

Copenhagen climate summit - Plan for EU to police countries' emissions

There'll be nowhere to run from the new world government

Spy Drones To Enforce CO2 Regulations

COP15 – Green Fund é base para governo mundial.

COP15 estabeleceu o Green Fund.

EXCLUSIVE – British Peer - Copenhagen Summit Has Established A World Government

Final Copenhagen Text Includes Global Transaction Tax

Green Fund: um fundo "para mitigação e adaptação". Ivo de Boer, ***UN briefing on COP15*** (não diz nada de novo, apenas que vai haver um "fundo para mitigação e adaptação")

COP 16.

COP16 – Migrações forçadas – Racionamento – De-desenvolvimento.

Deslocalização de populações. «…the implementation of relocation programs for human settlements and infrastructure in high risk areas»

Racionamento de electricidade, comida, combustível. A Royal Society publicou uma série de relatórios que acompanharam Cancun, que declararam que racionamento de crise (como acontece em tempo de guerra) deveria ser implementado pelos governos ocidentais, como forma de diminuir emissões de CO2. Aqui estamos a falar de limitações de electricidade e do consumo de todo o tipo de produtos que envolvam emissões fósseis. Um exemplo: "*Food that has travelled from abroad may be limited and goods that require a lot of energy to manufacture*." Isto envolveria um "*carbon ration card*".

Congelar desenvolvimento económico ocidental. Durante 20 anos, nos mesmos relatórios do ponto anterior.

COP16 – ONU e governos regionais decidem alocação de indústria e novas tecnologias. A ONU (e os governos regionais) decidem a alocação de 'dinheiro e recursos públicos' para o desenvolvimento de novas tecnologias (ou seja, para corporações específicas); para programas de desenvolvimento (bancos, corporações e ONGs); e para licenças de utilização de tecnologias específicas. Só se vão poder usar as tecnologias aprovadas, dos actores de mercado aprovados. Que novas indústrias podem ser montadas, e onde. Ou seja, uma nova era feudal. Neo-feudalismo, servidão.

COP16 em Cancun estabelece a infrastrutura do governo mundial.

UNFCCC Secretariat torna-se a comissão executiva do governo mundial. O Secretariado da Convenção da ONU torna-se a comissão executiva de um governo mundial, controlando directamente centenas de organizações e burocracias, ao nível global, supranacional, regional, nacional e sub-nacional.

Poder ilimitado para impor ukases e diktats. O Secretariado não vai apenas ter o poder de pedir aos estados-nação para cumprir as suas obrigações sob a Convenção, mas também o poder de os compelir a fazê-lo. Vai ser exigido aos estados-nação que recolham, compilem e submetam vastas quantidades de informação, de uma maneira a ser especificada pelo Secretariado e pelo crescente exército de corpos subsidiários. Com base na análise dos dados recolhidos, estas organizações dizem aos estados-nação o que fazer.

Organizações dão ordens ao estado-nação, como acontece no modelo europeu.

As quatro fases da UE. (1) Funcionava como secretariado para assegurar trocas de carvão e aço; (2) Como um registo, exigindo aos estados-membro a submissão de

informação; (3) Como uma entidade de revisão, fiscalização e aconselhamento; (4) Como última autoridade legal, com o poder soberano de criar leis para todos os estados-membro.

“Capacity Building”, com centenas de novas organizações. Centenas de novas burocracias interligadas, responsáveis apenas perante o Secretariado. Muitas das novas burocracias estão disfarçadas de “capacity-building in developing countries”. Isto não tem nada a ver com indústria ou outras aplicações economicamente úteis. Significa apenas a instalação e financiamento de centenas de organizações que só respondem perante o Secretariado.

Esta é a conclusão óbvia do modelo burocrático de 6000 anos. De Babilónia, ao Império Bizantino, ao Império Otomano, as burocracias formidáveis da Alemanha Nazi e da Rússia Soviética, o vasto império de dezenas de milhares de eurocratas.

Em adição a estas centenas de organizações, surgem... Em adição a múltiplas novas burocracias em cada um dos 193 estados assinantes da Convenção, haverá:

- an Adaptation Framework Body;
- a Least Developed Countries’ International Center to Enhance Adaptation Research;
- National Adaptation Institutions,
- a Body to Clarify Assumptions and Conditions in National Greenhouse-Gas Emission Reductions Pledges
- a Negotiating Body for an Overall Level of Ambition for Aggregate Emission Reductions and Individual Targets;
- an Office to Revise Guidelines for National Communications;
- a Multilateral Communications Process Office,
- a Body for the Process to Develop Modalities and Guidelines for the Compliance Process,
- a Registry of Nationally Appropriate Mitigation Actions by Developed Countries,
- a Body to Supervise the Process for Understanding Diversity of Mitigation Actions Submitted and Support Needed,
- a Body to Develop Modalities for the Registry of Nationally Appropriate Mitigation Actions,
- an Office of International Consultation and Analysis;
- an Office to Conduct a Work Program for Development of Various Modalities and Guidelines;
- a network of Developing Countries’ National Forest Strategy Action Plan Offices;
- a network of National Forest Reference Emission Level And/Or Forest Reference Level Bodies;
- a network of National Forest Monitoring Systems;
- an Office of the Work Program on Agriculture to Enhance the Implementation of Article 4, Paragraph 1(c) of the Convention Taking Into Account Paragraph 31;
- one or more Mechanisms to Establish a Market-Based Approach to Enhance the Cost-Effectiveness Of And To Promote Mitigation Actions;

- a Forum on the Impact of the Implementation of Response Measures;
- a Work Program Office to Address the Impact of the Implementation of Response Measures;
- a Body to Review the Needs of Developing Countries for Financial Resources to Address Climate Change and Identify Options for Mobilization of Those Resources;
- a Fund in Addition to the Copenhagen Green Fund;
- an Interim Secretariat for the Design Phase of the New Fund;
- a New Body to Assist the Conference of the Parties in Exercising its Functions with respect to the Financial Mechanism;
- a Body to Launch a Process to Further Define the Roles and Functions of the New Body to Assist the Conference of the Parties in Exercising its Functions with respect to the Financial Mechanism;
- a Technology Executive Committee;
- a Climate Technology Center and Network;
- a Network of National, Regional, Sectoral and International Technology Centers, Networks, Organization and Initiatives; Twinning Centers for Promotion of North-South, South-South and Triangular Partnerships with a View to Encouraging Co-operative Research and Development;
- an Expert Workshop on the Operational Modalities of the Technology Mechanism;
- an International Insurance Facility;
- a Work Program Body for Policy Approaches and Positive Incentives on Issues Relating to Reducing Emissions from Deforestation and Forest Degradation in Developing Countries;
- a Body to Implement a Work Program on the Impact of the Implementation of Response Measures;
- and a Body to Develop Modalities for the Operationalization of the Work Program on the Impact of the Implementation of Response Measures.

<u>Orçamento para ainda mais propaganda...</u> A nota do Chairman contém várias menções à noção de que as pessoas do mundo precisam de receber ainda mais suposta informação sobre alterações climáticas. Ou seja, são necessários blitzes de propaganda, com infantilidades sobre ursos polares e mentiras descaradas sobre glaciares e coisas deste género, usando actores como Al Gore.

<u>Este orçamento complementa a credulidade dos media [Monckton]</u>. O Secretariado já tem a colaboração de media acríticos, aquiescentes e cientificamente iletrados. Como Lord Monckton escreveu:

«*The Secretariat already has the advantage of an uncritical, acquiescent, scientifically illiterate, economically innumerate and just plain dumb news media: now it will have a propaganda fund to play with as well*»

<u>Global Green Economy</u>.

Global Green Economy – UNEP Green Economy Initiative.

Green Economy Initiative (UNEP) visa alienação de TODOS os recursos do planeta. Criar um quadro regulatório de todos os recursos naturais do planeta e centralizar a sua exploração económica em agências globais.

Global Green Economy – Gordon Brown, Global New Deal.

Global New Deal – Gordon Brown. O "global green new deal" de Gordon Brown exige «*It would require all continents to make cash injections to boost economies, all countries to adopt green policies, universal banking reforms and changes to international bodies, he suggested*»

"New world order to save Earth". [gordon brown - new world order to save earth]

Global Green Economy – COP16, Ocidente paga a transição e é desmantelado. Centenas de provisões, exigindo financiamento, pago pelos países ocidentais.

Dinheiro ocidental – ONU – Multinacionais, ONGs e cleptocratas no 3º mundo. Nem um tostão irá para projectos realmente construtivos nos países pobres.

Tranferir triliões de dólares de capital ocidental.

O governo mundial é financiado por taxação e endividamento ocidental.

$100 biliões por ano, 1.5% do PIB. Os países ocidentais vão conjuntamente pagar $100 biliões por ano até 2020 a um novo Fundo da ONU – o "Green Fund". Para manter esta soma a par do PIB, o Ocidente pode comprometer-se a pagar 1.5% do PIB à ONU, por ano. Isso é mais do que o dobro dos 0.7% do PIB que a ONU recomendou ao Ocidente que pagasse em ajuda externa, durante o século passado.

Reestruturação de governância nacional e privatização em massa. O processo de governo global, economia verde global, exige ainda a reestruturação completa das estruturas de governância nacionais, o que significa essencialmente top-down a partir dos níveis global e regional, e privatização em massa.

Este é o processo definitivo para a destruição do estado-nação. Sob o peso de dívidas inultrapassáveis e exploração interna levada a um grau inconcebível.

Global Green Economy – ONU exige $76 triliões durante 40 anos.

O Stern Report exige 2% do WGP, $45 triliões. A ONU tem vindo a escalar as suas estimativas de custos. O primeiro Stern Report exigia 1% do WGP global. Mas isso não era suficiente e, em 2008, Stern refez as contas e disse que era necessário 2%.

A IEA pretendia $45 triliões.

Global new deal, para sistema global, transferência de riqueza no valor de $45 triliões. O "global new deal" visa criar uma "green world order" até ao Rio II. Este sistema será mantido por uma estrutura de governância global e financiado por uma gargantuana transferência de riqueza dos países mais ricos, no valor de $45 triliões. Isto é descrito como uma «*radical transformation of the world economic and social order*», por meio de um novo tratado. A ideia é centralizar poder e esmagar a soberania, enquanto a economia é devastada. [Leaked UN Documents Reveal Plan For Green World Order By 2012]

Delingpole – $45 triliões, "an excuse to tax humanity on a scale never before envisaged".

Delingpole – agw, the beast, taxation, 45 trillion (It is an excuse to tax humanity on a scale never before envisaged. They are talking, the IEA, it is gonna cost 45 trillion dollars, now the human mind can not even conceive what a billion looks like.)

Agora, a ONU exige $76 triliões. A ONU já exigia $45 triliões de investimento "verde", primariamente do 1º mundo. Agora a parada aumentou. Um novo relatório, World Economic and Social Survey 2011, exige 76 triliões (1.9 triliões anuais) durante 40 anos, de investimento "verde".

«*Over the next 40 years, $1.9 trillion (1.31 trillion euros) per year will be needed for incremental investments in green technologies*,» the UN Economic and Social Affairs body said in its annual survey.

«*At least one-half, or $1.1 trillion per year, of the required investments will need to be made in developing countries to meet their rapidly increasing food and energy demands through the application of green technologies*» -- aqui, leia-se comida geneticamente modificada.

"Ninguém precisa de mais de $10.000/ano". Ao mesmo tempo, o relatório afirma, de cara séria que nenhum de nós precisa de ganhar mais do que $10,000 por ano. É claro que isto não inclui os burocratas das agências internacionais, que não conseguiriam viver sem os seus spas e os seus voos em 1ª classe.

«*For example, taking life expectancy as an objective measure of the quality of life, it can be seen that life expectancy does not increase much beyond a per capita income of about $10,000. Similarly…cross-country evidence suggests that there are no significant additional gains in human development (as measured by the human development index) beyond the energy-use level of about 110 gigajoules (GJ) (or two tons of oil equivalent (toe) per capita.*»

Também é exigido racionamento de energia, roubo de propriedade, controlo sobre todas as actividades humanas no planeta. O WESS 2011 exige ainda racionamento de energia pelo planeta fora, a erosão de direitos de propriedade, e controlo internacional sobre todas as actividades humanas no planeta.

Artigos.

UN World Economic and Social Survey 2011

UN reveals its master plan for destruction of global economy

UN Demands $76 Trillion for "Green Technology"

World needs $1.9tn a year for green technology – UN

UN Claims Going Green to Cost $76 Trillion

EARTH CHARTER.

A Earth Charter Commission é estabelecida em 2000.

Fusão entre Earth Council e Green Cross Internacional. Formada a partir do Earth Council (criado por Maurice Strong) e da Green Cross International (Gorbachev).

Esta é uma agência privada.

Earth Charter é publicada em 2000. Em 2000 é publicado o texto final da Earth Charter.

Excesso de população, ONU como governo global. Os pontos essenciais da Carta são os de que a humanidade está a destruir o planeta e existe excesso de população. A ONU deve guiar o processo de 'salvação' da Terra, e os governos nacionais devem aceitar um papel de subordinação à mesma.

Nega quaisquer direitos a seres humanos. Um ponto a notar na Carta é o de que atribui direitos a todas as criaturas concebíveis e imaginárias à face da Terra, exceptuando seres humanos. Esses são meros parasitas poluidores e não têm direitos; têm o dever de ser empobrecidos e reduzidos. Exceptuando, claro, os seres humanos especiais, como Maurice Strong e Gorbachev.

Adoptada por ONU, ONGs, governos e localidades. Desde então, foi adoptado pela ONU, por muitas facções religiosas, por incontáveis ONGs e pela maioria dos governos do mundo. Se vive no mundo ocidental, é muito provável que este documento genocida elaborado por entidades privadas tenha sido adoptado como directiva pela sua localidade, senão pelo seu governo nacional.

Oficialmente promovido por UNCED, UNESCO, UNEP. Entre outras agências globais.

Earth Charter – Corporativismo global, austeridade, de-desenvolvimento, ICED.

"A Terra está viva". Declara que «*the Earth, our home, is alive… the Earth has provided the conditions essential to life's evolution*».

Impor austeridade e congelar desenvolvimento.

"Actuais padrões de produção e consumo estão a destruir a terra".

"É preciso mudar valores, instituições e modos de vida". «*Fundamental changes are needed in our values, institutions, and ways of living*»

"Desenvolvimento humano é sobre ser mais, não ter mais...isto é espiritual". «*We must realize that when basic needs have been met, human development is primarily about being more, not having more…*» Isto é um «*spiritual challenge*».

[Ou seja, destruir padrões de vida no mundo ocidental, impedir desenvolvimento do 3º mundo].

Earth Charter pretende corporativismo global.

Parceria entre governo, sociedade civil e sector de negócios. «*Therefore, together in hope we affirm the following interdependent principles for a sustainable way of life as a common standard by which the conduct of all individuals, organizations, businesses, governments, and transnational institutions is to be guided and assessed…The partnership of government, civil society, and business is essential for effective governance*»

Earth Charter exige um tratado global e todo-abrangente. Em conclusão, a Charter diz-nos que «*In order to build a sustainable global community, the nations of the world must renew their commitment to the United Nations, fulfill their obligations under existing international agreements, and support the implementation of Earth Charter principles with an international legally binding instrument on environment and development*»

Isto é o ICED.

Earth Summit II.

Rio Earth Summit II, para culminar o processo de construção do governo global. Ou seja, World Summit on Sustainable Development, no Rio de Janeiro, pelo 20º aniversário da "Earth Summit". Esta é a culminação do processo de construção do governo global, centrado no Secretariat da UNFCCC.

Energias alternativas – PHILLIP BRATBY.

Phillip Bratby – Relatório à Câmara dos Lordes.

Phillip Bratby, físico, consultor no sector energético. First class honours degree em Física, do Imperial College of Science and Technology (London University), doutoramento em Física, de Sheffield University. Consultor no sector energético.

Phillip Bratby – Pré-requisitos para segurança energética.

Capacidade de geração estável, acima da procura máxima (Inverno).

É preciso ter estações energéticas de base (e.g., nuclear).

Fontes secundárias (e.g., carvão, gás, algumas renováveis como hidro-eléctrica).

«*Security of supply implies firm generation capacity with a margin above the peak (winter) demand. The firm generation is supplied by baseload power stations (such as nuclear) and despatchable (controlled by the grid) power (such as coal, gas and certain renewables such as hydro-electric)…*» Memorandum by Dr. Phillip Bratby, "The Economics of Renewable Energy". United Kingdom Parliament, House of Lords, Economic Affairs Committee, 15 May 2008.

Phillip Bratby – Eólica não oferece segurança energética.

Como físico, é-me ofensiva a sugestão de energia a larga escala a partir de eólica.

(1) Vento tem muito baixa densidade energética.

A da água é 1000x maior, a de fósseis é 1Bx maior, a da nuclear é 1Tx vezes maior.

Logo, turbinas de vento têm de ser enormes para capturar alguma energia útil.

(2) Variabilidade do vento.

Turbinas só produzem electricidade a 25-30% da sua capacidade.

(3) Intermitência e imprevisibilidade não permitem responder a procura.

Geração intermitente, imprevisível, não despachável.

Não responde a procura máxima (Inverno), por falta de vento nesta fase.

Portanto, turbinas têm de funcionar em conjunto com fontes de backup.

Consumidores estão a pagar por duas formas de geração eléctrica.

Estações convencionais, para assegurar procura.

E estas turbinas que só substituem as estações convencionais quando funcionam.

<u>(4) Eólica pode provocar problemas técnicos na rede</u>.

«*As a physicist, it offends my learning, experience and intelligence to attempt to produce electricity on a large scale from wind power. This is for four reasons. Firstly because of the very low energy density of wind (the energy per volume of moving air). For comparison and in round terms, the energy density of moving water is about 1,000 times as great, that of fossil fuels (coal, oil, liquefied gas) is about 1 billion times as great and that of nuclear is about 1 million billion times as great. Thus wind turbines have to be enormous to capture a useful amount of energy… [Also] because of the variability of the wind, wind turbines only produce electricity at about 25% to 30% of their rated output (capacity or load factor). Fourthly, because of the intermittency and unpredictability of wind the electricity production bears no relation to the demand for electricity… Neither on-shore nor off-shore wind power stations contribute significantly to the security of supply because the electricity is intermittent, unpredictable and is embedded on the grid (not despatchable). Invariably peak winter demand occurs during extreme cold weather when a high pressure system settles across northern Europe and drags in cold continental air with little wind. Even with wind turbines distributed widely across the UK, under these low wind conditions, little electricity would be generated by wind turbines… Although the wind is a renewable source of energy, wind turbines can only operate on the grid in conjunction with backup generation to ensure demand is met when the wind fails. For this reason, it has been claimed that wind-generated electricity cannot be classed as renewable… Because of the intermittency and unpredictability of the wind and thus of the electricity generated by wind turbines, wind turbines cannot replace a significant number of conventional power stations. Thus wind turbines are being constructed as a secondary source of electricity. In essence, the consumer is paying for two sets of electricity generation; the conventional despatchable power stations, necessary to meet demand at all times and wind turbines which operate only when the wind blows and which then displace despatchable power stations… embedded electricity can flow the wrong way if there is not sufficient downstream demand. This can cause grid problems… Electricity cannot be stored on the grid and grid voltage and frequency are maintained in tight margins to protect sensitive equipment. This is not normally a problem, the grid having operated successfully for over 60 years. This is because demand is accurately predictable and despatchable power sources of various response times are available to match the grid. However, with increasing amounts of intermittent and unpredictable embedded generation on the grid, control becomes increasingly more difficult. This can lead to grid failure and collapse as has happened recently across a large part of Europe and in Texas*» Memorandum by Dr. Phillip Bratby, "The Economics of Renewable Energy". United Kingdom Parliament, House of Lords, Economic Affairs Committee, 15 May 2008.

Phillip Bratby – Eólica não oferece segurança energética (2).

Turbinas de vento são enormes e muito ineficientes.

Comparar uma central nuclear com turbinas de vento é como queijo para giz.

Uma dá energia segura e fiável, outra é intermitente, imprevisível, incontrolável.

«*In summary, wind turbines are enormous, produce a pathetically small amount of electricity, intermittently, unpredictably and not when it is most required… comparing a nuclear power station producing baseload electricity with a wind power station producing intermittent, unpredictable and uncontrollable electricity is like comparing chalk and cheese*» Memorandum by Dr. Phillip Bratby, "The Economics of Renewable Energy". United Kingdom Parliament, House of Lords, Economic Affairs Committee, 15 May 2008.

Phillip Bratby – Eólica favorece proprietários de terras.

Eólica exige vastas áreas de terreno – muito mais que estações convencionais.

[Para mesmo output] Central nuclear – 500m2 / Turbinas – 20-25km2.

[Mas isto é *óptimo* para proprietários de terras – feudalistas].

«*…because of the low energy density of wind and the large separation distance required between individual turbines, the area of land affected by wind power stations is proportionally greater than that of traditional power stations. For example 100m tall wind turbines of 2MW rated power need to be spaced several hundred metres apart and not close to dwellings and roads. Thus except in remote areas, about four wind turbines can be accommodated per square kilometre of land. This is not dissimilar to the figure for nuclear power stations or gas-fired power stations. For comparison purposes, and taking into account capacity (or load factors), the land area covered by a wind power station of the same energy output as a nuclear power station would be about 2000 times as great (or an area of land 20km by 25km would be covered by wind turbines to produce the same electrical output as one nuclear power station occupying an area of land 500m square)*» Memorandum by Dr. Phillip Bratby, "The Economics of Renewable Energy". United Kingdom Parliament, House of Lords, Economic Affairs Committee, 15 May 2008.

Energias alternativas

“FEAR OF FUSION” – Fusão – Pessimismo anti-humano, anti-tecnológico.

Artigo muito importante, no LA Times, em 1989. Paul Ciotti, “Fear of Fusion: What if It Works?”, Los Angeles Times, April 19, 1989

Rescaldo de anúncio sobre fusão a frio. Surge no rescaldo de um estudo no qual dois cientistas no Utah afirmam ter atingido [“room-temperature nuclear fusion”].

→ O conceito de fusão a frio. A ideia de fusão a frio é a de produzir energia nuclear de uma forma infinitamente mais segura que a actual fusão nuclear, a quente. A energia resultante seria incrivelmente barata e potencialmente inesgotável. É algo que valeria a pena estudar, investigar, desenvolver. Ao longo dos últimos 50 anos, os cientistas que se interessaram por este tema, tiveram de se confrontar com questões como campanhas de difamação, despedimentos e até, em certos casos, assassinatos.

Artigo lida com abutres e hienas. O artigo depois lida com as reacções de hienas e abutres, no que é um coro pantanoso de pessimismo e maledicência anti-humana.

“Excesso de população, uso de recursos”. O pior de tudo, seria que energia inesgotável permitiria um aumento de população na Terra e um aumento no uso de recursos.

EHRLICH – Energia barata e inesgotável, “like giving a machine gun to an idiot child”. A ideia de energia barata e infinita proveniente de fusão é [the prospect of cheap, inexhaustible power from fusion is] «*like giving a machine gun to an idiot child*». Paul Ehrlich, Stanford University.

“Fusão não resolverá problemas do 3º mundo – é irrelevante”. E mesmo que a fusão funciona bem, diz-nos Ehrlich, não será uma panaceia, uma vez que a maior parte dos problemas no Terceiro Mundo são sociais, políticos ou económicos, não tecnológicos (?): «*The idea that you can solve the human dilemma with a single technological breakthrough is incorrect*».

“Mesmo que funcione, não interessa, porque o mundo vai acabar em 2020”. Ehrlich depois observa que, mesmo que a fusão funcionasse, isso nem sequer serviria de nada, uma vez que por 2020 o mundo já teria sucumbido a excesso de população, fome, aquecimento global e chuva ácida.

LAURA NADER – “Usar energia não melhora qualidade de vida”. Depois temos Laura Nader, antropóloga da UC Berkeley, que observa que muitas pessoas assumem que energia barata e mais abundante significará melhores condições para a humanidade «*and there is no evidence for that*». Entre 1950 e 1970, Nader diz, houve «*a doubling of*

energy use» enquanto que, ao mesmo tempo, os indicadores da qualidade de vida declinaram.

RIFKIN – "The worst thing that could happen to our planet". «*It's the worst thing that could happen to our planet… Fusion energy is an expedient short-lived diversion to the real problem... It gives some people the false hope that there are no limits to growth and no environmental price to be paid by having unlimited sources of energy... Even if one component is cheap... you pay the price somewhere else*» Jeremy Rifkin, activista ambiental, sedeado em Washington D.C.

Capacidade para destruir recursos, criar desperdício. Argumenta que energia infindável dá ao homem a capacidade infinita de acabar com os recursos do planeta, destruir o seu frágil equilíbrio e criar desperdício humano e industrial a uma escala inimaginável.

A Era do Progresso é uma ilusão. «*The Age of Progress is really an illusion*». Muito mais pessoas passam fome hoje que em qualquer outra época histórica. «*There has never been a previous example of that. And yet we continue to delude ourselves with the illusion that this is the Age of Progress*»

HOLDREN – Fusão pode ter componentes perigosos – logo, nem investigar. John Holdren também é citado. A fusão talvez possa produzir subprodutos perigosos, como radiação e tritium, arrisca Holdren. Portanto, nem sequer se desenvolva, simplesmente coloque-se de parte.

EXTRA – LOVINS. «*Complex technology of any sort is an assault on human dignity. It would be little short of disastrous for us to discover a source of clean, cheap, abundant energy, because of what we might do with it*» Amory Lovins, Rocky Mountain Institute [Cit. in U.S. Department of Energy (2000). "Programmatic EIS for Accomplishing Expanded Civilian Nuclear Energy Research and Development and Isotope Production Missions in the United States, Including the Role of the Fast Flux Test Facility: Environmental Impact Statement, Volume 3, Book 2"]

Nuclear.

Nuclear 4% de uso energético global. A energia nuclear equivale a cerca de 4% do uso global de energia.

Não gera CO2, porém raramente é contemplada por "indústria verde". Com a semi-honrosa excepção de pessoas como James Lovelock.

RIFKIN, EHRLICH, LOVINS – Negam hipótese de alternativas energéticas reais. The only sources of power that the big boys are willing to allow are wind and sunlight.

[Em <u>“FEAR OF FUSION – Fusão – Pessimismo anti-humano, anti-tecnológico”</u>]

Energia alternativa – Commonwealth, Suécia, Dinamarca, Espanha, Alemanha, Holanda.

<u>Commonwealth, Alemanha, Espanha, na ponta de lança em eólica</u>. Países como UK, EUA, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Alemanha, Espanha e Dinamarca estão a apostar em subsidiar energia eólica às custas de fontes seguras de geração de energia.

<u>França ou Suécia prioritizam segurança energética</u>. Isto entra em contraste com as políticas de França ou Suécia, que colocam segurança energética como prioridade.

<u>DINAMARCA – Energia cara, necessidade de importar energia</u>. A Dinamarca construiu mais turbinas eólicas per capita que qualquer outro país, o que lhes deu os mais altos preços de electricidade na Europa, ao mesmo tempo que têm de importar muita da sua energia do estrangeiro.

<u>ESPANHA – O furacão económico espanhol</u>. Em Espanha, o exercício provou ser um desastre nacional. [Espana admite que la economia verde que vendio a Obama es una ruina]

Cada emprego no sector verde tem o custo de 2.2 empregos tradicionais.

Energia mais cara. O aumento do sobrecusto desta indústria explica mais de 120% da variação do preço de factura.

Solar – Ineficiência – Energia mais cara – Dependente de fortes subsídios. Os proprietários de centrais solares ganham 12 vezes mais do que o que é pago pela energia proveniente de combustíveis fósseis. A maior parte são custos acrescidos ao consumidor. Ao mesmo tempo, a percentagem representada pela energia solar fotovoltaica no sobrecusto das renováveis é de 53%, ao passo que contribui com apenas 11% da energia produzida por essas fontes.

<u>ALEMANHA – Forçada a construir centrais de carvão</u>. Na Alemanha, que construiu mais turbinas que qualquer outro país no mundo, são agora forçados a construir novas estações, à base de carvão.

<u>HOLANDA – Subsidiação de renováveis cortada</u>.

Turbinas de vento – Ineficiência económica – Subsidiação e custos acrescidos.

<u>Artigos</u>. Old Boys' Club, Windfarm and Taxpayers' Money – £250bn wind power industry could be the greatest scam of our age

Subsidiação, prejuízos passados ao consumidor. Dependem pesadamente de subsídios governamentais para dar lucro. Passam prejuízos ao consumidor, com aumento de preços.

Elevados custos de manutenção.

O esquema beneficia proprietários de terra e investidores – **lucros e subsídios**. O esquema está a beneficiar essencialmente investidores e proprietários de terras. Por exemplo, em Inglaterra, entre os maiores potenciais beneficiários está o Duque de Roxburghe, cujo esquema planeado de 48 turbinas na sua propriedade escocesa geraria um valor estimado de £30m por ano, partilhado com developers. Cerca de £17m viria de subsídios de consumidores.

Subsidiação – Turbinas centrifugam dinheiro público. No UK, uma típica turbina de 3 megawatts gera receitas de cerca de £670,000 por ano, das quais £350,000 vêm de subsídios. Dado que as máquinas custam £2-3m e têm um tempo de vida de cerca de 25 anos, os lucros para operadores são consideráveis, mesmo considerando os custos de manutenção. Num caso particular, uma turbina funcionou tão mal (trabalhando a 15% da sua capacidade) que o subsídio governamental de £130,000 dado aos seus proprietários foi mais do que as £100,000 de electricidade produzidas durante o último ano. Dependendo dos casos, a indústria eólica recebe um subsídio público equivalente a 100% ou até mesmo 200% do valor do que realmente produz.

ROCs – Custos passados aos consumidores. [Renewables Obligation Certificates, certificados de obrigações renováveis]. Um operador de energias renováveis pode pedir um ROC por cada megawatt hour de electricidade que é produzido. Uma turbina de 3MW produz cerca de 7000 megawatt hours por ano, com a electricidade a render £320,000 e os ROCs outros £350,000 a preços correntes. As companhias de electricidade estão obrigadas a comprar ROCs [como offsets?] para cumprir com alvos governamentais para energia renovável, mas passam o custo aos consumidores.

Turbinas de vento – Ineficiência energética.

Capacidade real versus capacidade potencial. Quando se fala da "capacidade" de uma turbina, está-se a falar da quantidade total de energia que a mesma tem a capacidade potencial de produzir. O produto real das turbinas está em média por volta de um quarto da sua capacidade. Num caso em Inglaterra, uma firma Sueca abriu aquilo que é agora a maior quinta de turbinas offshore, na costa de Kent, a um custo de £800 milhões. A sua capacidade estava estimada a 300 megawatts, suficiente para providenciar energia "verde" a dezenas de milhares de lares. Porém, o output real vai estar na média de uns meros 80 megawatts, um décimo do que é providenciado por uma central de gás. O subsídio pago será de £60 milhões por ano, ou £1.5 biliões durante o tempo de vida de 25 anos das turbinas.

Períodos sem vento não produzem energia. Durante os períodos sem vento, a contribuição das turbinas eólicas é minúscula. Por exemplo, durante as semanas do Natal no UK, o país teve de importar vastas quantidades de energia de reactores nucleares em França.

Necessidade de existência de backups. Portanto, é preciso haver fontes energéticas de backup, à base de combustíveis fósseis, para compensar as alturas em que o fornecimento de energia eólica não é suficiente.

São precisas 3500 turbinas para produzir o mesmo que uma central convencional.Os megawatts providenciados por 3500 turbinas são inconsequentes. Não mais do que o output de uma única power station convencional, de tamanho médio. Portanto, os espaços rurais são repletos destas máquinas monstruosas, para produzir quantidades de electricidade que poderiam ser providenciadas por centrais energéticas convencionais a um décimo do custo.

Turbinas de vento – Outros dados.

Exigem demasiado espaço. São precisos 2500 kms2 de espaço rural para produzir um gigawatt.

Propensas a acidentes. Quando as pás caiem por terra.

Construção e instalação de turbinas gera emissões de CO_2. A construção das turbinas gera enormes emissões de CO_2 como resultado da minagem e processamento dos metais usados, do cimento (carbon-intensive) necessário para as suas enormes fundações de concreto, a construção de milhas de estradas geralmente necessárias para levar as turbinas para os locais.

Turbinas de vento – Rare Earth Elements.

Também necessários para o Prius, ou para lâmpadas “verdes”.

Processo de produção de terras raras é incrivelmente poluente. As tecnologias verdes, como turbinas de vento, os motores do Prius ou lâmpadas 'verdes', dependem do fornecimento de elementos minerais conhecidos como terras raras. Os permanent magnets usados para produzir uma turbina de vento de 3mW contêm cerca de 2 toneladas de terras raras. A extracção e o processamento destes minérios é altamente perigoso e poluente para os solos, ar, e água (usa químicos tóxicos, como ácidos, sulfatos, amónia, produz emissões atmosféricas de fluorine e enxofre). Os trabalhadores praticamente não têm protecção.

Coloca o mundo dependente da China. A China produz 95% da world supply de terras raras.

Existe escassez de terras raras, o que promete preços progressivamente maiores.
Escassez de terras raras, o que promete preços cada vez maiores.

[Shortage of Rare Earth Minerals May Cripple U.S. High-Tech, Scientists Warn Congress]

Turbinas de vento – EREC/IPCC fazem lobbying sob capa de ciência.

IPCC – "80% necessidade energética mundial pode ser suprida com renováveis".

"Governos têm de investir em massa". Num relatório IPCC recentemente lançado, é afirmado que o mundo inteiro vai depender em breve de energia renovável, portanto os governos têm de começar a subsidiar estas indústrias de imediato. É afirmado que «*Close to 80 percent of the world's energy supply could be met by renewables by mid-century if backed by the right enabling public policies a new report shows*».

Dados científicos tirados de um panfleto – Greenpeace e EREC.

EREC – "European Renewable Energy Council". Since this statement was supposedly based on actual scientific research, Steve McIntyre, editor of the Climate Audit blog, did what the IPCC must have assumed nobody would bother doing. He checked the sources cited in the report. He discovered the IPCC's banner claim was not the work of prestigious and disinterested scientists toiling away in a laboratory, but of hacks with a political agenda and direct financial stake in the issue. The 80 percent claim was lifted directly from a paper entitled, "Energy evolution 2010 – a Sustainable World Energy Outlook," whose primary authors included Sven Teske from Greenpeace and Christine Lins from the European Renewable Energy Council (EREC). According to the latter group's website, it is "the united voice of the European renewable energy industry." EREC speaks on behalf of the companies that make windmills, solar panels and other uneconomic forms of energy that rely upon heavy government subsidies to turn a profit.

[U.N. climate propaganda exposed - wind power]

Carbon Trading Giants and Big Energy Steering Debate Away from REAL Solutions.

Carbon Trading Giants and Big Energy Are Both Trying to Steer the Global Warming Debate Away from REAL Solutions

STEVE HOLLIDAY – "A smarter, neo-medieval system, of wind"

"UK já não terá cerca de metade das actuais centrais energéticas em 2030".

“Em 2020, 2030, a grelha será muito diferente – ‘a much smarter system’”.

“We’re going to have to change our behavior – consume when it’s available and available cheaply”.

«*SH: 25% of all the power stations in the UK will shut by 2020, almost half will disappear by 2030… today we’ve got about 5GW of wind, we’ll have nearly 30 by 2020.*

I: When the wind doesn’t blow, how does the grid cope?

SH: The grid is going to be a very different system in 2020, 2030. We keep thinking about, we want it to be there, and provide power when we need it. It’s going to be a much smarter system then. We’re going to have to change our own behavior, and consume it when it’s available and available cheaply» Steve Holliday, chief executive of UK National Grid Company, interview to the BBC, “2011 'crucial year for UK energy'”, March 1, 2011

FARAGE – Turbinas de vento, ineficientes.

“In Europe we're building tens of thousands of these ludicrous windmills”.

“In Germany, 90.000 turbines but not one of their coal fired plants has closed down”.

“In winter, no wind”.

“Even if we had to reduce CO2 emissions, the way we're doing it is mad and wrong”.

Nigel Farage on AJ 2009.12.16 – Windmills (9m) (The other big response in Europe to this is, we're building tens of thousands of these ludicrous windmills, right across Europe, and we're told this is wonderful, a great source of renewable energy, I'm not against the concept, but I'll tell you this, in Germany they've built 90.000 wind turbines but not one of their coal fired plants has closed down. Because in winter, the big anticyclone sits atop central Europe, no wind. Even if we had to reduce CO2 emissions, the way we're doing it, is bad, mad and wrong.)

HORNER e D’ALEO – Green Jobs.

Um emprego onde é preciso mais horas para criar mesma energia.

'Green jobs' - Christopher Horner & Joe D'Aleo (Um green job é um no qual é preciso mais horas de trabalho para criar a mesma quantidade de energia. Ou seja, custo de energia mais elevado.)

Colapso da rede energética resultaria em destruição social.

A sociedade interconectada depende de energia como um corpo de sangue. Mesmo que temporário, um blackout/brownout sério, que durasse vários dias, provocaria problemas de manutenção de infraestrutura urbana, em transportes, morte em massa (desde acidentes a problemas em hospitais), escassez na distribuição de comida, etc. Bem ou mal, o que existe é uma “sociedade em rede”, interconectada, algo similar a um corpo que depende de energia abundante como um organismo precisa de sangue.

Forum for the Future – NPO global para comida, energia, finança.

“NPO de Londres – Trabalho global – Desenvolvimento sustentável”.

“Foco essencial em comida, energia e finança”.

«*The Forum for the Future is a registered charity and a company limited by guarantee, registered in England and Wales [sede em Londres]… We are an independent non-profit who work globally with business and government to inspire new thinking, build creative partnerships and develop practical solutions… Working with pioneering partners, we transform the essential systems of food, energy and finance to secure a more fulfilling life for us and future generations… We now want to transform the complex systems which serve our fundamental needs – such as food, energy and finance – so that they are fit for the 21st Century. And to do this, we are putting ‘systems innovation’ at the heart of our new strategy*»

Think-tank – Abordagem sistémica – Trabalho com governos, negócios, ONGs. Think-tank para propostas de implementação. Centro de formação em desenvolvimento sustentável. Trabalho com negócios, governos, ONGs. Abordagem sistémica e cibernética.

Parceiros e membros – City, Crown Estate, bancos, multinacionais. Alguns são parceiros, outros são membros. Por ex., a City of London é um membro. Alguns (existem mais): Energy Saving Trust – Food and Drink Federation – Triodos Bank – WWF-UK – Recyclebank – Leadership Trust – Hewlett-Packard – Ingersoll Rand – Target – Marks & Spencer – O2 – Unilever – Aviva Investors – Balfour Beatty – Bank of America: Merrill Lynch – EDF Energy – Kraft Foods & Cadbury – Panasonic – PepsiCo UK – Royal Dutch Shell – Sony Europe – Tata Global Beverages – Tesco – Thames Water – City of London – The Crown Estate – TalkTalk – BASF

GBA – CBD.

Agenda 21 exigiu um Global Biodiversity Assessment. Entre outras coisas, a Agenda 21 exigiu a realização de um Global Biodiversity Assessment do estado do planeta.

WRI, IUCN e UNEP desenvolvem GBS em 1992. Em 1992, é desenvolvida a Global Biodiversity Strategy, pelo WRI, pela IUCN e pela UNEP.

Excesso de população e de consumo de recursos destroem biodiversidade. «*Unsustainably high rate of human population growth and natural resource consumption*»

GBS 1992 serve de base ao GBA 1995.

GBA (1995) – Arma a ONU com pseudociência para gestão global.

"Global Biodiversity Assessment". O GBA de 1996 foi preparado pelo UNEP e armou dos líderes da ONU com o tipo de pseudociência de que precisavam para validar o seu sistema de gestão global.

GBA (1995) – Redução populacional – Neo-feudalismo – Paganismo.

Advoga o regresso a paganismo. Um regresso coercivo a religiões animistas e pagãs, como base para valores ambientais.

Reduzir população mundial para 1-3 biliões. Faz a apologia de redução populacional. Vida humana é má para a biodiversidade.

«*A reasonable estimate for an industrialized world society at the present North American material standard of living would be 1 billion. At the more frugal European standard of living, 2 to 3 billion would be possible*» United Nations, Global Biodiversity Assessment, 1996

coffman - GBA, pop reduction to 1 billion people (UN GBA – it states, very clearly that we have to bring down the population from it's current level of about 6B people to about 1B people)

Exige comunitarismo feudal. Com habitats humanos "sustentáveis" (i.e., as novas aldeias feudais).

coffman - UN, GBA, new feudal age (The UN GBA, which came out in 1995 – in order to planet Earth we have to go back to a feudal system, they actually said that in the document)

GBA (1995) – Habitats – Áreas protegidas, corredores, buffer zones.

Áreas reservadas, delimitadas por "buffer zones", conectadas por corredores.

Excerto (unchecked). «*This means that representative areas of all major ecosystems in a region need to be reserved, that blocks should be as large as possible, that buffer zones should be established around core areas, and that corridors should connect these areas. This basic design is central to the recently proposed Wildlands Project in the United States (Noss 1992), a controversial long-term strategy....*» (p.993) *Global Biodiversity Assessment,* (Cambridge University Press, for the United Nations Environment Program, 1995)

GBA (1995) – Habitats – Bio-soviete hiper-regulatório.

Biodiversidade tem de ter direitos legais. Toda e qualquer "interferência com biodiversidade" tem de ser justificada e autorizada.

Excerto (unchecked). «*...accept biodiversity as a legal subject, and supply it with adequate rights. This could clarify the principle that biodiversity is not available for uncontrolled human use. It would therefore become necessary to justify any interference with biodiversity, and to provide proof that human interests justify the damage caused to biodiversity*» (p. 787) *Global Biodiversity Assessment,* (Cambridge University Press, for the United Nations Environment Program, 1995)

GBA (1995) – Habitats – Conservação e habitats humanos [UN-HABITAT].

Conservação de ecossistemas significa fim de interferência humana.

Habitats humanos e corredores de ligação.

Reservas extractivas e reservas indígenas. Estabelecimento de "extractive reserves" e "indigenous reserves", para alojamento controlado das populações humanas que antes ocupavam o espaço protegido.

GBA consagra os princípios do UN Habitat.

IUCN e GBA – Parques naturais e reservas extractivas.

IUCN – Parques naturais. «*Category II protected areas are large natural or near natural areas set aside to protect large-scale ecological processes, along with the complement of species and ecosystems characteristic of the area, which also provide a foundation for environmentally and culturally compatible, spiritual, scientific, educational, recreational, and visitor opportunities*» International Union for the Conservation of Nature, "IUCN Protected Area Management Categories – Category II, National Park" (1994).

GBA – Reservas extractivas e reservas indígenas. Estabelecimento de "extractive reserves" e "indigenous reserves", para alojamento controlado das populações humanas que antes ocupavam o espaço protegido.

GBA (1995) – Convenção de Diversidade Biológica.

"Convention on Biological Diversity".

Sistemas de áreas protegidas e recursos "off-use". ["System of protected areas"] Apela à reorganização e catalogação plena de recursos e áreas.

O sistema da CBD é definido no GBA (1995). O Global Biodiversity Assessment funciona como o livro de instruções para a implementação da Convenção.

Rewilding.

Artigos sobre rewilding. Rewilding of the UK; Pleistocene Rewilding - Twenty-First Century Conservation

GEF – Global Environmental Facility

GEF – 4th World Wilderness Congress.

Denver, Colorado, Setembro 1987. Organizado em Setembro de 1987, o 4º World Wilderness Congress, Denver, Colorado, USA.

Rothschild, Strong, Rockefeller, Ruckleshaus. O congresso foi organizado pelo Barão Edmond de Rothschild, chairman do Banque Privée Edmond de Rothschild, Genebra, Suiça, e um dos trustees da International Wilderness Foundation, que patrocinou a conferência. Outras personagens presentes foram Maurice Strong, David Rockefeller, e David Ruckleshaus (UN Environmental Protection Agency).

GEF est., "banco de conservação mundial" – Sweatman designado como organizador. Esta conferência estabeleceu a Global Environmental Facility (GEF). No congresso, Edmond de Rothschild designou o financeiro I. Michael Sweatman para ser o organizador, primeiro presidente, de um "world conservation bank", a Global Environmental Facility.

GEF – 4th World Wilderness Congress – AUDIOS.

DAVID LANG – Banqueiro de investimento de Montreal.

"This must not be sold by a democratic process".

"Takes too much to educate cannon fodder which unfortunately populates Earth".

"We have to take almost an elitist program".

george hunt (41:00 / 7:54) – David Lang, investment banker of Montreal (I suggest therefore that this be sold not through a democratic process.That would take too long and devoure too much of the funds to educate the cannon fodder unfortunately which populates the Earth. We have to take almost an elitist program, that we can see beyond our swollen bellies and look to the future in timeframes and in results, which are not easily understood, or which can be, with intellectual honesty, reduced to some kind of simplistic definition)

MAURICE STRONG – Apresenta o Barão de Rothschild.

George Hunt (28:40) – Maurice Strong, Baron de Rothschild, Michael Sweatman (...One of the most important initiatives that is opened here for your consideration is that of the conservation banking program. As we mentioned this morning, we have as our Chairman fortunately, the person who really is the source of this very significant

concept. (...) There is no better person. He epitomizes in his own life that positive synthesis between environment and conservation on the one hand, and economics on the other. And I'm just delighted of having the opportunity of introducing to you, Edmond de Rothschild. [outra vez em 51:40 / 22:00]

BARON DE ROTHSCHILD – Ideias absurdas – Por ex., gelo seco para pólo norte.

George Hunt (26:00) – Baron de Rothschild, ideias absurdas (Gelo seco para o pólo norte, detritos tóxicos enterrados no deserto, etc)

BARON DE ROTHSCHILD – International conservation banking programme.

This must involve all sectors – Public and private, NGOs, foundations, etc.

This international conservation bank must know no frontiers, no boundaries.

Michael Sweatman, I have great pleasure in asking you to put it forward.

George Hunt (28:40) – Maurice Strong, Baron de Rothschild, Michael Sweatman. The concept of an international conservation banking programme involves all sectors of the human community. Governmental and inter-governmental agencies, the public and private agencies, large charitable foundations, as well as ordinary individuals worldwide… This convention must put forward this charter… Ladies and gentlemen, every country has its own problems, its indigenous peoples, and its wildlife. This international conservation bank must know no frontiers, no boundaries… Michael Sweatman, your love for the world wilderness concept has given you the necessary fire in your belly to produce the germ of the future needs of this project, and I have great pleasure in asking you to put it forward)

BARON DE ROTHSCHILD – A 2nd Marshall Plan, finance for stable development.

George hunt (9:09) – Rothschild, Brundtland 2nd marshall plan (Ask the PM of Norway, Gro Harlem Brundtland, as one of the world's leaders of a greatly respected community, to be the promoter of this international conservation bank. By her Brundtland report, which is being widely circulated to world leaders, she could follow up this report with the recommendations to promote a second marshall plan, the 3rd world debt relief, and finance for a stable development)

GEF – Estrutura.

Global Environmental Facility.

Tem 182 estados membro.

O GEF Council é o corpo governante da GEF. Funciona como um quadro independente de directores, com responsabilidade primária pelo desenvolvimento, adopção, e avaliação de programas GEF. Os membros do Conselho representam 32

"constituencies" (16 de países em vias de desenvolvimento, 14 de países desenvolvidos, e 2 de países com economias transicionais).

As reuniões do GEF Council são atentidas por OSCs.

A GEF Assembly é uma mesa redonda entre políticos, homens de negócios, OSCs. É um corpo de governo no qual os representantes de todos os estados-membro participam. Reúne-se a cada 3 ou 4 anos, com a participação de ministros e delegações governamentais de alto nível, dos vários estados-membro. Serve de mesa redonda para ambientalistas proeminentes, líderes de negócios, e líderes de OSCs.

O GEF Instrument é a carta de existência do GEF. É o documento que estabelece a GEF e estabelece as regras de operação.

O GEF Secretariat está sedeado em Washington D.C. Coordena a formulação de projectos incluídos nos programas de trabalho e supervisiona a implementação.

Também em Washington, o GEF Evaluation Office. "Its goal is to improve accountability of GEF projects and programs and to promote learning, feedback, and knowledge sharing."

GEF – Banco de investimento global – GEF Agencies.

Global Environmental Facility. É um género de banco de investimento global; mas ainda na forma embriónica.

Est. 1991, em parceria com Banco Mundial, UNEP e UNDP. Estabelecida em Outubro de 1991. O Banco Mundial, o United Nations Development Programme, e o United Nations Environment Program foram os três parceiros a implementar projectos da GEF logo ao início.

Entidade financeira independente, apesar de continuar ligada ao Banco Mundial. Desde 1994 que é assim. No entanto, o Banco Mundial serve de Trustee do GEF Trust Fund e providencia serviços administrativos.

Agência GEF elaboram propostas e gerem projectos GEF no terreno.

Trabalham entre si, com governos, e com ONGs. As GEF Agencies são responsáveis por criar propostas de projecto e por gerir projectos GEF no terreno. Trabalham com governos e ONGs e entre si mesmas.

Banco Mundial, UNEP e UNDP, os três parceiros iniciais. O Banco Mundial, o United Nations Development Programme, e o United Nations Environment Program foram os três parceiros a implementar projectos da GEF logo ao início.

UNDP – UNEP – UNIDO – IFAD – FAO – Banco Mundial – Bancos regionais. Dez agências: United Nations Development Programme; United Nations Environment

Programme; United Nations Industrial Development Organization; International Fund for Agricultural Development; Food and Agriculture Organization; World Bank; Inter-American Development Bank; Asian Development Bank; African Development Bank; European Bank for Reconstruction and Development.

3 Agências de Implementação. [Implementing Agencies] UNDP, UNEP, e Banco Mundial.

7 Agências de Execução. [Executing Agencies] Asian, African, and Inter-American Development Banks, European Bank for Reconstruction and Development, FAO, IFAD, UNIDO.

GEF – Mecanismo financeiro para várias convenções em "sustentabilidade".

Maior financiadora mundial de "desenvolvimento sustentável". Isto é feito com países em desenvolvimento, em projectos relacionados com biodiversidade, alterações climáticas, águas internacionais, degradação de solos, camada de ozono, poluentes orgânicos.

Financia estados e ONGs.

Projectos GEF colocam o local e o nacional em dependência do global.

CBD. Convention on Biological Diversity (CBD) (http://www.cbd.int/)

UNFCCC. United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC) (http://www.unfccc.int/)

UNCCD. UN Convention to Combat Desertification (UNCCD) (http://www.unccd.int/)

POPs. Stockholm Convention on Persistent Organic Pollutants (POPs) (http://chm.pops.int/)

Montreal Protocol. Montreal Protocol on Substances That Deplete the Ozone Layer. ["The GEF, although not linked formally to the Montreal Protocol on Substances That Deplete the Ozone Layer (MP), supports implementation of the Protocol in countries with economies in transition"]

GEF – O banco para o mundo.

GEF, o banco para o mundo. Esta GEF está destinado a tornar-se a forma final do Banco Mundial.

Emitirá nova moeda global, colateralizada com recursos naturais do planeta. A ideia é transferir todas as mortgages e bens do mundo (na forma de dívida) para a GEF, que

emitirá uma nova forma de moeda global, colateralizada com os recursos naturais do planeta, agora a ser catalogados por agências como o WRI e outras.

Mecanismo para controlo global da City of London sobre tudo no planeta. Este é o "decoupling mechanism" para que os bancos progenitores na City possam assumir controlo sobre os bens de todos os países no mundo.

GEF, FMI e Banco Mundial impõem "sustentabilidade global".

FMI e Banco Mundial impõem "sustentabilidade global" (1).

"Desenvolvimento sustentável, uma prioridade estratégica global". O Banco Mundial declara que "desenvolvimento sustentável" é a sua "global strategic priority", mas o mesmo pode ser dito do FMI.

FMI, Banco Mundial e agências GEF – Veículos essenciais de "sustentabilidade".

Sustentabilidade, sob condicionalidades. As políticas de desenvolvimento sustentável da ONU (e monitorização consequente) são agressivamente impostas pelo FMI e especialmente pelo Banco Mundial, que condicionam a concessão de empréstimos à adopção de legislação ambiental específica e monitorização estrita.

FMI e Banco Mundial impõem "sustentabilidade global" (2) – Linhas de acção.

Atrasar 1º mundo – estagnar e bloquear 3º mundo. Estes são os temas gerais de acção em "sustentabilidade global", as linhas definidas por Clube de Roma e UNCGG.

Alienação de recursos naturais – Concessões multinacionais.

→ Áreas de conservação – REDD, desflorestação, turismo. Isto por vezes começa com coisas como UN Heritage Parks ou Conservation Areas, que rapidamente são reconvertidas num projecto financeiro (ex., REDD), turístico (ex., parques turísticos) ou industrial (por ex., desflorestação), para multinacionais concessionárias.

Destruição de ambientes sócio-económicos tradicionais. Por exemplo, terras agrícolas ou pastorícias.

Migrações forçadas. Deslocalizações de população, por coerção ou necessidade (após destruição de terra agrícola, por exemplo).

Concentração de população em megacidades subhumanas. I.e., habitats humanos sobre-populados e miseráveis, como Lagos (Nigéria), São Paulo (Brasil), Mumbai (Índia) ou Luanda (Angola) – e tantas outras.

Desenvolvimento "verde" – Tecnologia ineficiente e atrasada. Significa tecnologia atrasada e ineficiente, que impede os países visados de se desenvolverem. Os exemplos das turbinas de vento, ou da proibição de uso de fertilizantes nítricos em muitos países de 3º mundo.

Catástrofes ambientais protagonizadas pelo Banco Mundial

Índia – Migrações forçadas, destruição de floresta. Na Índia, o Banco Mundial financiou a construção de uma barragem que deslocalizou dois milhões de pessoas, inundou 360 milhas quadradas, e destruiu 81.000 hectares de floresta.

Brasil – Migrações forçadas, desflorestação do Amazonas. No Brasil, usou um bilião de dólares para "desenvolver" uma parte da bacia do Amazonas e para financiar uma série de projectos hidroeléctricos, o que resultou na desflorestação de uma área com metade do tamanho da Grã-Bretanha e causou grande sofrimento humano, devido às deslocalizações a que forçou.

Quénia – Migrações forçadas, desolação ambiental. No Quénia, o esquema de irrigação do Bura causou tal desolação que um quinto da população nativa abandonou a terra. O custo foi de $50.000 por família.

Indonésia – Migrações forçadas, desflorestação. Na Indonésia, o programa de transmigração de populações devastou florestas tropicais, ao mesmo tempo que o Banco Mundial está a financiar projectos de reflorestação.

Botswana – Destruição de terra, animais e tecido sócio-económico. Projectos com gado no Botswana levaram à destruição de terra pastorícia e à morte de milhares de animais migratórios. Isto resultou na inabilidade dos nativos para obter comida através de caça, forçando-os a aceitar dependência governamental para sobrevivência.

Catástrofes ambientais protagonizadas pelo Banco Mundial (2) – Congo.

Banco Mundial alega devoção a protecção ambiental, aliviamento de pobreza. O Banco alega estar legalmente comprometido com protecção ambiental e o aliviamento de pobreza.

Investigação interna expõe hipocrisia. Porém, foi acusado por uma investigação interna, conduzida pelo própria staff senior do Banco, de estar a produzir efeitos sociais e ambientais opostos.

Destruição de 2ª maior floresta tropical do mundo – Congo. De acordo com a investigação, o sistema (apoiado pelo Banco) de atribuir vastas concessões madeireiras a companhias para explorar as florestas estava a causar "irreversible harm". A investigação interna acusa a própria instituição de encorajar companhias estrangeiras a destruir, através de actividades madeireiras, as florestas tropicais do Congo, a 2ª maior área florestal do planeta após a Amazónia: uma área de 600.000 kms quadrados (232.000 milhas quadradas) de floresta, reservada para companhias madeireiras.

Atentado às vidas de centenas de milhares de Pigmeus. A concessão ignorou inteiramente a existência de entre 250.000 e 600.000 Pigmeus habitantes das florestas

Congolesas. Com isso, a subsistência e as próprias vidas destes milhares de Pigmeus Congoleses foram colocadas sob ameaça.

[World Bank accused of razing Congo forests]

Habitats humanos (e.g. green cities, tech cities, slums, megacities).

Nota típica do eco-hienismo.

Habitats humanos. Uma nota típica no eco-hienismo: exigir a concentração de populações em cidades mais densas (megacidades, eco-gulags), para que o resto do planeta possa ser entregue à mãe natureza.

Green cities, tech cities, slums, megacities. Those "green" cities (it's more than one) are the same as similar projects in Dubai, Kazakhstan and elsewhere in the world. They're cities for the very wealthy and for global-level bureaucrats (UN, global corporation, NGO, level people). In the Agenda 21 portfolios, the UN talks a lot about these very special projects ("Animal Farm" and the pig-caste comes to mind here). The average person will still live in some miserable, polluted slum in a megacity, as an "emancipated proletarian" slave, though.

Impostos verdes sobre carne – Insectos – Nutrient trading

Impostos "verdes" sobre produção e consumo de carne.

"Metano exige limitação drástica da criação de animais". A ideia é a de que a criação de animais produz bastante metano, um gás de estufa, logo é "necessário" limitá-la drasticamente, através do aumento progressivo de impostos ao longo do tempo.

WATT – Os estudos de nutrição de Malthus e Mill. Observações de Alan Watt sobre nutrição e carne, estudos feitos por Malthus ou Mill, por exemplo.

UKIP – Imposição de vegetarianismo.

"Nicholas Stern urges us to become veggie, to stop cows farting".

"Maybe it's not just certain cows that have gone mad".

UKIP - CRU, consensus, vegetarianism, wto green tariffs (In my english constituency this week it was discovered that scientists in the East Anglia CRU were allegedly manipulating data to try and prove AGW, what a giveaway that was – the consensus is fastly eroding – 30.000 sceptical scientists in the Manhattan Declaration – 600 in the US Senate report – even German scientists this year writing to Angela Merkel – ***meanwhile the author of the key UN report on this, Sir Nicholas Stern, urges us to become veggie, to stop cows farting – maybe it's not just certain cows that have gone mad*** – I worry about a drift towards green tariffs, justified on the basis of such spurious claims – they are just barriers to trade, and they punish the poor, they have no justification whatsoever)

UN – "Eat Insects to Save the World" – Lots of proteins, no methane.

Relatório da ONU promove consumo de insectos, em vez de carne. Um relatório das Nações Unidas veio sugerir que o consumo de carne fosse substituído pelo consumo de insectos. A ideia vem directamente de um autor da era vitoriana (Vincent Holt, 1885).

Uma boa fonte de proteínas, poucas emissões de metano.

UE, uma das organizações que está a trabalhar nesta questão. Adaptabilidade do consumo de insectos à dieta e aos costumes ocidentais.

Promoção em talk shows, séries, documentários. Sem dúvida que estas coisas serão promovidas em talk shows, com algum cantor pop a comer larvas e a implorar por mais. Ao mesmo tempo haverá a típica campanha de sensibilização, em que supostos especialistas aparecerão em programas para várias faixas etárias, "toda a gente em

minha casa come gafanhotos”. “Comer grilos reduz o colesterol e previne o aparecimento de cancro”. “Agora existe fast food saudável”. “Primeiro estranha-se, depois entranha-se!”. E é claro que haverá as habituais criaturas comunitárias, actores contratados, recrutados em ONGs para aparecer em horário nobre, a dizer coisas como “sim, sim, eu gosto muito de comer moscas, e é um dever cívico subsidiar a produção de gafanhotos.”

Centopeias e moscas para os burocratas da ONU. É claro que o relatório não dizia se os burocratas da ONU também comeriam moscas e gafanhotos, ou se essas deliciosas iguarias seriam apenas para as massas destitutas. Seria uma boa ocasião para se exigir que os plenários da ONU passem a ter como lanche forçado gafanhotos com moscas, decorados com teia de aranha, regados com molho de centopeias. Estas coisas são fáceis de encontrar, em buracos de ratazanas, portanto não devem ser difíceis de encontrar, no monólito tenebroso que se ergue em Nova Iorque.

Promoção irá aos soft points mais baixos e irracionais no ser humano. Será que és *antisocial*? Porque é que queres matar as crianças em África, com aquecimento global provocado pelas vacas? Porque é que és racista? São este tipo de coisas que serão ditas.

Artigos.

UN: 'Eat insects... to save the world' – Humanity Needs to Start Farming Bugs for Food, Says United Nations Policy Paper – Eat insects to save the world, original pdf study – Eat Insects. Save the World – Eat locusts to save the world, food expert says – Edible Insects- Eat Bugs, Save The World - Girl Meets Bug – The Star Online- Save the world, get healthy, eat bugs

Nutrient Trading.

Implementado em UE e EUA, numa base experimental. Está a ser implementado pela UE e em certos estados dos EUA, numa base ainda voluntária e experimental.

Nitrogénio e fósforo permitem agricultura de escala, mas agora são “poluentes”. São nutrientes usados como fertilizantes na agricultura e, neste ponto, convém lembrar que foram os fertilizantes que permitiram alimentar o mundo desde o início do século XX. Agora, são tratados como “poluentes”.

→ Só possível numa era onde as pessoas confundem “pesticida” com “fertilizante”.

Cap and trade com fertilizantes como alvo a abater – nitrogénio, fósforo. O *nutrient trading* usa o mesmo conceito que o *cap and trade* carbónico, mas centra-se em nutrientes vegetais como o nitrogénio e o fósforo.

Alocação de créditos para “poluição” – excesso de “poluição” implica multa. A ideia é que entidades que sejam capazes de reduzir os seus níveis de “poluição” (i.e., uso de nutrientes agrícolas) abaixo de níveis predefinidos, sejam capazes de vender os seus

excedentes a outras entidades. Ou seja: quanto menos se produzir, e menos se emitir, mais créditos são feitos. Por outro lado, quem ultrapassar a quantidade de créditos que lhe é alotada, tem de pagar multas sobre toda essa “horrível poluição”. Quanto menor a runoff de fertilizantes (e, consequentemente, a produção), tanto mais créditos se ganham.

Ideia é devastar produção agrícola. Toda a ideia aqui é a de dificultar enormemente, por taxação, a produção agrícola.

Só ficam mega-consórcios, que têm isenções e/ou capacidade de pagar.

Nutrient Trading – Nutrient Credit Banks e a Nutrient Net do WRI.

Trocas de nutrientes através de agências financeiras. As compras e trocas de nutrientes, como sempre, serão feitas através de firmas bancárias, os Nutrient Credit Banks.

Nutrient Net, WRI. Propõe-se que o sistema de gestão de todo o aparato seja baseado num sistema de tracking desenvolvido pelo World Resources Institute, a Nutrient Net.

<u>LOST – Law of the Seas Treaty</u>. "Convenção da Lei do Mar", ou "UN Convention on the Law of the Sea".

<u>Controlo sobre recursos oceânicos</u>. Adoptada em 1982. Dá à ONU controlo directo sobre os oceanos e sobre os recursos oceânicos (no alto mar). A ONU decide quais são as corporações multinacionais que podem explorar os recursos oceânicos.

O nosso futuro medieval

A era global acaba em feudalismo planetário.

A dissolução do estado-nação e a formação de império mundial, do local ao global.

Guildas mercantis globais (globocorps).

Guerras público/privadas para conquista, saque, genocídio.

Os novos príncipes, barões e lordes.

Fim da classe média, sociedade de duas classes.

Ataque geral a ideais de liberdade, igualdade e individualidade.

Guildas profissionais.

The village Stasi – "Caça" de "dissidentes".

Sincretismo global.

Entretenimento, desportos, bailes comunitários, ministréis/"líderes democráticos".

Promoção cultural da Idade Média nos dias de hoje.

A era global acaba em feudalismo planetário.

W.J. Ghent et al.

Reacção contra estado-nação democrático e constitucional – feudalismo global.

A implosão controlada da civilização mundial para feudalismo, do global ao local.

I.e. tecnofascismo, comunitarismo. Em 1901, o socialista fabiano William James Ghent escreveu "Our Benevolent Feudalism" (ver notas sobre ***Ghent***), onde disse que o futuro fabiano iria ser caracterizado pelo retorno ao paradigma feudal. Foi secundado por colegas fabianos como Lord Bertrand Russell e HG Wells, que descreveram a nova era global como a era feudal globalizada. As marcas desse retorno foram bem explicadas pelos três autores (entre muitos outros), mas em particular por Ghent (ver notas sobre ***Socialismo***). É um retorno/retrocesso a todos os níveis, coordenado pela oligarquia aristocrática europeia, pelo qual a civilização, a economia e o espírito humano são esmagados, devastados – substituídos por um destroço absolutista dominado por barões,

do global ao local. A nova sociedade global é apenas uma modernização da antiga, em todos os níveis e sectores. Em tudo, o template é aquele que é dado pela pervertida e desumana era medieval; mas agora actualizado e reforçado com tecnologia moderna e sistemas de organização e de controlo mais aperfeiçoados. Em essência, é aquilo a que veio a chamar-se de tecnofascismo, high tech fascism, tecnocracia. É também aquilo que é conhecido como comunitarismo e "integratividade global". E, também pode ser descrito como socialismo e comunismo. É tudo a mesma coisa – totalitarismo, i.e. governo por crime organizado.

A dissolução do estado-nação e a formação de império mundial, do local ao global.

Estado-nação dissolvido sob privatização, transnacionalização, localismo. O estado-nação é gradualmente dissolvido, sob a pressão tripla de três forças convergentes: privatização, transnacionalização e localismo. Eventualmente, deixa de existir.

Formam-se partições regionais e grandes uniões continentais, sob o império global. É particionado em regiões transnacionais, organizadas em grandes uniões mercantis continentais; a UE é o forerunner em tudo isto. O Sacro-Império Germânico da Idade Média é reproduzido pelo mundo fora, em cada continente, e a fidelidade é jurada ao império mundial.

Exército imperial global – ATON e a suástica estilizada.

Capacete azul (?) – mas cores dominantes deverão ser preto, vermelho, amarelo. O exército imperial germânico é uma gigantesca força mercenária de pretorianos, que usa uma bracelete que diz ONU (mas, antes disso, NATO, ou ATON, com a suástica estilizada como símbolo). Durante um tempo, usa capacetes azuis, mas é provável que a páginas tantas, a cor mude para preto e vermelho, com amarelo algures. O preto é a cor da morte, o vermelho a do sangue e o amarelo a do ouro. Esta combinação pitagórica de cores é muito importante para a oligarquia, já que expressa a essência do programa global: domínio por ouro (pessoas muito ricas), em aliança com a morte, que vão derramar sangue em massa. No passado, essas cores foram usadas para os redcoats britânicos (um regime-besta a quem foram dadas as características de um gentleman), depois nos regimes totalitários do século 20 (especialmente o grande urso URSS) e, mais tarde, putativamente, nas forças mercenárias que vieram a caracterizar a Ordem Multipolar (a grande pantera letal, dominada por NATO, China, Rússia, Japão). Agora, caracterizam a força imperial do regime planetário, que devastará o planeta.

Guildas mercantis globais (globocorps).

Monopólios público/privados – controlo de vida e morte sobre territórios, populações. O comércio mundial na era neofeudal é dominado por grandes guildas mercantis, que

usufruem de monopólios público/privados. Têm o poder de vida e de morte nos territórios sob o seu controlo.

Com os bancos mercantis, controlam governo planetário.A par dos bancos mercantis que os controlam, dominam a estrutura do governo planetário.

Plantações, campos de escravos. Operam feudos, campos e plantações de escravos, em versões entre a actual sweat shop chinesa e a high tech city.

Dominadas por oligarcas descendentes de famílias especializadas. São dominadas por aristocratas de raízes europeias; com frequência, descendentes directos dos operadores das antigas companhias mercantis (i.e. provenientes de famílias especializadas, como é hábito no sistema mentalmente desarranjado da aristocracia europeia).

Guerras público/privadas para conquista, saque, genocídio.

Guerras privatizadas entre barões, sob o olhar atento dos barões globais. As Cruzadas (guerras público/privadas) para conquistar território e recursos são substituídas por novas Cruzadas (guerras público/privadas) para conquistar território e recursos, sob guerras privatizadas. O sistema global não será monolítico; como na Idade Média, será um sistema onde barões poderão competir e degladiar-se entre si, sob o olhar atento do regime global; os vencedores destas novas "justas" pagam a quota parte do saque "a quem de direito", os barões globais, entre outros.

Guildas mercantis conduzirão limpezas étnicas e genocídios. As grandes guildas mercantis têm exércitos próprios ao seu dispor. Levam a cabo limpezas étnicas e genocídios para assumir controlo sobre recursos específicos, ou como política de downsizing de activos – como era feito durante a era feudal e, mais tarde, sob o sistema que lhe é herdeiro, o sistema colonial/mercantil.

"Vamos forçar-te a ser livre", "proteger a mãe terra", etc. Antes, o pretexto de relações públicas era libertar Jerusalém dos infiéis. Agora, um dos pretextos essenciais será a libertação geral da humanidade – vamos forçar-te a ser livre. Mas também haverá pretextos subsidiários deste, como o de proteger a Mãe Terra contra poluidores; e.g. tribos ou povoações que estejam a ocupar território que pode ser usado para exploração mineira.

Os novos príncipes, barões e lordes.

Banqueiros, industrialistas, burocratas de topo, generais, etc.

Castas de sicofantes de corte. Príncipes e princesas tornam-se banqueiros internacionais. Os Cavaleiros da Távola Redonda dão lugar a mesas redondas de banqueiros, tecnocratas e directores-executivos. Os media são os anunciantes do burgo. Os antigos

consultores gnósticos e charlatães de corte continuam os mesmos, mas agora chamam-se especialistas e consultores governamentais de topo. Existem as mais variadas castas de sicofantes, ministréis e bobos da corte: artistas de estado, actores e actrizes, pessoas responsáveis por empreendimentos público/privados, líderes comunitários, comissários disto e daquilo – etc. No admirável mundo novo, duques e duquesas tornam-se barões da indústria. Lordes tornam-se nos secretários gerais de agências continentais e globais. Condes tornam-se líderes de nações e de regiões administrativas. Viscondes tornam-se líderes legislativos. Barões e baronesas tornam-se governadores distritais.

Fim da classe média, sociedade de duas classes.

Generalidade da população decai ao nível de vilões e aldeãos.

População é um recurso a ser gerido (RH). A generalidade da população é remetida ao nível dos camponeses e dos vilões medievais. São os recursos humanos, os activos humanos, e toda a sua vida é gerida do berço à cova, porque é precisamente isso que se faz com recursos.

Classe média é dissolvida, desfeita.

PM empresários tornam-se concessionários de grandes conglomerados. Os pequenos e médios empresários que ficam tornam-se vassalos (concessionários de franchise) para conglomerados multinacionais, as guildas mercantis dos nossos tempos.

Classe média é um "atrevimento" e é suposto que desapareça. Hoje em dia, a classe média paga em impostos uma maior percentagem dos seus rendimentos que aquela que era paga pelos servos dos dias feudais, e que oscilava entre 40 e 60%. A classe média é suposto desaparecer porque não é suposto haver esse tipo de atrevimento, em sociedades feudais.

Ataque geral a ideais de liberdade, igualdade e individualidade.

É suposto que todo o poder de decisão fique nas patas de porcos perfumados. Com a classe média, é suposto desaparecerem uma série de outros atrevimentos, como as ideias de liberdade e igualdade humana e de iniciativa individual. Na era feudal, não é suposto que camponeses e os vilões tenham qualquer decisão sobre as suas próprias vidas. Quem toma todas as decisões é a classe oligárquica de pessoas "especiais", "melhores", "mais evoluídas", "nobres" – em essência, o que acontece quando um porco se doseia com perfume barato.

Guildas profissionais.

A guilda é reavivada sob a ordem profissional, o soviete laboral, a corporazione.

Entidade totalitária para controlo social, degeneração económica e científica. Que, como as antigas guildas, exerce controlo público/privado sobre sectores inteiros, controla as vidas privadas dos seus membros, e é uma entidade oligárquica devotada ao congelamento da economia e da iniciativa, a obscurantismo científico e tecnológico e à imposição de um sistema social rígido, pobre, servil, de duas classes.

Trabalho não-remunerado, exploração a todos os níveis, tornam-se normativos. O trabalho não-remunerado, pelo qual patronos podem explorar livremente aprendizes (estagiários) volta a ser a norma. Antes, o assalariado e o aprendiz eram como que propriedade do respectivo patrono, em todos os sentidos, o que inclui o sentido sexual. Isso também volta a ser normativo.

The village Stasi – "Caça" de "dissidentes".

Polícias políticas comunitárias (i.e. grupos terroristas) caçam "dissidências" de opinião.

Suprimir espírito humano, hammer down the nail that sticks up. Na Idade Média, a aldeia, a comunidade, alojava células de grupos terroristas, que eram usados para perseguir, entregar e hostilizar dissidentes ("caça"), acusados de heresia, i.e. crime de opinião. Isso volta a ser a norma, desta vez sob rótulos retirados a psicologia pop e ao seu correlato imediato, psiquiatria.

Sincretismo global.

Paganismo ritual sincrético, como na Idade Média. A nova fé, ou religião para todos, baseia-se na adoração de Gaia, a Natureza. Antes, havia abades e frades muito pouco cristãos, gnosticizados, que relegavam as Escrituras para enésimo plano em prol de paganismo ritual europeu (algo que perdura até hoje). Eram os sincretistas globais da era. Hoje, são substituídos por ocultistas, astrólogos e novos sincretistas globais, desta vez new age. Os charlatães de aldeia são substituídos por charlatães comunitários.

Adoração de Gaia, irracionalismo e culto de emiseração mental. Os monges que pregavam simplicidade e um regresso à Natureza são substituídos por grupos obscurantistas que prestam culto à Mãe Gaia e rejeitam toda e qualquer racionalidade. Com efeito, a "pessoa avançada" é aquela que destrói o seu self e se funde no colectivo (no gang espiritual, o formato spiritualli da nova era), em prol de Gaia.

Espiritualização de pobreza e opressão. Espiritualizam a vida pobre e encontram beleza no acto da opressão – o humano evoluído é aquele que se mantém passivo e meditante perante a opressão extrema, sobre si e à sua volta. Isso é algo que traz bom karma. Ao mesmo tempo, a opressão é algo de natural e até de instrutivo (a pessoa oprimida "aprende") e o homem evoluído tem o dever de contribuir para o estado geral de opressão no mundo à sua volta. Aquele que sofre opressão extrema é claramente alguém

que caiu em desfavor com a divindade, e/ou que está a "aprender nesta vida", para recuperar de mau karma, essa doença espiritual.

Entretenimento, desportos, bailes comunitários, ministréis/"líderes democráticos". Desportos de arena substituem as justas e os torneios medievais. Bailes comunitários colectivos com má música são substituídos por bailes comunitários com má música. Existe imensa ficção irrelevante, como com os teatros comunitários e os espectáculos de marionetas desses tempos. Existem ministréis comunitários, agora conhecidos como "celebridades" e "famosos". São genericamente ignorantes e iletrados mas muitos deles vieram a assumir relevância política desde as primeiras décadas do século 21; com efeito, tornou-se habitual que o ministrel local se tornasse no "líder democrático comunitário", sob democracia directa.

Promoção cultural da Idade Média nos dias de hoje.

Blitz cultural para neo-medievalismo. No retorno à Idade Média, existe o blitz cultural para a promoção de medievalismo. Com jogos de vídeo (WoW, etc.), filmes e séries, livros de ficção juvenil, literatura cor de rosa, feiras medievais.

Moda, especialmente para mulheres, mas também para homens.

Expressão de ódio misantrópico – mas também, fazer tolo voluntário vestir a carapuça.

O tolo voluntário é a vítima no sacrifício ritual do espírito humano e da civilização. Até as modas, especialmente as que são promovidas junto das mulheres, são neo-medievais (e.g. legings, botas de ponta, ou o cabelo de franja à frente, o penteado da cortesã da corte, a prostituta do barão). Com os homens, encontramos, por exemplo, as calças largas e o casado de capuz do vilão medieval. A reacção geral para retorno à Idade Média é conduzida, no topo, por homens que se vêm a si mesmos como machos alfa; detestam outros homens e vêem as mulheres como meros objectos, prostitutas cujos favores são adquiridos pelo exercício de poder. São secundados por homens "efeminados" (na verdade, eunucos pervertidos de criação) que odeiam tanto mulheres como homens; odeiam toda a gente, especialmente a si mesmos. Faz parte do modus operandi obsessivo e doentio da oligarquia dominante persuadir as vítimas a adoptar as marcas que as colocam a fazer o papel de tolos voluntários para o sacrifício ritual; a destruição da civilização e a degradação da humanidade.

"Músicas do mundo", guiadas para serem uma reedição de música medieval. Sob globalização cultural guiada, as supostas "músicas do mundo" assumem cada vez mais a configuração geral da música de feira na Idade Média, com flautas, tambores e guitarras acústicas "anestesiantes" – música que é entediante e monocórdica, mas transmite as ideias de bestialidade (com percussão violenta) e de "harmonia de grupo" (flautas e guitarras). Na medida em que a música é apenas um dos inputs culturais que molda a

psique humana, este género de música é *desenhado* para gerar o tipo de criatura que era favorecido na Idade Média e que volta a ser favorecido hoje: a pessoa que funciona a um grau muito baixo de complexidade mental e que depende do grupo para tudo.

Mitos sobre Idade Média – uma era equilibrada, limpa, certa, saudável, e mais nonsense. A Idade Média é culturalmente promovida como uma era de equilíbrio, certeza e vida saudável. Na verdade, era uma era de desequilíbrio extremo, incerteza e insegurança e vida pestilenta e doentia, sob todos os parâmetros. Era uma era de maldade e perversão. Mas, na visão que é promovida, tudo é bonito, romântico e límpido, tudo funciona como um relógio suiço (o que seria pura e simplesmente entediante), tudo é cândido e natural (no meio da peste bubónica, da pedofilia e da fome institucionalizada). Cada qual tem o seu lugar definido na sociedade; e isso já é mais próximo da realidade, já que a sociedade medieval era um espaço autoritário e hierárquico. Existe o o sr. ferreiro, o sr. carpinteiro, o sr. agricultor, o sr. barão (um tipo porreiro) e, no final, todos se juntam para o baile comunitário da aldeia onde dançam em rodinha (algo de horripilante), enquanto o herético inventado é queimado na fogueira (mas essa parte já não é tão publicitada).

O século da mudança – snapshots

Manifestações no registo people power coup.

Manifestações: mindlessness e facilitação de fascismo corporativo transnacional.

> *Colapso de países ocidentais, acompanhado de múltiplos protestos.*
>
> *"Justiça social", sociedade "apolítica", Trotsky, Guevara,* ***"mudança"****.*
>
> *Filhos do estado socialista, exigem próxima fase de socialismo sem o perceber.*
>
> *Facilitam fascismo corporativo transnacional (nazismo), "economia verde".*

Manifestações: Violência manufacturada avança estado policial.

> *E lança bases para mais desagregação, balcanização, radicalização.*
>
> *Estado policial usa de brutalidade irrestrita / e haverá caça organizada a polícias.*

Manifestações: "Heróis ONGistas", i.e. provocadores / ID de manifestantes.

> *Movimentos organizados por provocadores/informantes, de ONGs.*
>
> *Manifestações servem para facilitação, mas também para ID de "dissidentes".*

A dinâmica geral do século da mudança, guerra mundial contra o planeta

O século da mudança.

Contracção global: shock and awe mundial de governantes contra governados.

De-Desenvolvimento / Sustentabilidade Global / Corporate management bureaus.

Dinâmica de bellum omnium omnia (governantes contra governados).

Ocidente será a África de amanhã – Attali.

Low carbon economy, créditos, racionamento, privilégios.

Low carbon economy – créditos – escassez artificial.

Desigualdade extrema – Duas classes, managerial class pelo meio.

Distribuição de entitlements e privilégios.

'A economia nunca esteve melhor'.

Trabalho e migrações em massa.

Migrações em massa, como na Idade Média.

You're a (human) resource 1.

You're a (human) resource 2.

You're a (human) resource 3 – Work/living centers (plantações).

Mais notas sobre trabalho (FEERA, IHRAA, etc.).

Voluntariado obrigatório comunitário.

Brigadas de trabalho forçado.

e-ID, dinheiro digital, community CCTV.

Dinheiro digital – Saque, tracking and tracing, terrorismo.

e-ID – Cartão único / comprar e vender / estado policial.

e-ID – Cartão dá lugar a aparelho identificador pessoal.

Reality shows / OCTV / orgy live nextdoor / confessionários.

Snapshots da sociedade tecnetrónica.

Pestes.

Transportes sustentáveis.

Família / licenças genéticas / ONGs, rapto de crianças / violação, homicídio, etc.

Aparatos de “segurança”.

Garrison-states localizados no 1º mundo.

Aparatos de “segurança” – Exércitos semi-privatizados internacionais.

Entre legiões romanas e bandos medievais.

Síntese entre regimentação (legião), descentralização (bando), violência e saque.

Uniformização gradual de métodos e procedimentos.

Mas não será monolítico / diferentes legiões usadas para guerras entre senadores.

Uniformes negros, com letras amarelas fluorescentes, riscas vermelhas.

Negro (morte), vermelho (sangue), amarelo (ouro) – código pitagórico totalitário.

Prusso-germânicos.

Império Britânico / URSS / Ordem Multipolar / Regime global.

Aparatos de “segurança” – O modelo WAPWG.

Aparatos de “segurança” – Policiamento de sistemas “públicos”, sob “terrorismo”.

Engenharia psicossocial.

Entretenimento e interactividade virtual.

Desportos violentos.

A destruição da memória – doutrinação dos novos, eutanásia dos velhos.

Engenharia psicossocial / educação comunitária / clínicas centrais de saúde mental.

Operações terroristas sobre “dissidentes” (despersonalização, etc.)

Colapso do estado / Habitats humanos.

Colapso do estado-nação / Ascensão de mini-estados e governância internacional.

Megacidades.

High tech cities, grandes megaexplorações, grandes manufacturas.

Resorts e megainstalações de luxo para classes governantes.

Regime planetário.

Shock and awe sobre planeta para impor governo planetário.

HG Wells, “Things To Come” – Guerra Mundial para trazer governo global.

Governo global: “the ultimate revolution”, high-tech feudalism.

Classes governantes, o retorno a degeneração feudalista.

Grandes projectos globais de desperdício calculado de recursos.

GEF / Banco Mundial / FMI.

Harmonização monetária global / Moeda globalizada GEF.

WPSA.

Global Food Council: Food-for-population-control.

A Utopia global, narrada por uma UN child of the world.

Manifestações no registo people power coup.

Manifestações: mindlessness e facilitação de fascismo corporativo transnacional.

Colapso de países ocidentais, acompanhado de múltiplos protestos e manifestações.

“Justiça social”, sociedade “apolítica”, Trotsky, Guevara, **“mudança”**. O processo de colapso dos países ocidentais é acompanhado por múltiplas manifestações, organizadas por organizações radicais, advogando a queda do “decadente sistema capitalista”. O que é preciso, em troca, é uma sociedade “apolítica”, com um estado todo-poderoso baseado em “justiça social”. O estado socialista tem de proteger as pessoas. Che Guevara, Lenin, Trotsky. Estes são os símbolos que agitam multitudes de protestos, em capitais pelo mundo ocidental fora. A nova geração não se

interessa muito por política, não sabe muito de história, não tem grandes noções de nada, a não ser entretenimento e ficção – mas exige "mudança". E é mudança que lhe é dada.

Participantes, filhos do estado socialista, exigem próxima fase de socialismo sem o perceber. Os participantes não compreendem as palavras de ordem que cantam. Não têm consciência de que o capitalismo está morto há muitos anos, e que já é socialismo que têm. Mas, agora, estão a ser usados para exigir a *próxima fase* de socialismo, na qual a sociedade é inteiramente entregue nas mãos de um estado fascista corporativo dominado por consórcios multinacionais.

Facilitação para fascismo corporativo transnacional (nazismo), "economia verde". Os protestos e as vagas de violência que os acompanham são usados como facilitadores para a dialéctica que leva à criação da nova forma de estado. Os protestos apelam a conceitos vagos e nunca elaborados de "mudança", "inovação", "sustentabilidade" e é isso que é pretendido pelas entidades organizadores, o status quo. Toda a ideia é facilitar a mente pública para a entrada da "economia verde" e do "paradigma ecológico". Passar "acima dos partidos" e "acima dos parlamentos", ser "apolítico", significa autoritarismo managerial e democracia directa, uma forma viciada e corrompida de fazer política. E tudo isto serve para suportar o grande resultado de tudo isto, a economia de créditos e de alocações, localismo, microgestão estatal da vida do público, escassez, parcerias público/privadas para "conservação" (i.e. alienação e financialização) de recursos e de grandes espaços territoriais (que também servem para construir estâncias para pessoas muito ricas).

Manifestações: Violência manufacturada avança estado policial.

E lança bases para mais desagregação, balcanização, radicalização.

Estado policial usa de brutalidade irrestrita / e haverá caça organizada a polícias. Ao mesmo tempo, a violência (por norma, manufacturada) que acompanha estes protestos serve para avançar o estado policial, numa dinâmica de acção-reacção-acção-reacção. Umas quantas pedras atiradas num protesto servem de pretexto para cargas brutais e, em breve, tornou-se vulgar haver homicídios em manifestações (tanto de manifestantes como de polícias). Muitos destes eventos são cuidadosamente orquestrados por meio de unidades de operações especiais, a agir em células a contrato nos nexos entre o público e o privado. Tudo isto serve para alimentar ainda mais a dinâmica de ódio e de balcanização mútua que foi cuidadosamente cultivada no percurso até aqui. O estado policial que ascende é um no qual a polícia usa de brutalidade irrestrita para com o público; mas é também um no qual existe caça organizada a polícias.

Manifestações: "Heróis ONGistas", i.e. provocadores / ID de manifestantes.

Movimentos organizados por provocadores/informantes, de ONGs.

Manifestações servem para facilitação, mas também para ID de “dissidentes”. Curiosamente, os líderes destes movimentos não são considerados dissidentes. Têm direito a audições nas altas instâncias do poder, e são patrocinados por grandes fundações, agências internacionais, ONGs. São provocadores escolhidos e treinados para os seus papéis por grandes fundações bancárias. Trabalham em conjunto com operações de intelligence mercenárias e com o aparelho parapolicial dos estados onde estão em acção. Daí, as manifestações também servem para identificar pessoas (os organizadores têm redes de espiões ao longo das massas de protesto), aquelas que parecem ter melhores ideias e ser mais consistentes do que a média. Essas serão registadas em listas secretas de dissidência, da lista para “conversão social” à pura e simples hitlist.

A dinâmica geral do século da mudança, guerra mundial contra o planeta

O século da mudança.

Era de desordem, insegurança e destruição. Século 21, o século da mudança, no qual a vida é radicalmente alterada. Era de insegurança e desordem.

Contracção global: shock and awe mundial de governantes contra governados.

Pirâmide cai sobre si mesma para formar círculo final.

Conduzida com base em teoria avançada (e.g. teoria de jogos). Muitas pessoas não perceberam, mas todo o processo de destruição social, contracção, de-desenvolvimento foi conduzido com base em teoria avançada (na era mais recente, teoria de jogos) e expressou uma guerra viciosa das classes governantes contra os governados. O topo da pirâmide caiu sobre o resto da estrutura, de forma a destruir a pirâmide e, eventualmente, a estabelecer-se como um círculo, o único círculo remanescente.

Shock Doctrine / Shock and Awe / Guerra mundial, total, sobre o planeta inteiro.

Conceito de “total warfare”, desenvolvido em Sandhurst para oligarquia britânica. Guerra “convencional”, química, biológica, psicológica, etc.

Guerra total, full-spectrum, para obter crise total, colapso total, domínio total. Em parte, isto tudo foi guiado pela Shock Doctrine, onde a catástrofe é vista como uma oportunidade, uma altura em que podem ser feitas coisas que, de outro modo, não poderiam ser feitas. A versão total da Shock Doctrine é aquela onde o choque é provocado e guiado e o objectivo é o colapso total, já que sob colapso total existem oportunidades totais, tecnicamente. O manipulador sem sentido moral pode exigir poder total sobre colapso total. Este é o rationale que é seguido, numa filosofia de guerra total, full spectrum, sobre todos os aspectos da vida e sobre todos os vectores dos quais a vida humana depende. Guerra total, , dirigida pelas classes governantes contra os governados, para criar crise total, em todos os sectores, obter colapso total e, após isso, consolidar domínio total.

De-Desenvolvimento / Sustentabilidade Global / Corporate management bureaus.

Implosão global controlada, i.e. dinâmica contínua de desmantelamento económico. Dinâmica de crescimento negativo, i.e. contracção e desmantelamento contínua de capacidade económica global.

O novo Monopólio é contracção radical e estagnação final, para Oligarquia.

O que fica é uma economia de escassez, subsistência mínima, i.e. Sustentabilidade.

(Produção em massa só existe se acompanhada de crescimento, consumo em massa.) A actividade económica do mundo é trancada e não dá origem a produção em massa, que só pode existir se for acompanhada de consumo em massa e de aumento dos níveis de vida, mas não é isso que está nas cartas. Toda a produção que fica é para suster um sistema depressionário no ponto da subsistência mínima, e para financiar projectos "globais". Este tipo de ambiente não é conduzido pela necessidade de fazer crescer capital, e não providencia um jogo lucrativo de Monopólio; proporciona estagnação e crescimento negativo em prol de um status quo consolidado, e é essa a ideia.

Economia gerida por grandes corporate management bureaucracies.

Quotas, orçamentos / inimizade a crescimento e inovação.

Padrão mercantil europeu (britânico) e soviético. Neste ambiente, a economia é gerida por grandes monopólios de gestão da produção e distribuição de recursos. As antigas corporações tinham de competir entre si (ou, pelo menos, com PMEs) pelo menos nalguma medida; agora, combinam-se em grandes cartéis público/privados para regiões inteiras e, eventualmente, para todo o planeta. Eventualmente, a corporação multinacional é trocada pela globocorps, aquilo que ascende desse processo de consolidação. O processo é acompanhado da conversão destas estruturas em burocracias de gestão, que se debruçam sobre quotas e orçamentos e são inímicas a inovação e a crescimento, à semelhança do que acontecia com os antigos impérios mercantis europeus e, mais tarde, com o herdeiro directo, o modelo soviético.

Dinâmica de bellum omnium omnia (governantes contra governados).

Choques só se generalizam durante Colapso. Os choques começam no ocidente sobre crise económica agravada mas só se generalizam durante o Colapso.

Choques entre grupos, saques, raptos e assassinatos, destruição civil, etc.

Guerra / Conflito constante / bellum omnium omnia / decomposição de nações. Dinâmica de choque e conflito constante, mais conflito, guerra, violência étnica, terrorismo, e não menos. Entre nações em decomposição e, mais tarde, entre regiões e entre as próprias cidades-estado, e dentro das mesmas. O terrorismo, o crime organizado e a insurgência revolucionária tornaram-se lugares comuns nas grandes áreas urbanas. Muitos juntam-se aos grupos protagonistas com o mero incentivo do saque, que se segue a cada acção.

Era de Conflito, travada por classes governantes contra governados.

Desperdício, jogos sistémicos, desmantelamento, destruição civilizacional. Os conflitos constantes são uma questão puramente interna. Na verdade, são travados pelas classes governantes contra os seus próprios súbditos. Apesar de a guerra continuar a ser utilizada para obter recursos específicos e conquistar países e territórios, este paradigma é escolhido apenas pelo facto de ser destrutivo e perdulário. Desperdiça recursos, provoca destruição humana e social, gera paranóia securitária – e tudo isto aumenta a consolidação de poder pelas classes governantes, bem como o seu chokehold sobre as sociedades do mundo. Nenhuma sociedade se pode desenvolver sob securitarismo, contracção e desperdício sistémico, e isso é óptimo para quem se alimenta de arrested development, a oligarquia. Mas, mais que isso, tudo isso lança as bases para jogos sistémicos de blowback e destruição, à medida que as guerras estrangeiras voltam para casa – *literalmente*. O propósito é, uma vez mais, o de *destruir* e desfigurar por inteiro a civilização e a própria humanidade.

Ocidente será a África de amanhã – Attali.

«*A classe média, principal actor da democracia de mercado, reencontrará a precariedade à qual julgava ter escapado ao dissociar-se da classe operária; cada vez mais, o contrato prevalecerá sobre a lei; os mercenários, sobre os exércitos e as forças policiais; os árbitros, sobre os juízes. (...)...assistiremos ao regresso das cidades-Estado.*» (Pág. 179) (...) «*África estará a dedicar-se, sem êxito, à sua construção, quando o resto do mundo começar a desconstruir-se sob os golpes da globalização. A África de amanhã não virá a assemelhar-se ao Ocidente dos nossos dias; será, pelo contrário, o Ocidente de amanhã a assemelhar-se à África de hoje.*» (Pág. 180)

Low carbon economy, créditos, racionamento, privilégios.

Low carbon economy – créditos – escassez artificial.

A economia depressionária é a "low carbon economy".

Cortes progressivos, escassez artificial, "gestão racional" de recursos. A economia depressionária, de austeridade permanente, é conhecida como a "low carbon economy". Cortes progressivos do consumo e imposição de políticas de escassez, sobre todos os essenciais da vida – água, comida, energia –, sob "austeridade global" e "gestão racional" de recursos.

State capture para fins mercantis. A low carbon economy é uma economia simultaneamente "pós-estatal" e ultra-estatal. O estado é comprado e torna-se propriedade de entidades comerciais, usado para micromanagement mercantil.

Taxas de utilização de recursos – cap and tax and trade – monetização – créditos.

Créditos – unidade monetária expressa em termos de acesso a recursos. Os "impostos" (públicos) per se são largamente substituídos por "taxas" (privadas) de utilização de recursos, consumo, particularmente sobre energia. A colecta fiscal destas taxas é depois usada para colateralizar dívida derivativa e para pagar as dívidas da localidade e da região a grupos privados. Eventualmente, são monetizadas e aí temos a linguagem dos "créditos", onde a pessoa paga um X para ter Y créditos de consumo de qualquer coisa. As unidades monetárias passam, desta forma, a ser expressas em créditos de acesso a consumo. Existem rações/quotas de consumo individual, que estabelecem uma baseline, e depois a alocação de privilégios de consumo.

Riqueza e "valor social", medidos por créditos, alocação de privilégios de consumo. Neste modelo, a riqueza é medida pelo privilégio de consumir recursos, particularmente energia. O "valor social" de um indivíduo mede-se pela quantidade de privilégios de consumo que recebe. Ou seja, sistema de privilégios, com distribuição de créditos, alocação de privilégios ao longo da escala social.

Escassez artificial de créditos – assegurar prisão sócio/económica permanente. É claro que a emissão de créditos é mantida artificialmente escassa, independentemente da disponibilidade real de recursos. Isso é, antes de mais, uma forma de assegurar que as massas da humanidade são mantidas numa prisão sócio/económica permanente, onde a pobreza e a falta de recursos sociais é a norma, e não a excepção. Sair do abismo profundo da shanty town média nas megacidades

torna-se o grande sonho de múltiplos wannabe slumdog millionaires; e a chave para isso é obter uma forma de ganhar uma share maior no darwinismo social da "economia natural", i.e. em linguagem obscurantista de loja, ser um melhor "homem verde".

Orçamentalismo e microgestão económica. A economia de carbono, com os seus orçamentos centralmente determinados, providencia uma maneira simples e directa de microgerir a actividade económica e a distribuição de recursos pelo planeta fora.

Desigualdade extrema – Duas classes, managerial class pelo meio.

Como sob Império Britânico, URSS.

Inexistência de classe média. De modo similar à era medieval e aos Impérios Britânico e Soviético, a sociedade é organizada com uma divisão entre os extremamente ricos e privilegiados e os extremamente pobres e explorados; com um conjunto de castas managerial e técnicas pelo meio. Economicamente, não existia classe média em tempos feudais, e é precisamente por isso que a classe média deixa de existir, para a nova era. Aqui, é substituída por uma classe de apparatchiks e managers, que faz a estão dos domínios dos megaconglomerados.

Pobres, um mercado entre vários outros.

Material humano a ser usado, em escravatura, violência, crime, biotech, etc. Os pobres tornam-se um mercado entre vários outros, como Attali disse, no registo 3º mundo. Uma população pobre é vista como material humano à espera de utilização. Isto pode significar trabalho escravo, crime organizado (violência, prostituição, narcóticos), fonte de recolha de órgãos, material para organização em milícias urbanas, para fins tácticos.

"Human chattel", material humano a ser usado e gerido, como na Idade Média. À semelhança do que acontecia com a classe de vilões e de camponeses, na Idade Média, a classe baixa da nova era vive na mais completa precariedade e pobreza. São o "capital humano", os "activos humanos", os "recursos humanos", a ser "geridos" como "human chattel".

Jack London e o Povo do Abismo. Os mais baixos de entre estes são o Povo do Abismo, pessoas muito pobres, escravos, migrantes, refugiados, comparáveis às massas similares de seres humanos que preenchiam as estradas rurais da Europa medieval.

Jack London (1907), "The Iron Heel". «*The labor castes, the Mercenaries, and the great hordes of secret agents and police...were all pledged to the Oligarchy....The condition of the people of the abyss was pitiable....All their old liberties were gone. They were labor-slaves. Choice of work was denied them. Likewise was denied them...the right to bear or possess arms. They were not land-serfs like the farmers. They were machine-serfs and labor-serfs*»

Distribuição de entitlements e privilégios.

Privilégios senhoriais reproduzidos a escalas regional e global. A riqueza será medida por privilégios, mais do que por aquisições ou rendimentos. Os privilégios senhoriais das antigas classes altas são agora reproduzidos às escalas regional e global, com acesso ilimitado a créditos (de carbono e outros) e a concessões territoriais e de negócio.

Burocratas de topo como cônsules.

Saque e poder executivo limitado, dependente de obediência a aristocracia global. Os burocratas de alto nível, nas instituições centrais de governância (incluíndo generais), são managers de topo ao nível dos antigos cônsules romanos. Têm poder executivo ilimitado enquanto o seu reino perdura, e podem saquear aquilo que queiram dentro de limites razoáveis, mas não são déspotas ilimitados. Têm de agir sempre em obediência à aristocracia senhorial à qual são subservientes (e da qual alguns deles provêm).

Managing bureaucracies: meritocracia relativa, entitlements hierárquicos. Dentro das managing bureaucracies, os privilégios e entitlements estão relacionados com o grau ocupado na hierarquia e, em ocasiões limitadas, com o mérito demonstrado em serviços aos barões acima.

Castas marciais: sociedade aparte, de pretorianos predatoriais. Também relevantes, são as castas de soldados e mercenários, as forças pretorianas que asseguram o exercício de brutalidade imperial no novo sistema. Como Jack London fez observar, essas castas seriam tornadas numa sociedade aparte, com cidades próprias e culturas de grupo próprias. Têm entitlements comparáveis àqueles que eram usufruídos pelas forças pretorianas romanas durante a era imperial.

Servos, com entitlements de subsistência. Fora das hierarquias burocráticas, estão os servos, com entitlements de subsistência.

'A economia nunca esteve melhor'.

Estatísticas inventadas e slogans fáceis. Será dito que nunca houve tanto bem-estar, harmonia global, e prosperidade. Será também dito (e consubstanciado por inúmeras estatísticas, todas elas deturpadas) que as pessoas nunca foram tão inteligentes e tão bem preparadas para a vida.

A sociedade colapsa e a fome mata milhares/dia, mas é ilegal dizer que existe fome.

Também já não existem problemas económicos, porque é ilegal que o hajam. Entretanto, a pessoa média depende de aparelhos electrónicos para fazer contas de somar, os velhos edifícios colapsam continuamente, e as pessoas morrem cada vez mais cedo. Centenas de milhões de seres humanos vivem sob dificuldades extremas e milhares morrem de fome todos os dias. Porém, já não existe fome, no sentido legal do termo. A cada mês que passa, o governo publica novas

estatísticas que mostram sem sombra de dúvidas que a economia tem vindo a melhorar continuamente. Já não existem problemas na economia, porque agora é ilegal que haja problemas na economia.

Trabalho e migrações em massa.

Migrações em massa, como na Idade Média.

Surge a força de trabalho móvel e internacional do século 21, sob corporate fascism.

1ºmundo: Economia transnacional ("ouro") cresce por emiseração da local ("chumbo").

Com raízes locais destruídas, fuga para "nomadismo sedentário". A economia local torna-se mais pobre à medida que a economia transnacional prospera. A acompanhar este fenómeno, muitas pessoas abandonam o nível local para acompanhar o fluxo transnacional. Isto leva à generalização de migrações laborais, agora também no 1º mundo. O novo século é um no qual a civilização sedentária é sintetizada com a nomádica; o técnico burocrático é sintetizado com o cigano.

3º mundo: grandes fluxo sul-norte intensificam-se.

A fuga de infernos terrestres para putativos El Dorados. Ao mesmo tempo, o grande fluxo migratório de sul para norte apenas se intensifica, com massas populacionais a fugir de infernos terrestres na busca de um qualquer El Dorado nas ruas desvanescentes do 1º mundo.

Padrão medieval de migrações e fugas em massa reproduzido na era neofeudal. Na Idade Média, a Europa era atravessada por grandes fluxos migratórios, em fuga de pobreza e de guerras e em busca de trabalho e de boas condições de vida. Todo esse padrão é reproduzido à maior escala com a globalização de feudalismo.

Da mesma forma, migrações ordenadas por barões (macro e micro). O que também é reproduzido são as grandes deslocações de população ordenadas por barões e por lordes. Na Idade Média, massas de servos e de escravos eram carregados de barco de um lado para o outro, para repopular regiões e para trabalhar em grandes explorações feudais. Todo esse sistema de coisas é reproduzido no século 21, com movimentos migratórios organizados por grandes consórcios multinacionais. Isto pode acontecer a uma escala macro, pela promoção activa da importação de populações pobres para países de 1º mundo, na dinâmica de globalização

económica. Mas também pode surgir a uma escala micro; literalmente levar massas de trabalhadores servis de região em região, com a exploração multinacional – os “chineses” (os conglomerados multinacionais que mandam na China) são, e continuarão a ser, notórios em tudo isto.

You’re a (human) resource 1.

Mais horas de trabalho, condições cada vez mais reduzidas.

Trabalhar para rendimento de subsistência, “satisfatório” e baseline de “justiça social”. Os servos empresariais trabalharão em condições cada vez mais opressivas. Haverá mais horas de trabalho a troco de condições progressivamente mais reduzidos. Trabalhar, e receber um rendimento de subsistência enquanto se trabalha, será considerado um prémio per se, e uma baseline de justiça social.

“Pessoal” acaba / CH é um investimento a ser gerido sob HR TQM.

I.e. corporate/guild micromanagement do empregado (modelo asiático). Os empregados deixam de ser “pessoal”, para passar a ser recursos, activos, capital. Capital é um investimento e um investimento tem de ser gerido sob management – HR management, sob TQ paradigms. Isto significa que a tendência é a de que o empregado veja a sua vida a ser controlada pela corporação, o paradigma que foi popularizado pelo Japão e pelos “tigres asiáticos”. Nos casos em que isso se aplicar, esse controlo também será exercido pela ordem profissional, a nova guilda laboral.

TQM sobre tudo, já que tudo é factor de performance. Este controlo chegará até aos mais pequenos pormenores. Tudo é um factor de performance e de development, o que significa que tudo tem de ser controlado.

Biopsicossocial, medicina laboral, seguros, personal schedules, biometria, drogas, implantes, etc. Sob medicina laboral e insurance terms, os empregados terão de tomar drogas de “optimização cognitiva” (anfetaminas/ritalina e outros psicotrópicos). A vida mental do sujeito (cognição, conação, discurso, emoção) será objecto de regulação interna, o mesmo acontecendo para a sua vida biológica. A 21st century corporation tem departamentos médicos, ginásios internos e personal schedules for the day, controlados e vistoriados pelos consultores de RH. Técnicas biométricas, controlo de sinais vitais (por coletes mecânicos ou ambientes wireless), implantes biónicos; todos serão vulgares nestes ambientes – isto para quem queira manter um emprego qualificado.

You’re a (human) resource 2.

Novo ambiente económico, disperso, rápido, visa queimar recursos a baixos custos.

Empregados com vidas muito ocupadas e confusas.

Existir para trabalhar para a corporação. O novo ambiente económico é rápido, ineficiente, disperso, caótico. Nesse ambiente, desperdiçar tempo com futilidades (queimar recursos excedentários) e, conseguir fazê-lo a baixos custos e com uma labor force reduzida é prioritário. Os empregados levam vidas extremamente ocupadas e confusas. É esperado, aliás (embora raramente seja dito), que o empregado *exista* para trabalhar para a corporation. É *esse* que é o centro da sua existência. Toda a sua vida tem de ser centrada à volta do corporate job.

Family is bad for management / corporate black ops teams / HR war on employees.

Have a mistress, wreck your family, lose the mistress, take the happy pills. Ter uma família é bad for business; ou melhor, bad for management. Nada de redes ansiliárias de suporte. A vítima tem de ser apanhada sozinha e atomizada na teia da aranha, neste domínio como em todos os outros. Só assim pode ser satisfatoriamente mudada e reengineered nas direcções *apropriadas*. Qualquer corporation desenvolve psy/black ops teams e departamentos de psicólogos e de provocadores para travar guerra contra os seus próprios empregados e, contra as suas famílias. We'll get you a mistress, break your wedding, then take the mistress away. Then take your happy pills while you trip away, writing that corporate report.

Técnicas antes usadas com corporate boards / na management era, são para todos. O tipo de grau de controlo implícito em tudo isto expressa apenas a generalização a toda a corporate structure do tipo de métodos de gestão que já eram usados com os corporate boards. Agora, são aplicados a toda a estrutura, algo de expectável numa era de gestão.

You're a (human) resource 3 – Work/living centers (plantações).

Centros laborais integrados, fortificados e isolados do resto do mundo.

Desenvolvidos a partir de actuais pólos tecnológicos.

Slave plantations para trabalhadores qualificados. Em breve, o modelo ensaiado por estes conglomerados na China torna-se comum. Optimização de condições de performance significa que é desejável que a labor force, a team, viva no local de trabalho; ou muito perto dele – parques laborais integrados, fortificados e isolados do resto do mundo. Labor centers, work villages, tech cities. Wanna be a trainee at the Esso/Sachs work colony?, it's oh so much fun! Nestes centros, os empregados vivem em instalações cativas, tendencialmente sem família. Estes parques/colónias industriais desenvolvem-se a partir dos actuais pólos tecnológicos e são literais colónias/plantações de trabalho, embora para empregados qualificados.

Plantações para subqualificados, o modelo Arbeitslager.

A company store. Existem muitas outras plantações para empregados subqualificados, moldadas ao estilo arbeitslager indonésio/chinês. O empregado trabalha 14h por dia, vive no dormitório colectivo. Faz todas as suas compras na company store; o rácio médio despesas/rendimentos é sempre calculado para fazer com que os rendimentos sejam a menos do que as despesas necessárias para subsistência; isto significa que o empregado tem de se endividar junto da finance agency da companhia e trabalhar cada vez mais para pagar uma dívida que continuará tendencialmente a aumentar. O tipo de sistema que os rober barons instituiam nas suas próprias colónias laborais, de que Tenessee Ford fala na sua canção "16 Tons / I Owe My Soul to the Company Store".

Mais notas sobre trabalho (FEERA, IHRAA, etc.).

Recusar mercado estagnado, esclavagista, leva a punição comunitária. Quando alguém se recusa a trabalhar por salários baixos e fixos, ou aceitar os trabalhos que lhe é destinado, é colocado sob prisão domiciliária, e sentenciado por actividades antisociais e anti-comunitárias.

IHRAA – Realocação de recursos humanos pela região/mundo fora. Muitas pessoas foram realocados para novos empregos, em novas cidades, até em novos países, dependendo das quotas de emprego estabelecidas pela UN International Human Resource Allocation Agency (IHRAA). As famílias recebem alojamentos apropriados ao seu estatuto laboral e à sua disponibilidade para cooperar. Esta é uma forma de destruir famílias. É normal haver cenários como o marido ser enviado para NY e a esposa para LA, por exemplo.

Voluntariado forçado no "exército ambiental" da FEERA. Quando lhes é dada uma opção entre a prisão ou o "voluntariado" para a UN Full Employment and Environmental Restoration Army (FEERA), a maior parte deles escolhem a FEERA.

Voluntariado obrigatório comunitário.

"Aqui está o teu cartão, o teu emprego, onde vais viver" – como na URSS. A quebra da economia local e dos serviços públicos leva à implementação de gestão comunal regimentada, como no 3º mundo, ou sob o sistema soviético. Aqui está o teu cartão de créditos, aqui está o teu emprego, e aqui está onde vais viver.

"Voluntariado obrigatório", "economia solidária" (doublespeak venenoso).

Trabalho escravo por "créditos sociais" / firmas, ONGs e todos os outros state capturers. Isto implica a entrada de um novo/velho paradigma de trabalho, trabalho forçado. A isso, sob o habitual doublespeak venenoso, chama-se "serviço voluntário obrigatório", "economia comunitária" "economia solidária". É o que acontece quando uma civilização é controlada por

lixo e se autodestrói numa dinâmica de conversão em lixo; inevitavelmente, torna-se lixo. Trabalhar "em prol da comunidade" significa trabalhar para firmas privadas, ONGs, e por aí fora, em troca de um módico de créditos sociais (o suficiente para comprar um lata de sardinhas ou um pacote de soja GM, no final do dia).

Arbeitsdienst, trabalho por dependentes, punição comunitária, etc. Todos os adolescentes são forçados a participar, como "ritual de entrada na maioridade" (na prática, pura e simples exploração e degradação fascista da juventude, Arbeitsdienst), o mesmo acontecendo para todos os dependentes dos centros de empregabilidade comunitária, que trabalham em troca de comida e de alojamento social. Depois, existem muitas outras pessoas, que fazem serviço comunitário obrigatório como forma de pagar impostos e multas e para redução de penas prisionais.

"Salvar a Terra", mote infantil e mentiroso, como de costume. O mote em tudo isto é tão infantil e mentiroso como a era em geral: "salvar a mãe Terra".

Trabalho qualificado sem salário / "Segurança comunitária" / Serviços degradantes.

E.g.trocar fraldas a idosos no centro de eutanásia ("unidade de cuidados continuados"). As aplicações de voluntariado são vastas e estendem-se a coisas como executar trabalho qualificado sem salário, ou fazer trabalhos de "segurança comunitária" (i.e. participar nas quintas colunas fascistas de repressão sobre a comunidade). Mas a maior parte das actividades remetem-se à execução de serviços degradantes na comunidade (limpar valas, trocar fraldas a idosos, etc.), algo que é chamado de "economia solidária", "economia social". Faz babysitting, vai apanhar lixo na mata e fazer umas horas no centro de eutanásia ("unidade de cuidados continuados") e recebe uma lata de soja esterilizante e cancerígena em troca.

Brigadas de trabalho forçado.

Trabalho perigoso / "dissidentes" etc. / condições míseras / matar pessoas, um premium.

Subcontratado, ao mesmo nível de trabalho escravo prisional. Tudo isto é trabalho forçado, feito em grupo, mas o paradigma da *brigada de trabalho forçado* só é atingido no seu pleno nas actividades realmente difíceis e perigosas, com trabalho forçado em situações como explorações mineiras, ou limpeza de lixo tóxico. As mortes nestes trabalhos não são lamentadas; são encorajadas, tanto como o eram as mortes nos gulags da URSS ou nos campos de concentração da Alemanha Nazi. As pessoas que são forçadas a fazer este género de trabalho são colocadas ao mesmo nível que aquelas que trabalham sob o sistema prisional privatizado. E, tal como muitos dos prisioneiros nessas instalações privatizadas, estas brigadas são alojadas em tendas, armazéns abandonados, edifícios devolutos. Muitos dos membros nestas brigadas são "dissidentes", que assim pagam a sua "pena" pelos seus "crimes de ódio" e de "impropriedade", pelas suas atitudes politicamente incorrectas.

e-ID, dinheiro digital, community CCTV.

Dinheiro digital – Saque, tracking and tracing, terrorismo.

Dinheiro físico phased out – Dinheiro digital. O dinheiro físico é gradualmente phased out, transformado numa entidade meramente digital.

Finance middle man obrigatório – saque por bail-ins. Ao mesmo tempo, todos os movimentos e transacções têm de ser forçosamente feitos por meio de agências financeiras; o middleman é obrigatório e em breve começou a usar o sistema para saquear livremente contas, por meio de sistemas de bail-in.

Associação semântica – Checkout payments associados a "segurança".

Pagar um café em cash, "potencial terrorismo" / em breve, insanidade chega a Europa. Em breve, todos os pagamentos acima de um dado montante são feitos por transferência electrónica. Quem faz pagamentos em cash é considerado suspeito e potencial terrorista, numa tendência iniciada no início do século 21 (um flyer das "Communities Against Terrorism", um movimento terrorista iniciado pelo FBI nos EUA, dizia que pagar cafés com cash e ser simpático eram índices de potencial terrorismo! Havia muitos mais documentos deste género nos EUA, provindos de fusion centers e agências privatizadas de "segurança", um eufemismo para células terroristas – a tendência rapidamente chegaria à Europa, à medida que as coisas se tornavam cada vez mais fársicas e insanas.)

Dinheiro digital, para tracking and tracing. Transformar o dinheiro numa entidade meramente digital é algo que permite muito mais controlo. É possível rastrear automaticamente todas as transacções que são feitas por cada indivíduo e usar isso para construir perfis de gostos, preferências, consumos; esses perfis podem depois ser vendidos pelos fusion services a agências de segurança, agências comerciais e de relações públicas, etc.

Dinheiro digital, para terrorismo sobre cidadania – "evaporar" créditos. Ao mesmo tempo, torna-se possível usar terrorismo também a este nível. Um alvo de operações pode descobrir, de repente, que o seu dinheiro digital desapareceu, foi evaporado. Em tempo, isto torna-se um instrumento de controlo comunitário. Uma das punições para pessoas antisociais é o "evaporar" da sua alocação mensal de créditos; a pessoa tem de se "redimir perante a comunidade" para voltar a poder comprar comida e pagar renda.

e-ID – Cartão único / comprar e vender / estado policial.

e-ID/cartão único – agregador de todos os dados pessoais – sistema ONU. Todos os cidadãos têm um BI internacional electrónico, um cartão único, que funciona como agregador de todos os dados de vida da pessoa, para todos os serviços concebíveis, primeiro, estado, depois, serviços privados. O sistema começa por ser resultante de uma directiva ONU nos 90s, começa por ser testado nalguns países europeus, após o que é generalizado ao mundo.

Debit/credit – sistema e-ID obrigatório para comprar e vender. Em breve o cartão único é também o cartão de saúde e também o cartão de débito e de crédito. É aí que são agregados os "créditos" que cada qual tem. A ideia é que ninguém pode comprar, vender ou operar em qualquer valência oficial na sociedade sem estar integrado neste sistema de e-ID. E, em breve, sem dúvida que o cartão em si começa a servir para fazer todos os pagamentos, à medida que cash for phased out em prol de dinheiro digital.

"Deine papieren bitte". Estes cartões são, claro, obrigatórios para identificação em checkpoints militares ("deine papieren bitte").

e-ID, também para controlo – e.g. agência de "segurança" bloqueia transacções. Este sistema é também uma forma de controlo e sorting social. Se uma agência terrorista, "segurança" privatizada, decide colocar um indivíduo numa lista de indesejáveis, os seus movimentos e transacções podem ser bloqueados e a pessoa rastreada para acção directa.

e-ID – Cartão dá lugar a aparelho identificador pessoal.

Tatuagem electrónica.

Mão direita, para scan rápido, ou opção smart, na testa, para scan com scan retinal. Em breve, o cartão é substituído por tatuagem electrónica, um aparelho identificador pessoal único; que não precisa de ser visível. Algumas pessoas usam este aparelho na mão direita, para scans rápidos, mas também existe a opção de ser usado na testa, onde expedita processos de identificação, é mais fast, smart, elegante (o scan retinal é feito em conjunto com o scan da tatuagem electrónica).

Reality shows / OCTV / orgy live nextdoor / confessionários.

Reality shows degradam pessoas / voyeurismo, intrusão, "big brother state is cool". Durante anos, as pessoas foram habituadas a ver reality shows, e aí podiam invadir a privacidade de grupos inteiros que aceitavam que as suas vidas fossem filmadas 24/7 para sensacionalismo

televisivo. Isso foi decisivo para erodir a ideia de privacidade e para tornar simpático, aceitável, os conceitos de CCTV e "big brother state". Ao mesmo tempo, foi decisivo para degradar o carácter moral do público. Invasão de privacidade, voyeurismo, bisbilhotice; tudo isso passou a ser aceitável. A coisa mais baixa e vulgar pode ser quase tornada aceitável se for vendida com líbido suficiente e é isso que aconteceu aqui, à medida que donas de casa desesperadas se podiam satisfazer com a visão de jovens delinquentes de tronco nu, e que homens de meia idade podiam deixar-se ir e devanear, com bimbas superficiais de top e calças apertadas. Ocasionalmente, estes jovens e estas bimbas enrolavam-se na cama e isso tendia a estourar as ratings, até deixar de o fazer, porque se tinha tornado *banale*.

OCTV, monitorização comunitária. Esta sociedade aclimatizada a degradação não sofreu um choque tão grande quando viu esse sistema a ser introduzido na sua própria vida quotidiana. Em breve, sob segurança comunitária, foram introduzidos sistemas de OCTV nas ruas e nos exteriores e corredores interiores dos condomínios. Os sistemas OCTV eram monitorizados por pessoas na "comunidade", sob serviço comunitário obrigatório, em troca de créditos sociais. Mais tarde, a monitorização passou a ser acessível, através de portais web locais, a qualquer um que se inscrevesse para isso, à medida que o sistema de serviço comunitário se generalizava e se tornava cada vez mais "flexível"; e, mais tarde, a todos, na localidade, através de serviços integrados TV/Internet.

A máquina de comer avança para o interior dos apartamentos, CCTV doméstica.

Impor presença psicológica do estado fascista / monitorização já era habitual. Nesta altura, os conceitos de monitorização, ausência de privacidade, humilhação pública, transparência total, já se tinham tornado inacreditavelmente banalizados e aceites. Era a altura ideal para avançar para o passo seguinte, a introdução obrigatória de CCTV no interior de todos os apartamentos. Essa era apenas uma formalidade acessória para "marcar território" e asseverar o poder das "autoridades comunitárias" sobre tudo e todos. Muito antes de haver câmaras impositivas em cada divisão, a vigilância doméstica já era um dado adquirido, feita através da multiplicidade de meios electrónicos de múltiplas vias que tinham sido promovidos pelo mercado, de entre os quais os sistemas wireless eram os mais abrangentes (permitindo tirar "filmes" 3D de toda a acção dentro de casas e divisões).

CCTV domésticas / peer, community pressure.

"Fun fun fun" / "be a community star" / "make your voice heard". O controlo das CCTV domésticas era feito na continuidade do que foi aplicado sob OCTV; o que se passava em cada divisão de cada casa era imediatamente acessível a todos na comunidade. A Oligarquia pensou aplicar aqui o constantemente usado método de pressão de pares, pelo qual cada pessoa é apertada e mantida sob controlo num torno social composto pelos seus iguais. Nos formatos mais actuais, isto é feito através de pura aplicação de teoria de jogos. A generalização de CCTV doméstica não foi feita sob um registo meramente ameaçador e impositivo; apesar de isso ter

feito parte, como sempre. O programa foi vendido sob o elemento propagandístico de fun fun fun. Agora, todos podiam ser uma estrela por 15 minutos; a promessa de Andy Warhol. Todos podiam partilhar os momentos especiais das suas vidas com todos os outros. Todos podiam abrir os seus corações à comunidade e "fazer as suas vozes ouvidas", sobre buracos na rua, ou as manchas no pêlo do cão do vizinho, e por aí fora.

Lucrar com intrusão de privacidade sobre si mesmo.

Publicidade / tornar-se estrela (inc. porno) / etc. Para além do mais, cada apartamento podia rentabilizar e lucrar com a intrusão de privacidade sobre si perpetrada. O modo como isto funcionava é como se segue. Cada apartamento podia ter um ou mais community users a assistir à acção a ocorrer dentro de si (havia sempre o mínimo de um, o sistema central de vigilância para data gathering e fusion). Mas alguns apartamentos tornam-se bastante populares, em geral pelos "grupos jovens e dinâmicos" que os habitam (e por coisas como orgias sexuais e afins). Esses apartamentos, com excelentes community ratings, podiam aproveitar o "sucesso" para fazer negócio a partir disso. Isto significa algo como os actuais sistemas de sponsorship em redes sociais, onde canais e perfis com boas ratings podem lucrar com advertisement e outras aps lucrativas. É precisamente isto que acontece com CCTV comunitária, onde apartamentos com boas community ratings entram em negócios como publicidade e tudo o resto. Algumas pessoas aproveitam este tipo de visibilidade para se tornar estrelas (actuação teatral, música, porno, etc.); ao nível local e, mais tarde, ao nível regional e, até, global. Ao mesmo tempo, tudo isto serve como um veículo pelo qual as pessoas se podem conhecer, para se utilizar mutuamente.

Objectificação, voyeurismo, intrusão / Insanidade e morte / Suicídio, homicídio. Pornografia é uma realidade essencial numa era guiada por conceitos como os de objectificação, voyeurismo e transparência total. É também uma era aliada a insanidade e a morte. Muitas pessoas cometem suicídio ou assassinam familiares perante a CCTV. Muitas pessoas são provocadas e guiadas para todos estes tipos de comportamento. Esta é também a era de mistificação, manipulação e mentira. O objectivo é a plena e total destruição do ser humano e da sociedade humana.

Degeneração e perversão faz sempre shows de "virtude".

"Pecados sociais" / confessionários CCTV / "confissão social" / votos "perdão social". Mas os sistemas mais pervertidos e degenerados montam sempre instâncias de "virtude". Parte disto é a confissão comunitária de pecados sociais, para perdão social. Quando alguém comete um "pecado social", como seja ingerir calorias a mais, dizer algo que é julgado insensível, ofensivo e politicamente incorrecto, entrar num habitat natural por engano, então é esperado dessa pessoa que procure o seu "perdão social" junto da comunidade. Isso é feito por meio da network de home CCTV. A pessoa marca uma hora com as autoridades locais para se sentar à frente da CCTV e fazer a confissão dos seus "pecados" – um *confessionário* comunitário. Todos os residentes na comunidade recebem um aviso electrónico do evento e é esperado que todos aqueles que não estejam ocupados com assuntos de maior assistam e lancem o seu voto

electrónico sobre se perdoam o pecado ou não (se não, a pessoa tem de ser punida de alguma forma apropriada, e.g. multa, trabalho forçado, etc.) Regra geral, as pessoas sabem em que sentido *devem* votar, pelo tipo de tom e de linguagem que são usados no aviso electrónico. É claro que esquivar-se a participar em tal nonsense é, per se, um pecado social a exigir confissão e perdão.

Snapshots da sociedade tecnetrónica.

Pestes.

Quebra de imunidade sob guerras eugénicas de últimas décadas.

Desnutrição e quebra de sistemas de saúde. A quebra de imunidade que se veio a desenvolver desde a II Guerra com as guerras eugénicas sobre a população é agora combinada com desnutrição e com a quebra dos sistemas de saúde para gerar pestes letais sobre largos segmentos da população.

Pestes, taylor-made by bio/mil complex.

Culpadas em terrorismo e "crise ecológica". As pragas são culpadas em grupos terroristas e, em situações como a introdução de malária no continente Europeu, em fantasias como o aquecimento global. É claro que nessa altura houve quem chamasse a atenção para o facto de o DNA nestes vírus e bactérias ser patenteado por grandes laboratórios farmacêuticos.

Vagas de pestes em padrão de intermitência / factor adicional de degradação. Nenhuma destas pestes é "the one", a grande Peste Negra que mata 1/3 da Europa. O padrão de guerra biológica sobre a população (é disso que se trata) é conduzido como em todas as outras frentes de terror e guerra na era pós-moderna: intermitência e multidiversidade. Isto significa que, ano após ano, surgem novas vagas de peste, com novas e diversificadas doenças, e todas elas fazem bastantes vítimas; algumas reaparecem nos anos seguintes sob formas mutadas e mais resistentes. O padrão de destrutividade assim produzido é um que é intermitente e letal, mas não total. É apenas mais um factor de degradação a adicionar a todos os restantes.

Transportes sustentáveis.

Automóveis banidos, excepto para classes governantes, que também usam helis, jactos. Já não existem automóveis, a não ser para as classes governantes, que também usufruem de jactos e helicópteros privados.

Grandes redes de transportes públicos para pessoas médias.

Checkpoints / licenças de deslocação entre distritos urbanos / megacidades / regiões.

Charruas e pequenas bicicletas com geradores de energia para o armazém/dormitório.

"Be a prisoner for the Earth" (oooohhh). As pessoas médias viajam em grandes redes de transportes públicos, quando são autorizadas a viajar. Para viajar entre regiões e distritos urbanos (divisões administrativas nas megacidades) é preciso uma licença especial, um passaporte interno, que é registado no identificador pessoal e depois verificada no checkpoint do transportation hub; e, claro, em inspecções no próprio autocarro ou comboio. Mas a larga generalidade das pessoas não tem licenças de transporte, a não ser em casos extraordinários; é dito que o consumo de energia seria um peso incomportável para a Terra. A larga maioria das pessoas está essencialmente presa no seu local de vida e de trabalho, geralmente coincidente. Como as pessoas vivem no local de trabalho (ou perto dele), é dito que "não precisam" de se deslocar entre regiões e distritos. Portanto, as suas deslocações nas zonas autorizadas costumam ser feitas a pé, de charrua ou de bicicleta (as bicicletas têm pequenos geradores de energia, e essa energia é depois usada nos dormitórios colectivos).

Knowledge workers e mercenários. Excepção é feita aos knowledge workers (managers, técnicos especializados de topo, comissários locais, etc.), que têm um espectro bastante alargado de licenças de viagem, e às forças mercenárias, que viajam com a unidade de distrito em distrito e podem usufruir de R&R em luxury centers.

Família / licenças genéticas / ONGs, rapto de crianças / violação, homicídio, etc.

Quebra da família / degradação gradual de laços familiares.

Licenças genéticas para ter filhos / Goldman Sachs. Todos os pais potenciais vão precisar de licenças para ter filhos, e se houver registo de qualquer tipo de "fraqueza" genética (i.e. charlatanismo arbitrário comandado pelo segurador sobre os analistas), essa licença não vai ser emitida. É claro que aí o Credite Suisse, a JP Morgan e o Barclays Bank podem fazer fortunas com flutuações sobre estes títulos, estas licenças.

Inúmeras crianças roubadas a pais / dadas a ONGs adoptivas.

Educação similar a África do Sul / URSS – "Crime totalitário é fixe". «*Quão assustadores eram os velhos dias, quando casais sem licenças e formação tinham controlo total sobre crianças vulneráveis, por detrás de portas fechadas, com quaisquer neuroses, vícios, ou perversões que*

os pais possuíssem. Como é que este vestígio de escravatura patriarcal, este abismo de abuso, continuou a existir durante tanto tempo, e não foi reconhecido pelo que era? Estamos tão melhor agora, com as crianças a serem educadas cientificamente, por staff treinado, que lhes transmite valores saudáveis»

Muitas crianças vendidas por ONGs para "jogos": tortura, violação, homicídio. Durante a Transição, inúmeras crianças são roubadas aos seus pais e enviadas para ONGs adoptivas que gerem orfanatos público/privados. Aí, as crianças são educadas em moldes similares ao que acontecia na África do Sul do Milner's Kindergarten (no pun intended) e na União Soviética. É claro que também são carne para violação, tortura e homicídio. Entre as classes dirigentes, existe quem esteja disposto a pagar muito dinheiro pelo direito de "jogar um jogo" com crianças pequenas.

Aparatos de "segurança".

Garrison-states localizados no 1º mundo.

Autoritarismo é aceite por pessoas assustadas, dispostas a obedecer.

Sacrifício, escassez de bens, força e intimidação. É apenas durante tempos de insegurança e conflito que as massas são obedientes o suficiente para aceitar autoritarismo sem queixas. As pessoas estão assustadas por estes eventos violentos e algumas ficam aliviadas sob a omnipresença temporária do estado totalitário. Este é um período durante o qual as massas têm de ser obedientes o suficiente para aceitar autoritarismo sem queixas ou reservas. Sacrifício, escassez de bens, elevada carga fiscal, uma ambiência geral de bullying e intimidação.

Gray State, estado cinzento da humanidade / ódio por espírito humano, verdade, lógica.

Quem abdica de liberdade em nome de segurança perde ambas. Bully boy systems são os mais perigosos de todos. A atmosfera social assim gerada, de insegurança e perigo constante, é a de uma cidade cercada, o estado-guarnição, onde a vida é regimentada e austera. O ambiente no ar é denso, cínico e purulento, o tipo de ambiente que se encontraria em Moscovo ou em Berlim, em eras passadas. O Gray State, o estado cinzento da humanidade, onde o espírito humano é desprezado, a verdade é o inimigo, a lógica uma ameaça.

Aparatos de "segurança" – Exércitos semi-privatizados internacionais.

Entre legiões romanas e bandos medievais.

A síntese entre regimentação (legião), descentralização (bandos), violência e saque. É neste panorama que surgem exércitos semi-privatizados internacionais, algo entre a legião romana a contrato e os bandos de mercenários e salteadores da Idade Média.

Uniformização gradual de métodos e procedimentos.

Mas não será monolítico / diferentes legiões usadas para guerras entre senadores. Sob regionalismo e globalismo, haverá uma tendência para a uniformização de procedimentos e de métodos e até de regulações entre estas forças; haverá até regimentação parcial sob sistemas centralizados. Mas nada disto será monolítico. O tipo de organização obtido é antes algo como aquele existente sob o Império Romano, ou mais tarde durante o Império Germânico, onde múltiplos barões, senadores, generais, competem e degladiam-se entre si, e não hesitam a usar meios militares imperiais para o fazer, com estas forças semi-privatizadas.

Uniformes negros, com letras amarelas fluorescentes, riscas vermelhas. Os aparatos de segurança vão ter um toque quase monolítico, uma similaridade de carácter irrespectiva de localização ou tarefas de segurança específicas. Todos vestidos com os mesmos uniformes negros, com grandes letras amarelas fluorescentes nas costas dos casacos e riscas vermelhas ao longo dos uniformes. Em essência, estes aparatos de segurança vão ser forças de ocupação, guarnições imperiais nas províncias.

Negro (morte), vermelho (sangue), amarelo (ouro) – código pitagórico totalitário.

Prusso-germânicos.

Império Britânico / URSS / Ordem Multipolar / Regime global. Onde as classes governantes, o ouro, se aliam com a morte para travar guerra de genocídio sobre os governados. É o código pitagórico usado para os Redcoats britânicos, para a URSS e para a China e para os regimes fascistas europeus. Também é o código pitagórico adoptado para a alta aristocracia prusso-germânica (hoje expresso em bandeiras como Alemanha e Bélgica), muito importante em tudo isto. Depois do Império Britânico, a besta que é tornada num gentleman, e da URSS, o urso que levava o 3º mundo na boca e devorou muita carne, surge a pantera de quatro cabeças (NATO, China, Rússia, Japão) e, a seguir a besta global que devorará o mundo e o reduzirá a pó. Estas cores deverão ser usadas por igual daqui em diante, como o foram até aqui.

Aparatos de "segurança" – O modelo WAPWG.

Forças internacionais público/privadas.

Distância cultural e psicológica de populações policiadas. Sob transnacionalização e privatização, a segurança e o policiamento tenderão a ser conduzidas no formato que era advogado pela World Association of Parliamentarians for World Government nos anos 50: por forças internacionais público/privadas, culturalmente distanciadas das populações que são policiadas; de forma a criar distância psicológica, a técnica usada na URSS e na China. Desta forma, haverá tropas americanas a policiar zonas do Médio Oriente e de África, tropas europeias e chinesas a policiar zonas da América do Norte, tropas africanas e sul-americanas a policiar partes da Europa e assim sucessivamente.

Técnica URSS/China – Agora em gradualismo nos EUA e Europa. Esta tendência já é evidente nos EUA ou em menor grau na Europa, onde os mercenários se tornaram num negócio bilionário, e as forças policiais são crescentemente federalizadas, e alienadas do público em geral. Os próximos passos são simplesmente o extremar absoluto de tudo isto sob condições de crise e de colapso sistémico.

Aparatos de "segurança" – Policiamento de sistemas "públicos", sob "terrorismo". Todos os sistemas "públicos" (desde eixos de transporte até mercados, centros comerciais, edifícios "públicos", etc.) estarão sob a jurisdição dos novos aparatos de segurança. O terrorismo vai continuar a ser o pretexto, justificando quaisquer procedimentos de segurança sejam considerados desejáveis para fins de controlo social.

Engenharia psicossocial.

Entretenimento e interactividade virtual.

Mais entretenimento que nunca antes – degradar e destruir o inimigo. Durante a transição, existe mais entretenimento que nunca antes – barato, superficial, vápido. A ideia é distrair e degradar continuamente o inimigo (o público), bem como aclimatizá-lo gradualmente a cenários futuros (programação preditiva, especialmente por meio de ficção).

TV digital, drogas psicoactivas. Os trabalhadores têm direito a uma TV digital, para desportos, séries, filmes, a álcool e a drogas recreativas e psicoactivas (distribuídas sob monopólios público/privados).

Interactividade, realidade virtual – mapeamento e reengineering de vias neuronais.

Reeducação e lavagem cerebral by consumer choice. Existem muitas formas de entretenimento interactivo, pelas quais a pessoa "participa" no filme ou no evento, sob plataformas de realidade virtual. É claro que, durante tudo isto, os processos e as vias neuronais da pessoa são mapeadas e alteradas, reengineered – toda a gente sabe que isto acontece, mas as pessoas foram ensinadas a não se importar. É um modo de reeducação e lavagem cerebral by consumer choice.

Consolas porno interactivas, na sociedade que destruiu a relação humana. Também e por ex., nesta sociedade tecnetrónica, onde os laços de confiança e as relações entre as pessoas são erodidos para ser destruídos para sempre, um dos placebos que é vendido ao público são consolas porno interactivas, pelas quais a pessoa é colocada num filme XXX e o equipamento faz o resto.

Desportos violentos.

A batalha aérea de HG Wells / futebol com full body armour. Os desportos violentos foram generalizados e tornados bastante populares. Um dos desportos em voga por volta de 2045 é um, antecipado por HG Wells, onde duas equipas conduzem uma batalha aérea por cima da arena, a pairar em veículos desenhados para o efeito. Com frequência, os competidores caiem para a sua morte, e cá em baixo existem espigões e outras coisas para intensificar o efeito blood & gore do evento. O futebol e outros desportos desse género ainda existem, mas agora são travados com full body armours e combates violentos entre jogadores.

Mortes na arena / desumanização / bordéis em redor das arenas, como em Roma. Portanto, é bastante normal morrerem pessoas na arena, ou no estádio, e isso torna-se a grande emoção e o principal tema de conversa, no dia seguinte. As arenas estão rodeadas de bordéis, para todos os gostos. Depois da excitação do jogo, os espectadores descarregam energia no bordel, como acontecia na Roma imperial.

A destruição da memória – doutrinação dos novos, eutanásia dos velhos.

Pequenos, doutrinados para new age worldism, ensinados a demonizar "era egoísta". Agora, existe toda uma nova geração, que não tem qualquer memória de outra forma de vida. Está completamente doutrinada. As escolas e os manuais falam da era antecedente como uma era de competição desenfreada, egoísmo e injustiça. Antes, as pessoas queriam coisas egoístas como casas privadas ou um guarda-roupa completo, *destruíam o ambiente com os seus automóveis*. Agora, toda a gente tem a sua quota parte, a sua *parte justa*, dos recursos do mundo.

Mais velhos esquecem-se (forçam-se a esquecer) de vida anteriormente.

E, incríveis campanhas de eutanásia sobre Ocidente.

Visaram cortes e lucros, mas também purgar memória. Os mais velhos já se esqueceram (ou antes, forçaram-se a esquecer) de como era a vida antes de tudo isto. E é claro que muitos deles foram eliminados. As incríveis campanhas de eutanásia que foram conduzidas no mundo ocidental não visaram apenas cortar custos e obter lucros especulativos (através de health finance e death bonds); visaram também assassinar a memória, juntamente com o corpo.

Engenharia psicossocial / educação comunitária / clínicas centrais de saúde mental.

Engenharia psicossocial, cradle to grave, para produzir denizen apropriado. Dirigida por sistemas "especializados" na comunidade, a "learning society" saturada de memética, para produzir o denizen mentalmente estéril e pacificado que é apropriado à "era global".

Educação torna-se comunitária, sem "interferência" familiar. As crianças passam cada vez mais horas na escola e os seus currículos e "necessidades pessoais de aprendizagem" são definidos por equipas de cientistas sociais que operam em clínicas centrais comunitárias de saúde mental.

Clínicas centrais comunitárias de "saúde mental" (centros psicossociais / polícia política). Existem clínicas centrais comunitárias de saúde mental, que funcionam como clearing houses multiversadas para tudo o que tenha a ver com a gestão psicossocial dos denizens, desde educação e lifelong learning, a propaganda de massa, a "reeducação" de "dissidentes" (são pólos de polícia política). Estas clínicas são operadas por equipas de cientistas sociais com auxílio de sistemas AI.

Operações terroristas sobre "dissidentes" (despersonalização, etc.)

Cenário futuro, mas técnicas já bastamente usadas nos dias de hoje.

Uma managerial society tem, por definição, de desfigurar espírito humano para gestão.

I.e. despersonalização e conversão das pessoas em insectos sociais. [Uma managerial society envolve a desfiguração total e completa do espírito humano e a imposição de uma ordem social baseada na organização dos insectos, como Carroll Quigley observava. É claro que as operações de despersonalização se aplicam a toda a gente, consoante as prioridades definidas em social sorting (todos têm de ter a sua alma desfigurada à vez, por passos progressivos, para ser transformados no insecto social que é utilizável em funções comunitárias), mas os "dissidentes" são os casos mais extremos de operações de ódio e terror que são conduzidas pelo estado fascista corporativo]

Sistemas oligárquicos temem e odeiam mente individual construtiva, capaz, moral.

Encaram pessoas com mente própria como ameaças de grau militar. A maior ameaça para sistemas estagnativos e destrutivos é a mente individual construtiva. Num mundo dominado por oligarquia, arbitrariedade e criminalidade organizada, a mente individual que funciona por si mesma é considerada uma ameaça ao estado, a ser combatida como uma ameaça de nível militar. Em todas as gerações existem dissidentes, criminosos de opinião; sob inúmeras categorias diferentes. Pessoas que pensam por si mesmas e chegam à conclusão de que há algo de errado no mundo à sua volta. Pessoas que percebem a corrupção no mundo à sua volta. Outras que tendo percebido isso, são capazes de encontrar ideias originais para resolver os problemas em redor. Outras ainda que têm alguma memória ou algum conhecimento real dos eventos do passado. Outras que têm capacidades mais elevadas do que a média e são passíveis de gerar perturbações ao status quo. Com frequência, muitas destas coisas ao mesmo tempo.

Em contrapartida, a mente violenta é *usada* para gerar caos, crime, violência. A grande ameaça é este género de mente, que entra em clara contradistinção com, por ex., a mente violenta, que pode ser (é) usada pelas autoridades para gerar caos, crime e violência no mundo em redor.

Rótulos psicopolíticos / e a táctica do inimigo universal.

(Inversões de termos e projecções.) A mente funcional é politicamente rotulada como radical, extremista, potencial terrorista; uma inversão de termos, vinda de um sistema organizacional que é, ele próprio, radical, extremista e terrorista). Depois, é psiquiatricamente rotulada como doente: psicótica, paranóide, esquizotípica, maníaca, etc. (uma vez mais, a inversão de termos). É usada a táctica do inimigo universal, pela qual um ou mais grupos são identificados como bodes expiatórios para todos os males no mundo humano. As autoridades apontam para estas pessoas e dizem que causaram os problemas actuais – são mentes antisociais, terroristas, doentes, anti-comunitárias. São artefactos do antigo sistema; individualistas e egoístas (as duas coisas são tornadas sinónimas) e, até, esclavagistas, arrogantes, agressores, opressores. São acusadas de crimes de ódio e de atitudes politicamente incorrectas (toda a normalidade é virada de pernas para o ar num espectáculo descontrolado de projecções e de inversões de termos). São lançadas campanhas de difamação e de mentiras, ao nível da comunidade, que é usada contra essas pessoas.

Operações negras, terrorismo, uso das “forças vivas da comunidade” (zombies locais). A pessoa que pretenda fazer mudança positiva no mundo vai ter dificuldades. Vão ser contadas mentiras incríveis sobre ela, vai ter idiotas na comunidade que vão achar que estão a agir bem se lhe complicarem a vida. Vai ter operações de intimidação e de ódio conduzidas contra ela; operações de terror. Existem equipas inteiras de espiões, informantes e facilitadores para identificar e lidar com estas pessoas. Existe agora todo um campo, derivado dos antigos regimes de Leste, para lidar com estas pessoas: latamente identificável como “reabilitação e reinserção psicossocial”. Na prática, estamos a falar da prossecução de actividades terroristas contra a pessoa, conduzidas pelo aparato de repressão do estado comunitário. A ideia é esmagar na pessoa aquilo que a faz

original, ou diferente – individual – (em último grau, realmente humana) para a converter num insecto comunitário. Se a pessoa não pode ser esmagada à primeira, surgem outras tácticas.

Recrutar, destruir, desviar (e.g. provocar a pessoa para a tornar racista). Pode haver a tentativa de a destruir, de a recrutar para esta ou aquela função no aparato de repressão organizada, ou de a desviar do caminho para cair para alguma vala funda. Por exemplo, e com frequência, pessoas nesta condição são provocadas para ser tornadas naquilo que os seus acusadores dizem delas (idealismo dialéctico no seu melhor); por ex., pode haver um esforço concertado de provocações para que aquele que é acusado de racismo, por ex., ser efectivamente desviado do caminho e tornado racista.

Clínicas psiquiátricas, correcção comportamental, prisão, desaparecimento. Muitas destas pessoas acabam, claro, por ser sentenciadas a clínicas psiquiátricas de correcção comportamental, para tratamento pesado, com drogas e outros procedimentos. Muitas outras são colocadas na prisão, e/ou em batalhões de trabalho forçado, com frequência em terras distantes. A generalidade destas pessoas não voltam a ser vistas.

Colapso do estado / Habitats humanos.

Colapso do estado-nação / Ascensão de mini-estados e governância internacional.

Estado-nação colapado sob dívida, internacionalização, privatização, conflito. Os estados nacionais são gradualmente fragmentados e privatizados, esmagados sob o peso de dívidas incomportáveis e de rebeliões internas.

Partições neofeudais: identitárias, marciais, bioengenharia, crime organizado, etc. Ao longo de todo o processo de desconstrução, surgem múltiplas partições neofeudais, algumas de cariz identitário (e.g. étnico), outras com fins puramente funcionais: centros privatizados para prostituição, narcóticos, bioengenharia, lavagem de dinheiro, tranches territoriais dominadas por mercenários, safe havens para máfias e grupos terroristas, e assim sucessivamente.

Governância internacional / Cidades-estado e mini-estados. Ascensão da governância internacional, privatizada. Onde o mundo é governado por agências regionais e globais, e por cidades-estado e mini-estados (o “local” sob comunitarismo).

Cidades-estado, domínios feudais privatizados para consórcios multinacionais. O estado-nação é largamente substituído por domínios privatizados – mini-estados e cidades-estado –, geridos

como novos domínios feudais por empresas multinacionais. Nestes novos centros, tudo é privatizado: serviços, governância, forças armadas e polícia (trabalho executado por mercenários), justiça, ensino, medicina.

Kosovo, Mumbai, Lagos, São Paulo / Bruxelas, Shaghai, Dubai, modelos para futuro. O Kosovo e Mumbai não foram tendências ocasionais, mas sim modelos para o futuro. E, no novo mundo, Bruxelas, Shanghai, Mumbai, Hamburgo, Dubai são cidades-estado de 'sucesso'.

Megacidades.

Novo habitat para populações humanas, sob vagas de desconstrução, caos, precariedade. As populações humanas são transicionadas para o seu novo habitat, a megacidade, no seio de vagas de conflito, insegurança, desordem, caos e fragmentação sócio/económica.

Espaços de extinção gradual, heterogéneos.

Bairros ricos fortificados, comunas laborais, ghettos de desagregação humana. A larga maioria das megacidades são espaços degradados para extinção gradual dos "inaptos", as massas mundiais. São espaços pobres, sobrepopulados, assolados por conflitos, social e economicamente fragmentados. Como as cidades de 3º mundo, são muito heterogéneas. Contêm espaços ricos, fortificados, altamente policiados; espaços similares à comuna laboral soviética/chinesa, para explorações comerciais específicas; ghettos de pura e simples desagregação e destruição mútua, no registo favela de Lagos.

Vida vazia e sem amor, como Attali e Russell gostam de destacar.

Sir Charles Galton Darwin, sobre a colónia de formigas e sobre a megacidade: «***Why cannot man set up a community like an ants' nest? With the help of recent and probable future biological discoveries, some sort of imitation by man of the ants' nest cannot be quite excluded from consideration***." (...) "*Civilization has taught man how to live in dense crowds, and by that very fact those crowds are likely ultimately to constitute a majority of the world's population. Already there are many who prefer this crowded life, but there are others who do not, and these will gradually be eliminated.* ***Life in the crowded conditions of cities has many unattractive features, but in the long run these may be overcome, not so much by altering them, but simply by changing the human race into liking them***» CG Darwin (1952), "The Next Million Years"

High tech cities, grandes megaexplorações, grandes manufacturas.

Evolução a partir de pólos tecnológicos. A maior parte do trabalho especializado é feito em pólos tecnológicos, que evoluem para se tornar em high tech cities, centros fortificados e alienados dos espaços em redor. Isto são parques, ou pólos, ou colónias industriais.

O registo da Green Zone, Baghdad. Muitos destes centros estão dentro de megacidades, literais fortalezas multinacionais rodeadas de ghettos em redor, algo no registo Green Zone, Baghdad. Muitos outros estão situados fora de megacidades, em ambientes reclusivos, em reservas internas concessionadas no seio de habitats naturais.

Megaexplorações – trabalho escravo subcontratado a finança/"forças de segurança". Estas high tech cities, pólos de trabalho especializado para grandes conglomerados globais, são complementadas por megaexplorações agrícolas, mineiras, florestais e de outros recursos. Se a high tech city emprega técnicos especializados, estas outras explorações são essencialmente centros de escravatura, com trabalho subqualificado, geralmente subcontratado a prisões e a centros comunitários; entre os registos nazi e soviético, os providers (e middlemen) desta mão de obra escrava são a alta finança e os seus petty jobbers, as "forças de segurança".

Grandes centros industriais de baixa e média intensidade tecnológica. No meio termo, grandes manufacturas, centros industriais de média e baixa intensidade tecnológica.

Resorts e megainstalações de luxo para classes governantes.

Resorts e caçadas a espécies protegidas. As classes governantes tenderão a viver em mansões e resorts situadas em habitats naturais e reservas protegidas, onde voltam a ter as suas caçadas de savana (espécies protegidas têm um premium).

Megainstalações de luxo / megacidades exclusivas, muito avançadas e reclusivas. Para estas classes, também existem megainstalações de luxo, nalguns casos com a dimensão de megacidades. Estas são enormes estruturas protegidas do exterior, muito complexas, extraordinariamente luxuosas, com life support systems próprios, redes de transportes internas, grandes bibliotecas, florestas e parques interiores, espaços agrícolas e sistemas industriais próprios. No evento de acontecer uma calamidade ao planeta (e.g. a queda de um asteróide) este tipo de estruturas poderiam albergar uma microsociedade durante milhares de anos.

Instalações similares no subsolo e no interior de montanhas (e.g. Rocky Mountains). Existem instalações de estilo similar debaixo de terra e no interior de cadeias montanhosas; expansões ultra-elitistas dos vários projectos de segurança nacional que foram iniciados nos anos 40/50 para albergar as classes governantes sob nuclear fallout. Uma zona muito importante aqui, as Rocky Mountains, nos territórios em redor de Denver, Colorado. Essa veio a tornar-se, em simultâneo, um dos centros de vida elitista e a veritável base de comando para a América do Norte.

Regime planetário.

Shock and awe sobre planeta para impor governo planetário.

Populações do mundo guiadas progressivamente para aceitar governo global.

Para isso, foi necessário gradualismo e shock and awe sobre o planeta.

No fim, populações devastadas e exaustas não resistem a governância planetária. As pessoas das antigas nações ainda não estavam preparadas para um salto gigantesco para governo global. Tiveram de ser guiadas até esse ponto por uma série de passos mais pequenos e menos assustadores. Estavam mais dispostas a ceder a sua soberania a agrupamentos regionais de nações, que estavam próximas entre si, partilhavam fronteiras e origens culturais. Foi apenas após várias décadas de transição, a pouco e pouco, que foi possível fazer a fusão final. No entretanto, o mundo foi mergulhado alternativamente entre guerra e paz. Após cada ciclo de guerra, a população estava mais assustada, empobrecida, e colectivizada. No fim, governo global foi aceite com aceitação apática e passiva.

HG Wells, "Things To Come" – Guerra Mundial para trazer governo global.

Impor governo global implica guerra mundial de governantes sobre governados.

"Age of insecurity, period of disorder".

Guerra CBNR, psicológica, fome, genocídio, limpeza étnica, destruição de estados.

Governo global declarado na velha Babel, em Basra, "then under British rule". E sem dúvida que os Royal Marines ficaram com Basra durante a invasão e, ainda lá estão.

"People hated it but it found no opposition prepared anywhere". Após um período de caos, uma "*age of insecurity*", um "*period of disorder*", surge um governo mundial absolutista: «*There was nowhere any immediate uprising in response to the proclamation of a World Government. Although it had been plainly coming for some years, although it had been endlessly feared and murmured against, it found no opposition prepared anywhere*»

Governo global: "the ultimate revolution", high-tech feudalism.

A ideia é “the ultimate revolution”, irreversível (you wish!) A ideia é a revolução final, irreversível, pela qual o status quo é perpetuado no poder, com controlo estrito sobre o planeta e sobre tudo no planeta.

Governo global centralizado e autoritário, comandado por oligarcas globais. Pela primeira vez existe um governo global centralizado, e uma elite governante, uma espécie de família real extendida, os senhores da finança. As instituições de governância não têm qualquer pretensão sobre representação democrática, ou responsabilidade democrática. A governação é tarefa de burocracias globais autocráticas, que recebem as suas ordens de marcha da família real.

Laissez-faire para barões, gestão comunística para “massas mundiais”.

Feudalismo hightech / gestão, vigilância, social sorting, engenharia humana.

Colmeia animada por técnica, maus sentimentos / prisão global. Existe o mais pleno laissez-faire para os barões, do global ao local, contrabalançado pela gestão comunística e opressiva, neofeudalista, do resto da humanidade. Estas “massas mundiais” (como a oligarquia chama às “pessoas pequenas”) encontram-se numa condição de feudalismo high-tech. Foi atingida a eliminação completa de liberdades individuais para o homem comum, embora existam eleições locais encenadas, pelo molde autorizado, o de democracia directa. Os homens foram reduzidos ao nível de servos que são subservientes aos seus mestres e donos. São vigiados, geridos, seleccionados. Esta já não pode ser considerada uma sociedade humana, mas sim uma colmeia centralmente dirigida, animada por técnica e maus sentimentos. Uma enorme prisão para o espírito humano.

Classes governantes, o retorno a degeneração feudalista.

Lordes, aristocratas / banqueiros et al, os novos príncipes e princesas. No topo, surgem lordes e aristocratas, classes muito ricas e privilegiadas. Banqueiros internacionais e grandes shareholders são agora príncipes e princesas. Estes são os proprietários de grandes domínios na era global. Viverão em mansões e resorts situadas em reservas protegidas, onde voltam a ter as suas caçadas de savana (espécies protegidas têm um premium).

Round Table Groups, the Sheriff of the UN, etc. Os novos Cavaleiros da Távola Redonda são os membros dos Round Table Groups, o novo Sheriff de Nottingham é o Managing Director do novo UN Security Council, e depois temos castas e castas de duques, duquesas (CEOs, CFOs, etc.), lordes e overlordes e vice-reis (governadores regionais e globais), viscondes, barões, baronesas (cargos mais baixos na hierarquia sociopática).

Propriedade sobre territórios, trocas por capricho baronil, etc. Antes, as classes nobres trocavam territórios, por vezes países inteiros, como dotes de casamento e afins; hoje, tudo isso volta a

acontecer. Regiões, high tech centers e megacidades (e as populações nesses sítios) são liberalmente trocadas entre os diferentes barões.

Grandes projectos globais de desperdício calculado de recursos.

Megaconstruções imperiais – dispender recursos sem melhorar vida da população.

Como notado por Aristóteles, entre outros. Os antigos impérios construíam pirâmides, zigurats e outros megatemplos como forma de dispender capacidades produtivas sem melhorar o nível de vida das populações, como observado por Aristóteles. O mesmo acontece durante a Idade Média, com a construção de enormes catedrais, paços reais e outras instâncias deste género.

Império global tem megaprojectos de construção no mesmo exacto registo.

Aqui existe apesar de tudo, uma utilidade – centros de sobrevivência para mega-ricos. O mesmo acontece para o império global, onde são construídos grandes palácios e megatemplos a Gaia, para usufruto das classes governantes. Por vezes, estas obras são do tamanho de megacidades: enormes estruturas protegidas do exterior, muito complexas, extraordinariamente luxuosas, com life support systems próprios, redes de transportes internas, grandes bibliotecas, florestas e parques interiores, espaços agrícolas e sistemas industriais próprios. No evento de acontecer uma calamidade ao planeta (e.g. a queda de um asteróide) este tipo de estruturas poderiam albergar uma microsociedade durante milhares de anos.

Muitas outras iniciativas de destruição calculada de recursos. Isto acompanha muitas outras iniciativas neste registo de "queimar recursos e capacidades", como sejam a prossecução de guerras regionais arrastadas, ou a destruição calculada de cidades e de regiões inteiras, sob "calamidades naturais" arranjadas, e.g. por meio de activação ionosférica HAARP, ou de terramotos induzidos mininukes tectónicas.

GEF / Banco Mundial / FMI.

GEF – Banco Mundial – FMI – BDRs e BCRs. A GEF funciona como o banco de investimento institucional para o governo planetário (secundado pelos bancos de investimento regionais), depois surge o Banco Mundial como banco central para o sistema ONU e o FMI como Tesouro. Todas as regiões continentais têm bancos de investimento regional e bancos centrais, que funcionam sob a supervisão do complexo GEF/Banco Mundial/FMI.

GEF / Banco Mundial / FMI – circulação global de créditos – regiões, localidades. O complexo GEF/Banco Mundial/FMI é responsável por assegurar a circulação centralizada de valores financeiros na nova economia mundial. É esta estrutura que determina quanto dinheiro, i.e. créditos, cada governo regional e cada localidade vai ter à sua disposição; depois pagos por

transferência electrónica ao longo do sistema integrado global de banca. Os governos regionais e locais alocam e administram o orçamento de créditos que recebem deste complexo central.

Harmonização monetária global / Moeda globalizada GEF.

Moedas unificadas regionais – harmonizadas sob obrigações mundiais, SDRs. Ao longo das últimas décadas, houve a entrada gradual e faseada de moedas unificadas regionais, como o Euro, mas também como o EC Dollar, o Eco, o New Dollar, ou o Asyen. Eventualmente estas moedas, têm as suas taxas de câmbio indexadas a SDRs, as world bonds emitidas pelo FMI, o que faz com que, na prática, surja uma só moeda globalizada, distribuída por várias franchises regionalizadas.

Moeda global GEF – recursos do mundo – GEF, holding da City of London. A moeda do novo sistema monetário, é suportada pelos bens do mundo; em essência, tudo o que possa ser monetizado, i.e. tudo o que tenha alguma forma de valor financeiro. Isto inclui IOUs, metais preciosos, infraestrutura, recursos energéticos, hídricos, milhões de hectares de território florestal, e muitos outros recursos naturais, que estão sob tutela do Banco Ambiental das Nações Unidas, a GEF. A GEF, por sua vez, é uma holding dos principais interesses bancários da City of London.

WPSA. Existe uma UN Wage and Price Stabilization Agency (WPSA), que institui controlos salariais e precistas, para combater a inflação global. Todas as indústrias vitais trabalham com esta agência, na dinâmica de governância global integrada.

Global Food Council: Distribuição e racionamento global de comida.

Food-for-population-control. Surge uma única autoridade mundial, um Global Food Council, que controla o racionamento e a distribuição de comida. A distribuição a cada território é feita em dependência de quotas de redução populacional, como hoje acontece com o 3º mundo em programas de finance-for-population-control, etc. Portanto, food-for-population-control, ou, de modo mais consistente com a maneira como o público é visto, feed-for-population-control.

A Utopia global, narrada por uma UN child of the world.

«*Naqueles dias terríveis e negros, antes da abençoada unificação da humanidade no colo da mãe Terra, a anarquia reinava no mundo. Havia guerras constantes; toda a gente estava sempre em guerra. Havia confusão permanente, doença, massacres, horrores.*

As nações viviam em caos e em corrupção. A democracia era um sistema muito atrasado que proliferava confusão, terrorismo e extremismo. As pessoas eram tão más e antisociais que queriam ter o direito à "privacidade", e isso só servia para que pudessem cometer crimes e atentados terroristas. Uma pessoa boa não tem nada a esconder.

As pessoas eram escravas e eram presas no local de trabalho com correntes atadas à volta do pescoço. Isso doía muito. Hoje, somos livres. Podemos jogar jogos cibertrónicos durante o trabalho e podemos sair dos nossos locais de trabalho para passear um pouco pela reserva, antes de voltarmos para a camarata colectiva. Ninguém usa correntes. Todos temos identificadores electrónicos, o que é muito mais humano.

Hoje, o mundo é muito melhor. Somos governados por homens sábios.As melhores pessoas tomam as melhores decisões.

Os estados-nação estavam sempre em guerra entre si. Para criar paz mundial, foi preciso criar o governo da mãe Terra. Agora, estamos a ordenar o mundo. Ontem o UN Security Council despachou mais unidades de forças especiais para colocar grupos tribais em ordem, ao longo do distrito Argentino. Esses grupos querem viver sozinhos, fora da rede da mãe Terra, e isso significa que são terroristas que vão oprimir e escravizar pessoas. A zona tem de ser esterilizada de adultos pelos UN Peace Drones X-138 e pelas forças especiais do World Army for Reconstruction (WAR), e as crianças trazidas para reeducação e integração na sociedade. [ou Universal Squads (US), ou Universal Peacekeeping Squads (UPS)]

Antes, as pessoas escravizavam-se com uma coisa a que chamavam "casamento". Limitavam as suas vidas com isto e alienavam-se das pessoas à volta. Eram egoístas e queriam ter uma casa, coisas, consumir muito, muito. Depois, faziam mal umas às outras em rituais de reprodução, que eram feios, brutos, sujos e provocavam doenças. Os problemas genéticos que hoje temos na humanidade vêm desses rituais. Hoje, tudo isso desapareceu. Os bebés são feitos em laboratório e toda a gente é livre: ninguém quer, ou precisa, de se juntar com mais ninguém numa relação a dois e, assim, somos mais altruístas e temos mais tempo para trabalhar para a mãe Terra.

Aquilo a que as pessoas chamavam liberdade só trouxe horror e desorganização ao mundo. Hoje sim, somos livres. Cada qual faz a sua parte para a mãe Terra. Todos nós somos alotados para um trabalho à nascença, preparados para isso ao longo dos primeiros anos, ajustados à função com programas meméticos. Cada qual sabe o seu lugar na sociedade e ninguém é ambicioso e egoísta.

Dantes, as pessoas eram muito egoístas: gastavam muita água, muita energia e não partilhavam com a mãe Terra. Os nossos problemas actuais, com a morte dos oceanos e com a capa negra na atmosfera que bloqueia a entrada do sol para a maior parte das regiões, vem toda do egoísmo das pessoas nesses tempos. Também foram essas pessoas, com os seus carros e os seus excessos de consumo, que provocaram a erradicação de ecossistemas inteiros por alteração genética. Agora, estamos a curar a mãe Terra. Ontem, o UN-GEN (United Nations Genetic

Engineering Network) anunciou um novo programa para criar quimeras que vão substituir as espécies que foram erradicadas pelas irresponsáveis classes médias do passado. Estas quimeras também vão ser introduzidas em habitats que sobreviveram, para assegurar que toda a Terra é curada de poluição genética.

A maior parte das pessoas eram muito, muito pobres. Morriam muito cedo e tinham vidas horríveis. A medicina era péssima e muito má distribuída. As pessoas não sabiam que tinham de usar as energias da mãe Terra para curar as más vibrações que provocam doenças. Hoje somos muito mais inteligentes e estamos muito melhor. No último quadrimestre, a esperança média de vida aumentou para 41.6 anos de vida, e estamos a melhorar a cada momento que passa!»

ONGs – WRI – IUCN e ICED – TRIUMVIRATO.

ONGs, OSCs e o ECOSOC.

As origens das ONGs. As ONGs têm a sua origem no início dos século XX, com o estabelecimento de 'charities' e outras entidades deste género. Porém, a frase "non-governmental organization" adquiriu o seu uso actual com a United Nations Organization em 1945 – está no Artigo 71 do Capítulo 10 do United Nations Charter, que estabelecia um papel consultivo para organizações que não são nem governos nem estados-membro.

ONG versus OSC. Hoje em dia existe um esforço consciente de substituir o termo ONG com um termo mais politicamente correcto, o de Civil Society Organization, OSC. As diferenças residem nos pontos seguintes:

- ONG pode aplicar-se a qualquer 'non-profit';

- A designação OSC aplica-se apenas àquelas ONGs que são acreditadas pela ONU e que têm "estatuto consultivo" ("consultative status") através do Economic and Social Council (ECOSOC). Companhias e empresas também podem ser acreditadas, mas aqui só se está a falar de ONGs.

ONGs ambientais – Braços poderosos da banca de investimento.

ONGs e fundações ambientais são braços da banca de investimento. O movimento ambiental é um dos mais poderosos e lucrativos negócios dos nossos dias. Estas fundações e ONGs são subsidiadas pelos contribuintes e funcionam como braços da banca de investimento, colocando a maior parte dos seus ganhos para serem investidos e reinvestidos nos mercados especulativos.

Sociedades de conservação são lobby global incrivelmente poderoso. As sociedades de conservação estão entre as mais poderosas proprietárias de terras do planeta. Fazem lobby junto dos governos para retirarem propriedade das populações locais, apenas para desenvolverem os seus próprios projectos mais tarde.

ONGs funcionam como empresas. Ao nível local, as ONGs funcionam como empresas: com salários profissionais, planos de saúde, de reforma.

Fortes recursos financeiros e humanos. Têm fortes recursos financeiros e humanos.

ONGs, OSCs, NPOs – Instituições 'sem fins lucrativos' *têm* fins lucrativos.

Ponto comum, a isenção do pagamento de impostos. Uma descrição mais adequada destas organizações seria a de que têm isenção do pagamento de impostos. Aqui estamos a falar de fundações, ONGs e organizações de estrutura similar (vamos chamar-lhes NPOs).

Isenções fiscais, lucros, fundos de investimento. As fundações só são forçadas a aplicar, em caridade, cerca de 5% dos seus bens, anualmente, para fins lucrativos. As NPOs têm as mesmas isenções fiscais que as fundações (isenções de impostos sobre rendimento, ou sobre lucros empresariais ou capitais) e estão estruturadas como negócios, existindo por e para obter doações de fundações, governos e outras fontes empresariais e privadas. Procuram obter lucros. Estamos a falar aqui de empresas – milhares e milhares de empresas em cada país. Só nos EUA são 1.6 milhões. Empresas com salários, planos de saúde e de reforma, sedes geralmente luxuosas e toda uma variedade de benefícios adicionais.

"Tax-Exempt Foundations - Their Impact On Our Economy US Gov 1962". Em 1962, as fundações estavam contadas entras as organizações mais ricas do planeta. Hoje em dia, este efeito apenas se intensificou.

ONGs ambientais – Fontes de financiamento.

Quotas de membros.

Fundações e multinacionais. Financeiramente, estão dependentes de bolsas atribuídas por fundações e companhias multinacionais e de subsídios governamentais.

Subsidiação governamental. Consagrado através de subsídios, bolsas especiais e direitos de propriedade, para além da isenção de impostos. Por exemplo, durante um período recente de 18 meses, o Departamento do Interior dos EUA providenciou bolsas totalizando $242,000,000 a mais de 800 ONGs.

Inclui direitos sobre terras e recursos.

Financiamento pelo sistema ONU. De acordo com o First Quarter Report of the Global Environment Facility (GEF), de 1996, um total de $2.3 biliões foram gastos em projectos sobre aquecimento global, a maior parte destinado a ONGs acreditadas, pelo mundo fora.

ONGs ambientais – Coordenação por fundações e institutos.

O exemplo da Environmental Grantmakers Association. As actividades das ONGs são coordenadas pelas fontes de financiamento. Para isso, existem associações de cartel como a Environmental Grantmakers Association (EGA), uma associação informal que agrega mais de 120 fundações e negócios, organizada pela Fundação Rockefeller. A

EGA reúne-se anualmente para decidir quais as ONGs e os projectos que vão ser financiados. As bolsas anuais dadas a ONGs através desta organização estão estimados na ordem dos $500,000,000.

ONGs ambientais – Utilizado como arma política e anti-concorrencial.

O movimento ambiental é usado como arma contra concorrência. Exigir regulações restritivas destrói a pequena e média concorrência (que é geralmente a parte mais activa e inovadora da economia), e é por isso que as maiores multinacionais (incluíndo no sector petrolífero) financiam abundantemente o movimento ambiental.

O movimento ambiental e a indústria petrolífera. Por exemplo, uma das maiores ONGs ambientais de sempre, a Nature Conservancy, existe largamente por conta de contribuições da Amoco, Arco, BP, Chevron, Exxon.

(**JS – 2 – 57:20**) Look at the major funding of the environmentalist movement. Besides the federal government, which is the largest, there's also the oil companies. What are they doing funding the environmental movement?

Delingpole – "The green movement and big business".

Delingpole – collusion big green big business (It is an odd scenario, where you've got all these crazies going to protest in their polar bear costumes and stuff, and the people they're actually marching in support of, are the most vicious form of capitalists you can possibly imagine)

Delingpole – parallel universes – green movement and big business (On the one hand, you've got big government, big business, big oil, the green movement, and on the other you've got ordinary people. We're living in different universes)

Brzezinski (70s) – Função histórica da New Left. Brzezinski (Between Two Ages) falou de como a esquerda radical era apoiada por governos, para trazer mudanças sociais desejadas: «*The longrun historic function of the militant New Left depends largely on the circumstances in which it will eventually either fade or be suppressed. Though itself ideologically barren and politically futile, it might serve as an additional spur to social change, accelerating some reforms*»

WRI.

World Resources Institute, para catalogação e gestão global de recursos. Estabelecido em 1982, em parceria com a ONU, para ser a autoridade mundial no que respeita a dados mundiais relativos a poluição, população, água e todos os recursos. Ou seja, catalogação e gestão mundial de todos os recursos existentes no planeta.

IUCN – ICED.

IUCN – ONG de primeira linha no aparato ONU.

"International Union for the Conservation of Nature". Criada perto de Paris em 1948.

Sedeada em Gland, Suiça, perto da antiga sede da Liga das Nações. Que é agora a sede europeia da ONU, nas margens do Lago Genebra.

Define programas para aprovação directa no aparato ONU. As propostas políticas são desenvolvidas através de comissões especializadas em diversas áreas, e depois adoptadas por uma agência apropriada na ONU, ou por uma conferência mundial organizada pela mesma.

Membros na IUCN – Agências governamentais e ONGs ambientais. Hoje em dia, esta IUCN gere mais de 700 agências governamentais pelo planeta fora.

113 agências governamentais e 752 ONGs.

Virtualmente todas as principais organizações ambientais são membros da IUCN.

Coffman – IUCN.

coffman, IUCN (One of the things that most people do not understand is most of the environmental laws that we've created over the last 40 years have come from a very small group of people, through what is known as the IUCN. This itself has been created and is sponsored by people such as Prince Phillip or Prince Charles, as well as the Rockefeller Foundation.)

ICED – International Covenant on Environment and Development.

O ICED é um tratado global e todo-abrangente. Ainda não apresentado ao mundo na sua forma final. O esboço do tratado é o "International Covenant on Environment and Development", com 72 Artigos, preparado entre 1989 e 1995.

É o "hard law treaty" para o novo governo global verde.

Elaborado por IUCN, ICEL, UNEP. Preparado por uma parceria entre a International Union for the Conservation of Nature (IUCN), o International Council of Environmental Law, e o United Nations Environment Programme.

TRIUMVIRATO e edifício funcional de ONGs.

Ideia de envolver ONGs em governância global é tão velha como ONU. A ideia de participação de ONGs em governância global é tão velha como as Nações Unidas. Julian Huxley, que fundou a Unesco em 1946 também fundou a IUCN em 1948.

IUCN é a casa mãe. A IUCN é a casa-mãe deste tipo de organizações. Estabeleceu o World Wide Fund for Nature (WWF) que, por sua vez, estabeleceu o World Resources Institute (WRI).

WRI, IUCN e WWF são a liderança. Este triumvirato é a cabeça de todo o aparato; financia e deu origem à maior parte da estrutura de ONGs/OSCs globais, e é a principal força por detrás da disseminação e poder de influência das mesmas.

Participam em todos os documentos ambientais relevantes. Estas três ONGs, que são organizações privadas, têm créditos de publicação em virtualmente todos os documentos principais sobre o ambiente a serem lançados desde 1972.

São os autores das principais convenções político-ambientais. Deste triumvirato vêm documentos políticos como: *The Convention on Biological Diversity – The Framework Convention on Climate Change – Agenda 21*.

As ONGs colocam as políticas do triumvirato em prática. Isto é feito a dois passos e em ambos as ONGs desempenham um papel fundamental:

. As ideias começam por ser expressas em directivas regulatórias que são adoptadas por um corpo oficial da ONU;

. Depois, são transpostas para a prática, no terreno.

As ONGs/OSCs são braços especializados numa pirâmide funcional. As ONGs providenciam o interface entre as principais agências globalistas e o resto da sociedade. Cada ONG/OSC é empoderada por uma ou mais fontes de financiamento que pagam por funções específicas, destinadas a avançar uma agenda mais lata. Portanto, podemos ter ONGs especializadas em trabalho consultivo, outras devotadas a trabalho no terreno, e outras ainda especializadas em propaganda. A fonte de financiamento, seja pública ou privada, trabalha para avançar uma agenda que é coordenada e desenvolvida pelo triumvirato WRI/WWF/IUCN em parceria com agências da ONU e com governos nacionais, ou com entidades como a UE.

ONGs são braços especializados de gestão, implementação, coordenação. As ONGs funcionam como braços especializados, para coordenar funções em várias áreas, geralmente relacionadas com mudança cultural, ou engenharia social, e o ambiente.

Implementação de medidas globais: ONU – ONGs e empresas – Comunidades locais. Implementação no terreno é feita e coordenada por ONGs e outras agências de ligação entre a ONU e as comunidades locais.

ONGs participam em PrepComs e fóruns. Muitas estão directamente envolvidas em avançar a agenda para governância global. Portanto, aparecem nos "fóruns da sociedade civil" que precedem as conferências, ou então nos Preparatory Committee Meetings, ou "PrepComs". Este procedimento é seguido em virtualmente todas as conferências globais e regionais.

"NGOs On Government Boards And Working Groups". "*More members of NGOs served on government delegations than ever before, and they penetrated deeply into official decision-making. They were allowed to attend the small working group meetings where the real decisions in international negotiations are made. The tiny nation of Vanuatu turned its delegation over to an NGO with expertise in international law, a group based in London and funded by an American foundation. Thus it made itself and other sea-level island states major players in the fight to control global warming*."

Ataques de imagem a ONGs opositoras. ONGs que não sejam afiliadas com uma ONG acreditada, com estatuto OSC, são desacreditadas e rotuladas como activistas populistas.

ONU – Impenetrabilidade transparente.

Expressão do centro de documentação ONU. “Impenetrabilidade transparente”, expressão usada pelo antigo chefe do centro de documentação da ONU [“Durban: what the media are not telling you”, Lord Monckton]

PROPAGANDA VERDE.

Propaganda verde – Verde é a cor do enjôo e do colapso orgânico. Se for tolerado que esta insanidade continue, então a sociedade vai realmente tornar-se verde, já que verde é a cor do enjôo e do eventual colapso do organismo.

“Educação ambiental global”, leia-se, propaganda.

Imensa campanha de propaganda baseada na teologia verde.

Empregos verdes, energia verde, economia verde, escolas verdes, e pessoas verdes.

Green Police – Crianças a ser doutrinadas para estado policial ambiental.

Carbon cops Australia

Climate Cops To Fine “Wasteful” Homeowners & Businesses

EUReferendum – Climate Nazis (youth corps)

climate_cops_crime_cards

Climate laws add to police workload

Beware your children - They might be 'Climate Cops'

Audi’s Eco Fascism Ads

RIO SUMMIT (1992).

BCSD (1992) – "Changing Course".

Business Council for Sustainable Development. Em 1992, antes da Earth Summit, o BCSD publica "Changing Course". Havia que colocar toda a gente a bordo com a promoção de desenvolvimento sustentável, como a prática de negócios do futuro.

"Todos a bordo para os ventos da mudança". Havia que colocar toda a gente a bordo, hastear as velas para os ventos da mudança e quadrar um novo rumo.

Linguagem de piratas lança o mote para o BCSD. Este é o tipo de linguagem náutica, de piratas, que é usado nestes meios e que dá o mote ao BCSD.

Earth Summit (1992) – Agenda 21, CBD, UNFCCC.

Rio Earth Summit, ou UNCED. UN Conference on Environment and Development (UNCED), detida no Rio de Janeiro, em 1992.

179 estados concordam em trabalhar em prol de "desenvolvimento sustentável". Representantes de mais de 170 nações, incluindo os US, concordaram em trabalhar em prol de "desenvolvimento sustentável" na UN Conference on Environment and Development, Rio de Janeiro, 1992 – Rio Earth Summit.

Três programas como plano de acção global.

Agenda 21. "Agenda 21, a agenda para o século 21" – literalmente.

CBD. Convention on Biological Diversity.

UNFCCC. UN Framework Convention on Climate Change.

Forest Principles. Não vinculativos.

AGENDA 21 – ICLEI.

A21 – "A profound reorientation of all human society" – Gleichschaltung. Isto é apenas comunismo, ou fascismo, sob a capa de ambientalismo.

«*Agenda 21 proposes an array of actions which are intended to be implemented by every person on Earth. It calls for specific changes in the activities of all people. Effective execution of Agenda 21 will require a profound reorientation of all human society, unlike anything the world has ever experienced – a major shift in the priorities of both governments and individuals and an unprecedented redeployment of human and financial resources. This shift will demand that a concern for the environmental consequences of every human action be integrated into individual and collective decision-making at every level*» "Agenda 21: The Earth Summit Strategy to Save Our Planet" (Earthpress, 1993).

A Agenda 21 é o modelo para a nazificação/sovietização do planeta. Deve ser mencionado que, um ano após a queda da URSS, o modelo soviético regressa with a vengeance. A Agenda 21 é o plano de acção esquemático para a sovietização do planeta.

UN Millennium Summit, MDGs consagram Agenda 21. Consagram todos os princípios Agenda 21.

Agenda 21 torna China modelo para 3º mundo.

Programa chinês combina controlo populacional, ambiente e desenvolvimento. Em 1994, a China publica o seu programa nacional Agenda 21, combinando controlo populacional, ambiente, e desenvolvimento. É considerada como um modelo para o 3º mundo pelas Nações Unidas.

AGENDA 21.

"Agenda 21, a agenda para o século 21" – literalmente.

Contrato global que envolve governos, municípios, ONGs, empresas.

Planeamento central do planeta, por agências globais, regionais e locais.

Regulações internacionais sobre todos os domínios da vida. Sob o programa, governos e municípios são forçados a conformar-se estritamente a standards prescritos para todo o planeta. Coloca todos os domínios da vida de uma comunidade sob controlo de regulações internacionais:

- Agricultura;

- Saúde pública;

- Biodiversidade;

- Dimensão e composição da população;

- Energia e habitação;

- Educação;

- Gestão de recursos;

- Transportes.

Hiper-regulação, sobre todas as dimensões da vida humana. Pretende regular todas as dimensões da vida humana: as formas como se vive, o que se pensa e aprende, o que se come, como se comunica. Quando totalmente implementada, a Agenda 21 terá o estado envolvido em TODOS os aspectos da vida humana na Terra.

PPPs – Parcerias Público-Privadas. Corporações e fundações selectas recebem concessões, subsídios e isenções fiscais sob "Eminent Domain", i.e., monopólios governamentalmente sancionados.

Sob PPPs, "conselhos" e "comissões" privatizados para todas as áreas da vida. As Parcerias Público/Privadas encorajam o estabelecimento de "quadros", "conselhos", "comissões", e "comités" com poderes de supervisão e de gestão sobre virtualmente todos os domínios da vida.

Comissões compostas de membros de ONGs, multinacionais, fundações, etc.

Poder democrático e corpos democráticos substituídos por quadros não-eleitos.

Repete as ideias do UN-Habitat 1976 sobre **uso de terra**. Expropriações, restrições de uso, previsões de taxação, PPPs.

Tudo isto sob a bandeira de "salvar a terra".

Limitação radical do acesso das populações a **recursos – Racionamento e austeridade**. Em fornecimento de água, electricidade e transporte.

Habitats humanos, as novas reservas. Ou gulags, ou comunas. Restrição, eventualmente proibição, de acesso humano a áreas selvagens.A actividade humana fica restringida a pequenas áreas (áreas habitat) e corredores de circulação. Acesso a áreas selvagens fica proibido, a não ser claro, para as pessoas especiais, que vão ter os seus resorts de luxo e as suas caçadas medievais, na floresta.

Unidade orgânica, do global ao local – **comunitarismo**. Tudo e todos estão "alinhados", com propósitos comuns. Escolas, governos, municípios, empresas, todos fazem parte da "comunidade" e a "comunidade" manda em tudo e todos.

TQM. Processo para monitorizar e gerir o desenvolvimento de recursos humanos e naturais, bem como de produtos comerciais.

Monitorização – gestão – mudança contínua. Conceitos centrais em TQM.

Sob TQM, Agenda 21 exige **monitorização de tudo e de todos**. Se implementada no pleno, implica a monitorização e gestão de todas as terras e pessoas. Ninguém estaria livre do novo sistema global de rastreamento e monitorização. Usando sistemas de satélite e outros meios. As propostas de pessoas como Richard Branson e outros, de usar satélites para "salvaguardar o ambiente", têm de ser vistas a esta luz.

AGENDA 21 – Sistema ONU assume poderes governamentais *de facto*.

Controlo regulatório, global-regional-local.

AGENDA 21 – Artigos. "Agenda for the 21st Century Invades Australia"; "OECD Observer- Crafting the agenda for the 21st century"

AGENDA 21 – Estratégia de permeação e dissimulação.

Agenda 21 disseminada legalmente de forma híbrida e discreta. De nota com a Agenda 21 e estatutos associados é que são disseminados (este é o termo) de um modo discreto e sorrateiro. Portanto, na maior parte das vezes, um pacote de medidas Agenda 21 vai ser aprovado, num município ou num parlamento, misturado com outras medidas. Noutros casos, vai ser aprovado com um nome diferente. É assim que funciona.

Face a contestação, foram adoptados sinónimos.

Palavras-chave a ter em atenção. São coisas como "parcerias ao nível da comunidade", "smart growth", "Growth Management", "Millenium Project/Goals", "Sustainable Communities", Wildlands Project – Resilient Cities – Regional Visioning Projects – Sustainable Cities – Green Building Codes – Local Visioning – Regional Planning – Sustainable Farming – Comprehensive Planning – Historic Preservation – Sustentabilidade Local – Eco-cidade – Iniciativa Ambiental Local – Megacities On The Move – Megacidades Para o Futuro – Harmonização Urbana

ICLEI – Local Governments for Sustainability (ICLEI). Anteriormente conhecido como International Council for Local Environmental Initiatives.

The Local Agenda 21 Planning Guide. O plano para implementação local da Agenda 21 foi definido pelo International Council for Local Environmental Initiatives (ICLEI), em parceria com o UNEP, e com International Development Research Centre of Canada. Este plano é o "The Local Agenda 21 Planning Guide: An introduction to Sustainable Development".

ICLEI providencia planificação, software, treino. As comunidades pagam ao ICLEI em troca de planos comunitários locais, software, formação, etc.

Implementação com multinacionais, bancos, agências governamentais. Os processos são avançados em cooperação com associações locais e regionais, fundações, multinacionais, agências governamentais. As despesas são pagas por subsidiação pública e fundos privados, provenientes de multinacionais, bancos, e fundações.

Implementação através de consenso. Os stakeholders expandem a sua base operacional e mantêm o consenso original através da procura de “parceiros” que partilhem a sua “visão”. O ICLEI Planning Guide sugere que os stakeholders seleccionem dois tipos de pessoas para servir a sua agenda: (1) Pessoas normais que não têm vantagens no antigo sistema e esperariam ganhar algo pelo estabelecimento de um sistema político novo; (2) média, negócios, grupos políticos, igrejas, líderes educacionais.

Lista ICLEI para grupos e organizações a incluir em consensos.

A. Community Residents: women, youth, indigenous people, community leaders, teachers

B. Community-Based Organizations: churches, formal women's groups, traditional social groups, special interest groups

C. Independent Sector: Non-governmental organizations (NGO). Academia, media

D. Private/Entrepreneurial Sector: environmental service agencies, small business/cooperatives, banks

E. Local Government and Associations: elected officials, management staff, regional associations

F. National/Regional Government: planning commission, utilities, service agencies, financial agencies.

Áreas de influência ICLEI – De Agricultura a Transportes. Agriculture, Biodiversity & Ecosystem Management, Education, Energy, Housing, Population, Public Health, Resources and Recycling, Social Justice, Toxic Technology & Waste Management, Transportation, Viable Economy.

ICLEI – O circuito global é um circuito fechado onde todos se patrocinam mutuamente.

ICLEI Endorsing Partners. No 2^{nd} World Congress On Cities And Adaptation To Climate Change:

UNFCCC – UN-Habitat – UNEP – UNDP – UNISDR – World Bank – UNU (United Nations University) – UNESCAP – Asian Development Bank – European Enviroment

Agency – The Congress of Local and Regional Authorities – Climate and Development Knowledge Network - CDKN – Earthquakes Megacities Initiative (EMI) – Global Risk Forum – International Climate Change Information Programme (ICCIP) – Inter-American Development Bank (IDB) – International Institute for Environment and Development (IIED) – The International Society of City and Regional Planners (ISOCARP) – IUCN – International Water Association (IWA) – Network of Regional Governments for Sustainable Development (nrg4SD) – Renewable Energy & Energy Efficiency Partnership (REEEP) – Potsdam Institute for Climate Impact Research (PIK) – The Rockefeller Foundation – The Energy Resource Institute (TERI) – Urban Age

AGENDA 21 – Aparato organizacional de decisão e apoio.

ONU e agências ONU. United Nations Environment Programme (UNEP); United Nations Development Programme (UNDP); United Nations Children's Fund (UNICEF); United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO); United Nations Population Fund (UNFPA); World Health Organization (WHO); UN Centre for Human Settlements; UN Centre for Human Rights.

Governos nacionais e agências governamentais e regionais.

Fundações, ONGs, PPPs.

Banca, indústria, media, entretenimento. Incluíndo gigantes corporativos como a European Broadcasting Union (EBU).

Instituições educacionais.

Igrejas e grupos religiosos.

Samburu quenianos brutalizados em nome de duas ONGs.

Tribo Samburu no Quénia.

Intimidações, espancamentos, animais confiscados, violações, assassinatos.

Em disputa, uma área de Laikipia, perto do Monte Quénia.

Laikipia é um destino turístico popular em vida natural – William e Kate Middleton.

Terra confiscada em benefício da Nature Conservancy e da African Wildlife Fountation.

Depois, reconvertida num parque nacional, para ser ofertado ao Quénia.

Quénia tem uma tradição de saque de terras por oficiais governamentais.

"Constant level of fear, intimidation and violence" – Jo Woodman, SI.

"People beaten, manyattas burned, arbitrary arrests, animal confiscation" – ancião.

«*Members of the Samburu people in Kenya have been abused, beaten and raped by police after the land they lived on for two decades was sold to two US-based wildlife charities… At least three people are said to have died during the row… The dispute centres on Eland Downs in Laikipia, a lush area near Mount Kenya. The London-based NGO Survival International said the Samburu were evicted following the purchase of the land by two American-based charities, the Nature Conservancy and the African Wildlife Foundation… The groups subsequently gifted the land to Kenya for a national park, to be called Laikipia National Park… With nowhere to go, around 2,000 Samburu families stayed on the edge of the disputed territory, living in makeshift squats, while 1,000 others were forced to relocate… Kenya has a history of land-grabbing by senior government officials… Land disputes are common as legal documents of ownership are often missing or have been forged… Jo Woodman, a campaigner for Survival, said the pastoralist Samburu had reported constant harassment from police with women allegedly raped, animals seized and an elder shot as recently as last month. "There has been an ongoing, constant level of fear, intimidation and violence towards the community, which has been devastating," Woodman said. A community leader, who did not wish to be named, described police harassment as enormous. He said police beat people, burned manyattas or traditional homesteads and carried out arbitrary arrests during the period leading up to and including the eviction last year. He said they also confiscated many animals and the intimidation has continued. "The situation has been really bad for a long time," he said. "[The Samburu] have nothing. Things like bedding and utensils were burned"… the evicted Samburu [have] no intention of leaving Laikipia, a popular destination for wildlife-loving tourists and the area where Prince William proposed to Kate Middleton in a rustic lodge*» "Kenya's Samburu people

'violently evicted' after US charities buy land”, Clar Nichonghaile in Nairobi and David Smith in Johannesburg, Guardian, December 14, 2011

Sistema de duas classes nas megacidades, Fragmentação social e económica. Haverá imensos e grandes movimentos de população, conduzidos por comércio, guerra, fome, miséria, desespero social, e cada vez mais gente vai migrar do campo para as cidades.

As cidades vão crescer exponencialmente. A maior parte desse crescimento vai ser de um modo subdesenvolvido, através de bairros de lata. Esses bairros de lata para as massas vão ser simultâneos com bairros ricos transformados em bunkers e protegidos por mercenários.

Portanto, vai haver fortuna e miséria extremas, com generalização da precariedade, da pobreza, da destituição.

Feudalismo urbano, similar a Florença ou Génova no século XIII. A ideia é criar um novo feudalismo urbano, à semelhança do que havia nas velhas cidades-estado italianas; a massa da população a estatuto servil, vilanil, e a cidade é dominada pela nova oligarquia guelfa/gibelina, os Orsini ou os Medici dos tempos modernos.

Socialismo *não é* eco-friendly.

Socialismo, uma exigência comum de ambientalistas. A ideia de Socialismo é geralmente brandida por grupos ambientalistas (e os seus opositores).

Na prática, é Fascismo – mas conceda-se o argumento. Isto acontece apesar do facto de o formato final pretendido ser, de facto, Fascismo. Mas, concedendo o argumento, e tendo em conta que os regimes Socialistas são, na prática, Fascistas, é útil analisar o historial ambiental de URSS, Europa de Leste, ou China.

URSS, Europa de Leste, China – o único ambiente contemplado é o *humano*. Em todos os casos (URSS, Europa de Leste, China), encontramos as mais catastróficas políticas ambientais (o ambiente não é sequer uma consideração – tudo o que interessa é o *ambiente humano*).

Socialismo equivale a destruição ambiental. Socialismo é, tradicionalmente a mais devastadora das instâncias, sobre o ambiente.

Está-lhe no próprio DNA sócio-económico – Capricho, autoritarismo, estagnação. Um tipo de sistema que não tolera inovação, congela a iniciativa e a exploração de soluções, organiza toda a economia num monólito autoritário e congelado (o sistema estagnado mencionado pelo próprio Lenin em 1916). Neste tipo de sistema, a "relação humana" (i.e., os caprichos, orgulho e inactividade de oligarcas e dos seus cartéis e monopólios) é sempre mais importante que a verdade dos factos (i.e., práticas prejudiciais ao ambiente têm de ser corrigidas e travadas). De resto, aqui temos a dialéctica, que é o sistema intelectual que racionaliza e justifica toda esta forma especiosa de funcionar.

Ao mesmo tempo, supressão anti-democrática permite ocultar factos sobre poluição. Para além do mais, na ausência de liberdade de expressão e opinião, e de governo democrático, os factos reais sobre poluição são escondidos e suprimidos do público e, mesmo que não o fossem, não haveria propriamente espaço para disputa ou contestação popular.

O exemplo de Chernobyl – a mais fria e total indiferença. Bem exemplificativo aqui é o caso de Chernobyl, quando o desastre foi negado insistentemente pelo Politburo durante dias, antes de ser tomada alguma medida de resolução. Houve a mais completa indiferença pelo desastre em si, bem como a mais completa indiferença pelas catástrofes humanas que daí advieram, para as populações afectadas. Mas estas não contam, sob socialismo. O homem comum é irrelevante, sob socialismo.

Mas Gorbachev, o cubo siberiano, torna-se "líder ecológico global". É bem exemplificativo da falta de carácter da era pós-moderna que Gorbachev, depois de

protagonizar esta hecatombe, se tenha tornado um suposto líder ecológico global na sua Green Cross International.

"The Coming Food Shortages"

Alan Watt sobre "coming food shortages", como primer.

Primer sobre RIIA e as "coming food shortages". Inserir aqui Alan Watt com observação sobre RIIA estar a trabalhar nas coming food shortages de há mais de 15 anos para cá – serve de primer sobre RIIA.

"Coming food shortages" – Mudanças climáticas.

Principal justificação antecipada – mudanças climáticas. Qual é a principal justificação que é dada, para as coming food shortages? Mudanças climáticas. O clima vai mudar e isso vai resultar em quebras na produção agrícola.

Fomes impostas por Stalin e Mao também foram culpadas em mudanças climáticas. Pessoas com mais memória recordar-se-ão de outras fomes em massa que foram impostas por regimes criminosos no passado – a União Soviética de Stalin e a China de Mao. [explicar brevemente os episódios e o modo como serviu para consolidar o poder do estado sobre as populações] Em ambos os casos, quais foram os motivos apresentados, para as quebras alimentares? Mudanças climáticas.

"Coming food shortages" – No futuro, a tempestade perfeita, no sector alimentar.

Num futuro próximo...

Consolidação agrícola. Actividades agrícolas vão estar bastante restritas a multinacionais e às suas *franchises*.

Preços da comida ligados a preços inflacionários de energia/carbono.

Biocombustíveis. Terra agrícola convertida para produção de biocombustíveis

REDD. Terra agrícola convertida em massas não-utilizadas.

Restrições pesadas sobre produção e comercialização de comida.

EU prepara bailout alimentar do 3º mundo – "Let's share". Criar secção com referência às políticas de bailout alimentar actualmente a ser preparadas, pelas quais o ocidente vai exportar a sua comida a saldos para o 3º mundo.

Fome e colapso civilizacional. O resultado só pode ser fome em larga escala. O que está aqui em jogo são sistemas de colapso civilizacional, que não podem ser tolerados.

UN, FAO – Eat insects (after becoming dirt poor).

AP, Washington Post

FAO Forestry Paper, “Edible insects”

UN, FAO – Eat insects (after becoming dirt poor).

AP – UN Says: Why Not Eat More Insects?

Washington Post – “Should we eat more insects? The U.N. thinks so.”

FAO, em parceria com a Wageningen UR, megaconsultora privada.

“Forestry Paper”, i.e. plano está integrado na framework para forestry resources ONU.

Abstract do **relatório FAO**. «*This book assesses the potential of insects as food and feed and gathers existing information and research on edible insects. The assessment is based on the most recent and complete data available from various sources and experts around the world. Insects as food and feed emerge as an especially relevant issue in the twenty-first century due to the rising cost of animal protein, food and feed insecurity, environmental pressures, population growth and increasing demand for protein among the middle classes. Thus, alternative solutions to conventional livestock and feed sources urgently need to be found. The consumption of insects, or* ***entomophagy****, therefore contributes positively to the environment and to health and livelihoods. This publication grew from a small effort in 2003 in the FAO Forestry Department to document the role of insects in traditional livelihood practices in Central Africa and to assess the impact of harvesting insects in their natural habitats on the sustainability of forests. This effort has since unfolded into a broad-based effort to examine the multiple dimensions of insect gathering and rearing to clarify the potential that insects offer for improving food security worldwide. The purpose of this book is to bring together for the first time the many opportunities for, and constraints on, using insects as food and feed*» [FAO Forestry Paper (2013). “Edible insects: Future prospects for food and feed security”. Food and Agriculture Organization of the United Nations [with Wageningen UR], Rome, 2013]

UN-HABITAT I (1976) – Socialização de toda a terra.

UN-Habitat I Conference (1976) exige a socialização de toda a terra. «*Land cannot be treated as an ordinary asset, controlled by individuals and subject to the pressures and inefficiencies of the market. Private land ownership is also a principal instrument of accumulation and concentration of wealth and therefore contributes to social injustice. (…) Public control of land use is therefore indispensable to its protection as an asset and the achievement of the long-term objectives of human settlement policies and strategies*» Report of Habitat – UN Habitat I Conference – United Nations Conference on Human Settlements, Vancouver, 31 May – 11 June 1976.

Exige zoneamento e planeamento central do uso de terra.

Exige parcerias público/privadas.

Taxação como forma de controlo social. «*Taxation. Excessive profits resulting from the increase in land value due to development and change in use are one of the principal causes of the concentration of wealth in private hands. Taxation should not be seen only as a source of revenue for the community but also as a powerful tool to encourage development of desirable locations, to exercise a controlling effect on the land market and to redistribute to the public at large the benefits of the unearned increase in land values*» Report of Habitat – UN Habitat I Conference – United Nations Conference on Human Settlements, Vancouver, 31 May – 11 June 1976.

“Chartered Management Futures”.

A Nova Economia global. União digital do mundo, redução de força laboral, alterações cerebrais. CMI - Chartered Management Futures **- shrinking workforce, união digital do mundo, alterações cerebrais**

“Land Grabs” – Biocombustíveis, REDD, Conservação

“Land grabs”, na sequência de bailouts e estímulos.

Crédito de bailouts e estímulos parcialmente empregue em apostas com terras. O dinheiro que foi transferido dos países ocidentais para as mãos de bancos privados está a ser investido na compra de vastos territórios no 3º mundo, terra arável.

Enquanto yuppies apostam no Farmville. Isto acontece enquanto as pessoas no 1º mundo foram, regra geral, ensinadas a desdenhar a vida rural, mas passam o tempo a fazer apostas com quintas virtuais na Internet.

“Land grabs” por todo o 3º mundo – Biocombustíveis, REDD.

Terras alienadas para land trusts.

“Land grabs”, roubos de terra arável, tornou-se prática comum. Por todo o 3º mundo, muitas das pessoas mais pobres do mundo têm sido expulsas das suas terras, para dar lugar a investidores estrangeiros.

África, América Latina, Sudeste Asiático.

Técnicas – violência, terrorismo público-privado. Expulsões violentas de populações, usando mercenários, muitas vezes em colaboração com forças policiais e militares. Recorrendo a intimidação, ataques físicos, destruição de colheitas, massacres de gado, demolição de casas, incêndio de povoações; até assassinatos.

PROPÓSITO 1 – Biocombustíveis.

PROPÓSITO 2 – Mecanismos tipo REDD, incluíndo negócios madeireiros. A saga lucrativa por terra arável em África e América do Sul vale milhões a companhias de comércio de carbono, que criam espaços florestais REDD, com o propósito de vender créditos de carbono a outras multinacionais que, depois, se limitam a passar os custos ao consumidor. No final, a madeira em si pode ser vendida.

Plantar árvores → vender créditos de carbono → e, ultimamente, vender a madeira.

“Land grabs” – Uganda – REDD.

NFC – apoiada por Banco Mundial e HSBC – Carbon trading através de REDD. New Forests Company [NFC], companhia britânica apoiada pelo Banco Mundial e pela

HSBC. Companhia de carbon trading através de mecanismos REDD. Ou seja, captura terras em África, floresta-as e depois vende créditos de carbono nos mercados.

Concessões florestais em Uganda, Tanzânia, Moçambique, Ruanda. Licenças para florestar no Uganda, Tanzânia, Moçambique e Ruanda. Em 2005, o governo do Uganda garante à New Forests uma licença de 50 anos para crescer florestas de pinheiros e eucaliptos.

Expulsão coerciva de mais de 20.000 Ugandeses. Desde então, a companhia já expulsou forçosamente mais de 20.000 pessoas das suas casas, com o apoio de forças policiais e militares do Uganda.

Terror e violência – "They had to burn the village to save it from global warming". Técnicas utilizadas – terror e violência. Expulsões violentas, com intimidação, espancamentos, destruição de colheitas, massacres de gado, demolição e incêndio de casas. Por exemplo, num caso reportado pela Oxfam, "forças de segurança" armadas atacaram uma aldeia, intimidando e espancando várias pessoas. Como forma de pressão, incendeiam casas o que, num dos casos, resulta num infanticídio. Por fim, simplesmente forçaram a expulsão de toda a população local e queimaram a aldeia. Como foi dito por uma representante da Oxfam: «*They had schools, health centres, churches, permanent homes, and farms on which they grew crops to feed themselves and surpluses to sell at market. They paid taxes. Theirs were strong and thriving permanent communities*». O governo e a companhia disseram que os habitantes estavam lá ilegalmente, e que a expulsão tinha sido por uma boa causa: para proteger o ambiente e ajudar a combater aquecimento global.

"Land grabs" – Honduras – Biocombustíveis.

Agricultores assassinados em disputa de terras. Bajo Aguán, no norte das Honduras. Assassinato de 23 agricultores, a sangue frio, conduzidos por mercenários contratados por algumas das companhias locais, que operam em cumplicidade com oficiais policiais e militares.

Biocombustíveis, CDM. Os agricultores procuravam impedir que as suas terras fossem arrestadas por uma corporação que pretendia usar a terra para produzir biocombustíveis [óleo de palma]. Novos "proprietários" acreditados pelo UN CDM.

OAKLAND INSTITUTE – "Land grabs" aumentam volatilidade alimentar.

Financeiros apostam em vastas aquisições de terra. Hedge funds e outras firmas e especuladores externos têm vindo a aumentar a volatilidade de preços e a insegurança produtiva, no sistema alimentar. Esta foi a conclusão de um relatório do Oakland Institute, "*Understanding Land Investment Deals in Africa*", que relata como estas

agências têm vindo a adquirir vastas extensões de terra africana – apenas em 2009, isto foram 60 milhões de hectares, uma área do tamanho da França.

Contratos inválidos e corrompidos. A larga generalidade dos contratos subjacentes são inválidos, resultados de corrupção sistémica.

Isenções fiscais, direitos ilimitados sobre recursos. Os contratos habitualmente assinados dão uma vasta gama de incentivos a estes especuladores, de isenções fiscais a direitos ilimitados sobre a utilização de água.

Desruralização e deslocalização de tribos para bairros de lata. As aquisições forçaram a expulsão de milhões de pequenos agricultores e de tribos, das suas terras ancestrais. Estas pessoas são deslocalizadas para bairros de lata em cidades gigantescas.

Consolidação sobre mercados globais de comida. Isto está a dar controlo sobre os mercados globais de comida a estas firmas financeiras.

Biocombustíveis e flores em vez de comida – desestabilização de preços. A produção de comida está a ser substituída por coisas como biocombustíveis e flores exóticas, o que é um passo decisivo para aumentar a escassez na produção de comida e desestabilizar os preços.

Citações do Oakland Institute.

"Está a criar insegurança alimentar global – ameaça maior que terrorismo".

«*This is creating insecurity in the global food system that could be a much bigger threat than terrorism*» Oakland Institute, "Understanding Land Investment Deals in Africa"

"Os mesmos protagonistas da recessão global".

"Preparam-se para fazer o mesmo com o mercado global de comida".

"Em África – deslocalizações, devastação ambiental, instabilidade política".

«*The same financial firms that drove us into a global recession by inflating the real estate bubble through risky financial maneuvers are now doing the same with the world's food supply… In Africa this is resulting in the displacement of small farmers, environmental devastation, water loss and further political instability such as the food riots that preceded the Tunisian and Egyptian revolutions*» Anuradha Mittal, executive director of the Oakland Institute

OXFAM (2011) – Roubo de terras no 3º mundo – Biocombustíveis, florestas.

Expansão exponencial de investimento em terra no 3º mundo. Em países em vias de desenvolvimento, mais de 227 milhões de hectares de terra – uma área com a dimensão

da Europa Ocidental – foram vendidos ou concessionados [leased] desde 2001, essencialmente para investidores estrangeiros.

Cenários habituais de land grabs – Uganda, Indonésia, Honduras, Guatemala, Sudão. A Oxfam analisa em detalhe cinco cenários habituais de land grabs: Uganda, Indonésia, Honduras, Nicarágua, Sul do Sudão.

África – biocombustíveis e flores. A investigação que a Oxfam conduziu sobre Etiópia, Gana, Mali, Moçambique, Senegal e Tanzânia revelaram que a maioria dos negócios de terras em África são para comodidades de exportação – coisas como biocombustíveis e flores [cut flowers].

Etiópia, Gana, Mali, Moçambique, Senegal e Tanzânia.

Sul do Sudão – biocombustíveis, projectos florestais. Entre 2007 e 2010, aquisição de pelo menos 2.64 milhões de hectares (26,400 km²) para agricultura, biocombustíveis e projectos florestais.

Indonésia – biocombustíveis. Indonésia, palco de conflitos frequentes sobre terras. Conjuntamente com a Malásia, produz cerca de 85% do óleo de palma do mundo.

OXFAM (2011) – Tendências globais de aquisição selvagem – Biocombustíveis.

É frequente, "dispossession, deception, violation of rights, livelihood destruction".

"Land deals, often intended to produce for foreign food and biofuel markets".

"Land grabs… conflict, loss of food security, livelihoods, homes, and futures".

"Govts align with investors – low land prices, even help clear people from the land".

"Major pressure for biofuel production, a major cause of food price rises, insecurity".

«*The recent record of investment in land… too many investments have resulted in dispossession, deception, violation of human rights, and destruction of livelihoods. Without national and international measures to defend the rights of people living in poverty, this modern-day land-rush looks set to leave too many poor families worse off, often evicted from their land with little or no recourse to justice… The land deals are very often intended to produce for foreign food and biofuel markets. They can often rightly be called 'land grabs'… Where evictions have already taken place, the picture is bleak: conflict and loss of food security, livelihoods, homes, and futures. Most of those affected have received little or no compensation and have struggled to piece their lives back together, often facing higher rents, few job opportunities, and risks to their health… governments seem to have aligned themselves with investors, welcoming them with low land prices and other incentives, and even helping to clear people from the land… Production of non-food agricultural products is also expanding, from traditional goods, such as textiles, timber, and paper, to modern products like biofuels and 'bio-*

plastics' … there is now major pressure on land for biofuel production, constituting a major cause of food price rises and food insecurity» [OXFAM. "Land and Power: The growing scandal surrounding the new wave of investments in land". Oxfam Briefing Paper 151, 22 September 2011]

OXFAM (2011) – Biocombustíveis – África ocidental, América Latina.

<u>Rápida expansão de biocombustíveis leva a centenas de conflitos sobre terra</u>.

<u>Segurança alimentar e acesso a recursos naturais, ameaçados por plantações</u>.

<u>América Latina e África Ocidental, a nova fronteira para óleo de palma</u>.

«*The rapid expansion of palm oil production across the world has led to hundreds of conflicts over land with local communities, as their food security and access to natural resources are threatened by oil palm plantations. Latin America and West Africa are palm oil's new frontier*»

<u>Na América Latina, etanol e óleo de palma leva a land-grabbing, violência</u>.

Colômbia – vasto sector de biodiesel, palco habitual para conflitos de propriedade.

Tendência a espalhar-se para Honduras, Guatemala.

Na Guatemala, etanol e biodiesel levam a nova vaga de despossessão de terras.

Os alvos, terras indígenas e campesinas.

«*In Latin America, historically a continent of extremely unequal distribution of land, income, and power, and of violent conflict over land, the expansion of sugar cane and oil palm for biofuel production is associated with brutal land-grabbing and violence… While Colombia is generally known for its large oil palm sector and associated problems, the trend is spreading to other countries, including Honduras and Guatemala. Guatemala has been discovered internationally as a suitable area for biofuels production, both for ethanol (sugar cane) and biodiesel (oil palm). This has given rise to a new wave of land dispossession, targeting the few remaining indigenous and peasant lands*» [OXFAM. "Land and Power: The growing scandal surrounding the new wave of investments in land". Oxfam Briefing Paper 151, 22 September 2011]

BIOCOMBUSTÍVEIS

Crise alimentar de 2008 – Genocídio energizado por biocombustíveis.

Preços da comida dependentes de biocombustíveis [energia] agravam fome e miséria. Com os preços da comida ligados aos preços da energia, e a terra agrícola a ser convertida da produção de comida para a produção de combustível, o resultado só pode ser o aumento de preços e um gigantesco aumento dos níveis de fome no 3º mundo. Logo, isto veio agravar o problema da morte por desnutrição junto de populações pobres, como resultado da substituição do cultivo de comida em nome da produção de biocombustíveis.

Crise alimentar de 2008 atinge 3º mundo com força genocida. Com efeito, foi um factor determinante na duplicação recente dos preços da comida.

Fome, miséria, greves, motins, morte em massa. Consequências particularmente nefastas no 3º mundo, em países como Haiti, Egipto, Filipinas, Moçambique. Nestes países houve motins por causa dos preços da comida.

Haiti – Crise alimentar leva a motins, alimentação à base de lama. O Haiti é um bom exemplo, onde a duplicação dos preços da comida veio resultar em fome, pobreza, morte, com partes substanciais da população a serem forçadas a recorrer ao nível de comer lama. [Poor Haitians Resort to Eating Dirt – National Geographic]

África em geral – Fome e morte em massa.

Norte de África – Motins, despoletador da **Arab Spring**. Um dos motivos económicos por detrás da elevada adesão popular às revoluções árabes.

Jean Ziegler (ONU) – Etanol na Suazilândia, crime contra humanidade. Jean Ziegler, observador especial da ONU [UN special rapporteur].

Alocação de milhares de hectares de terra arável para etanol, sob fome. Classificou como «*a crime against humanity*» a alocação de milhares de hectares de terra arável para produção de etanol na Suazilândia, o que aconteceu apesar de o país estar a ser afectado por fome.

Biocombustíveis e crise alimentar de 2008 – Zoellick, Banco Mundial – Motins.

Robert Zoellick, Presidente do Banco Mundial, Abril de 2008.

Trocar colheitas alimentares por biocombustíveis leva a aumento drástico de preços. Admite que a substituição de colheitas alimentares por etanol e outros biocombustíveis estava a ser determinante para o aumento drástico dos preços de comida.

A par e passo com especulação em comodidades. Isto entrava a par e passo com a especulação nos mercados de comodidades.

“Biofuels, a significant contributor”.

“Programs in EU and US for biofuel have contributed to food price increases”.

«*Biofuels is no doubt a significant contributor… It is clearly the case that programs in Europe and the United States that have increased biofuel production have contributed to the added demand for food*» [“World Bank Chief: Biofuels Boosting Food Prices”. NPR, April 11, 2008]

Tudo isto estaria a expressar-se numa situação de emergência. Tudo isto estaria a gerar uma «*emergency situation*».

Em paralelo – Motins no Haiti e no Egipto, greve geral no Burkina Faso. Nesta altura, o aumento drástico dos preços de comida leva a motins no Haiti e no Egipto, e a uma greve geral no Burkina Faso.

Em paralelo – Banco Mundial projecta mais aumentos devidos a biofuels. Pela mesma altura, o Banco Mundial projectava que os preços da comida iriam continuar altos, ou ascender ainda mais, e que os biocombustíveis eram um factor determinante para essa tendência.

Biocombustíveis – EU estimula produção selvagem com ETS, 2008.

Em plena crise alimentar, EU institucionaliza genocídio.

EU Renewable Energy Directive (2008). Em Dezembro de 2008, é aprovada a EU Renewable Energy Directive, requerindo que cada estado-membro passe a cumprir 10% das suas necessidades de combustível para transportes a partir de renováveis até 2020. A directiva também estabelecia critérios de sustentabilidade para biocombustíveis, obrigando o bloco a assegurar pelo menos 35% das suas reduções em emissões de carbono a partir de biocombustíveis, por comparação com combustíveis fósseis. Esse valor sobre para 50% a partir de 2017 e para 60% a partir de 2018.

Produção de biofuels recompensada com créditos ETS.

Biocombustíveis – VÍDEO.

MONCKTON – “Pessoas já estão a ser mortas pela crença no aquecimento global”.

Abutres já estão a lucrar da morte de pessoas.

Al Gore deveria ser colocado em frente ao International Criminal Court.

monckton - genocide, biofuels, nuremberg code 20100104 (it already is killing tens of millions – biocombustíveis a aumentar os preços da comida – as pessoas estão a ser mortas pela crença no AGW – estes profiteers estão a lucrar da morte de pessoas – Al

Gore deveria ser colocado em frente ao International Criminal Court, e seria provavelmente condenado à morte)

COFFMAN – Disrupção do fornecimento de comida para pop redux.

coffman - university genocidalists, **food supply** (2ª parte)

TARPLEY – COP15 e a duplicação do preço da comida para 3º mundo.

tarpley - carbon tax cop15, 2x preço **comida** para 3ºmundo

REDD

REDD – Kyoto e Bali – "Combater desflorestação com mercado".

Deriva de Kyoto, para trancar agricultura e "combater desflorestação". Esta obscenidade é oferecida, sob Kyoto, como uma das principais estratégias de mitigação de carbono aos países em vias de desenvolvimento, em nome da 'protecção ambiental', de 'evitar desflorestação'. O programa está mascarado de programa de protecção de florestas mas o alvo real é a exploração agrícola de solos.

REDD, criado em Bali, sob os auspícios da UNFCCC, com um vasto fundo global. Sob os auspícios da UNFCCC, que administra o CDM. REDD significa Reducing Emissions for Deforestation in Developing countries. Com isto foi criado um vasto fundo global para aplicação neste domínio.

REDD – Uma iniciativa de grandes consórcios globalistas.

ONU, Banco Mundial, bancos, hedge funds, multinacionais, fundações. O REDD é uma iniciativa provinda da ONU e do Banco Mundial, e suportada por hedge funds, bancos, empresas, fundações, ONGs e por aí fora.

WWF, essencial no panorama REDD. Uma das grandes forças de sustentação disto é a fundação com origens bancárias WWF.

Banco Mundial e WWF geram a Global Forest Alliance. Um dos cartéis desenvolvidos à volta do REDD, e das oportunidades de negócio que oferece, é a Global Forest Alliance, formada em 2007 pelo Banco Mundial e pela WWF, com um financiamento inicial de $250 milhões do Banco Mundial.

REDD – Torna vastas zonas de terra arável em “carbon sinks”.

Alvo real – a exploração agrícola de solos. O programa está mascarado de programa de protecção de florestas mas o alvo real é a exploração agrícola de solos.

Exploração agrícola liberta 20% de emissões humanas de CO2 para atmosfera. O REDD baseia-se no pressuposto de que a exploração agrícola liberta 1/5, 20%, de todas as emissões humanas de CO2 para a atmosfera – o que é um facto, já que as camadas superiores do solo armazenam bastante CO2 atmosférico.

Substituir exploração agrícola por carbon sinks. Portanto, dizem estas personagens, há que sacrificar essa exploração agrícola em nome da criação de “carbon sinks”, ou seja, “reservatórios de carbono”, que correspondem a vastas extensões de solo deixado não-explorado e deixado absolutamente selvagem.

REDD – Emissão de créditos de carbono a partir de “carbon sinks”.

Estados podem trancar uso de terra arável e receber créditos em troca. Portanto, estas políticas de alienação de solo agrícola podem ser usadas por países para reduzir as suas 'pegadas de carbono', significando que o estado toma poder sobre a exploração que um agricultor faz das suas terras.

→ O caso de Peter Spencer. Foi o que aconteceu com Peter Spencer, por exemplo, que perdeu a capacidade de explorar 90% dos seus 20.000 hectares de terra, por ordem do governo australiano, e fez greve de fome em resposta a isto. Só na Austrália, a exploração de 109 milhões de hectares de solo agrícola foi restrita.

Estados, empresas, fundações, recebem créditos por adesão a REDD. Estados, empresas, e fundações recebem dinheiro, na forma de créditos de carbono, por não permitirem o abate de 'florestas' ou 'matas'. As partes envolvidas em Kyoto acordaram que árvores no hemisfério sul podiam ser contadas como “carbon sinks”, e que fossem emitidos créditos de carbono relativos às mesmas.

Créditos transaccionados nos mercados – CO2 não emitido como base de computação. Ou seja, a não-exploração de terras permite que um país ou uma empresa recebam créditos de carbono, que podem depois vender nos mercados internacionais. Para a computação, é contabilizada a quantidade de CO2 que seria teoricamente lançada para a atmosfera.

REDD – Consolidação produtiva e comercial.

REDD visa consolidação comercial.

PMAs substituídos por mega-companhias. Sob o REDD, pequenos e médios produtores são colocados fora de negócio por pretextos ambientais, abrindo o caminho aos grandes produtores, que têm dinheiro para comprar compensações de carbono, carbon offsets, para produzir.

REDD – WWF faz rentabilizar o REDD na Amazónia, com terra oferecida.

WWF e ONGs recebem concessão sobre àreas amazónicas. Em 2002, o governo brasileiro montou as suas Áreas Protegidas da Região Amazónica (Amazon Region Protected Areas project), suportado por quase $80 milhões em financiamento. Deste dinheiro, $18 milhões foram dados à WWF pela Gordon & Betty Moore Foundation (EUA), outros $18 milhões às suas parceiras ONGs brasileiras pelo governo brasileiro, mais $30 milhões do Banco Mundial.

Administração sob "desenvolvimento sustentável" – turismo, etc. O objectivo seria o de colocar as ONGs, lideradas pela WWF, a administrar porções da floresta tropical brasileira para assegurar tanto que fossem deixadas sozinhas (uma parte), ou geridas "sustentavelmente", i.e., permitindo "desenvolvimento sustentável" (isto é, com exploração turística e outras).

WWF e parceiros recebem $60B em créditos. A área amazónica contemplada tem o dobro da dimensão da Suiça. O WWF e os seus parceiros ganham o direito de comercializar $60 biliões em créditos de carbono nos mercados, como offsets. Portanto o efeito geral é simplesmente o de tornar a WWF e os seus parceiros muito mais ricos.

REDD – Vídeos.

MONCKTON – REDD na Austrália – UN, terra arável como carbon sink, por créditos.

monckton - redd in australia 20100104 (O governo fez um acordo com a UN a designar a terra arável australiana como um carbon sink, em troca de créditos. Isso significa que milhares de agricultores não podem cultivar os terrenos)

AL GORE – REDD, para proibir utilização do primeiro metro de solo.

al gore - redd & soils (fala de proibir a utilização do primeiro metro de solo)

Conservacionismo e eco-colonialismo

Conservacionismo e eco-colonialismo – Reservas naturais.

Tendência crescente para eco-colonialismo. Ao longo das últimas duas décadas, especialmente, houve a tendência crescente para confiscar vastas porções de terra no 3ºmundo, em nome de “salvar o planeta”.

Transformar vastas porções do 3º mundo em “reservas naturais”, “áreas protegidas”. Por meio de protocolos ambientais e acordos especiais, os governos nacionais destes países transformam vastas regiões em supostas “reservas naturais” e “áreas protegidas”.

Direitos de exploração concessionados a sociedades de conservação. A administração e os direitos comerciais sobre estes parques naturais e áreas protegidas são depois entregues como concessões, por estes governos de 3º mundo, à gestão de fundações e de sociedades de conservação, como a Conservation International, a WWF e a Nature Conservancy.

As sociedades de conservação são braços incrivelmente ricos da banca. As sociedades de conservação sempre funcionaram como braços da banca de investimento.

Empreendimentos comerciais, entre os maiores proprietários de terras no planeta. Estão entre os maiores proprietários de terras do planeta. São empreendimentos comerciais com outro qualquer, mas com o melhor slogan comercial de todos: “salvar o planeta”.

Exploração comercial das “reservas protegidas”. Estes grupos podem depois explorar estes espaços comercialmente, contratar segurança privada, montar os seus próprios empreendimentos comerciais, como hotéis e piscinas, e ditar o que pode ou não ser feito dentro dos parques, pelos grupos que os têm como terras ancestrais.

Exemplo: WWF, longo historial de parceria com madeireiros. A WWF tem um historial de parcerias com companhias madeireiras, que podem usar o logo do panda para exercer o seu negócio em florestas concessionadas. [How WWF works with the logging companies]

Expulsão dos “poluidores” – tribos e pequenos agricultores. Depois, podem também expulsar os poluidores. Quem são estes poluidores? Na generalidade dos casos, são tribos e famílias de pequenos agricultores.

Cercas, mercenários armados, violência. Recorre a cercas, segurança privada contratada, o que inclui mercenários armados, e violência dirigida contra habitantes locais.

Destruição de modos de vida, violações de direitos humanos. Expulsões forçadas, violações de direitos humanos e a destruição de modos de vida, como resultado directo da conservação na região. Muitas pessoas ficam proibidas de caçar, cortar árvores,

minar pedra, fazer plantações e, de modo geral, interferir de qualquer modo que seja com o ecossistema.

Alguns povos nativos expulsos, pelo mundo fora. No Botswana, tribos inteiras de Bosquímanes (Bushmen) foram expulsos da sua terra ancestral, que foi transformada num parque natural privado. Na Índia, o mesmo aconteceu com os nómadas Gujjar do Uttar Pradesh. O mesmo aconteceu com tribos inteiras nos Camarões, no Ruanda, nas Filipinas, Quénia, Papua Nova Guiné.

→ ***Sob REDD – Quénia, Papua Nova Guiné***. Como já está a acontecer no Quénia e na Papua Nova Guiné, onde os modos de vida destes povos já foram bastamente prejudicados pelo REDD.

Tribos deslocalizadas tornam-se nómadas, ou vão para megacidades. As tribos são deslocadas das suas terras ancestrais e tornam-se nómadas, ou são deslocalizadas para bairros de lata nas grandes cidades.

Paralelo claro com feudalismo europeu. Aqui, tem de ser estabelecido um paralelo com o velho romantismo germânico, e feudalismo europeu, durante o qual a floresta tinha de ser salvaguarda da presença de camponeses e pessoas rudes desse género, para que a alta aristocracia a pudesse usar, para caçar veados e raposas, e ouvir concertos de trovadores.

O velho colonialismo era mais honesto – era bruto e directo. O que os velhos governos coloniais não conseguiram fazer, pela força das armas, é agora feito, pela força do dinheiro. O tradicional colonialismo era mais honesto, porque assumia que procurava o controlo de recursos.

Eco-colonialismo usa força do dinheiro e recorre a pretextos. O colonialismo actual, por outro lado, tem de encontrar pretextos plausíveis, como salvar gorilas ou espécies protegidas de plantas.

REDD dá novo fôlego a conservacionismo. O que o REDD faz é dar um novo fôlego, e uma capa de legitimidade, a estas práticas neo-coloniais.

“Serviço voluntário obrigatório” – Discurso Jim Lehrer.

Discurso de Jim Lehrer no “drum beat” geral para “serviço voluntário obrigatório”. [***Jim Lehrer (2006). “A Call to Service”. Harvard Magazine***] Jim Lehrer, jornalista de carreira, discurso em Harvard, publicado na Harvard Magazine. O discurso é em 2006. Faz parte do blitz mediático que está a haver nessa altura, para “serviço voluntário obrigatório” (i.e. *serviço comunitário forçado, que também é, tecnicamente, trabalho forçado*) nos EUA (propostas similares na UE).

Colapso económico gradual – revolução comunitária – Standards laborais 3º mundo. Isso acaba por dar origem ao GIVE Act, que instaura as provisões para esse tipo de serviço. O colapso económico gradual traz a revolução comunitária que traz o sistema de trabalho compulsivo da comuna de 3º mundo: limpa as ruas e faz este e aquele trabalho para a autoridade municipal, recebes os teus “créditos sociais” no final do dia.

Serviço nacional para resolver desconecções, responsabilidade, alegria e júbilo. « *I believe we should consider adopting some form of national service. No, not a return to the military draft, something entirely different, and completely new for us. National service in its fullest meaning. My reasons have to do mostly with what I see as an urgent need to address the growing state of disconnection we have in our country today… our mutual responsibilities to serve… the joys and satisfactions… lifting ourselves away from our own needs… to pay attention to those of others… trying to find a way that involves every one of us*»

“I am grateful my country forced me to serve my country… good for democracy”. «*I am grateful my country forced me to serve my country… My three years of service connected me to the rest of the world, the world outside myself, and the connection has been permanent. The experience also left me with a firm conviction that beyond the benefits to individuals, connecting and connections are essential for our democratic society to work*»

Desde caridade e varrer ruas até policiamento e trabalhos sujos. «*I would submit one way is service itself… that can mean the Peace Corps, a teacher corps, a conservation corps, a police corps, a hospital-aid corps, a tutor corps, a Big Brother/Big Sister corps, a coping corps, a pick-up-the-trash corps, as well as the Marine Corps…*»

“É claro que deve ser mandatório”. «*In order to be fair, should it be mandatory? No exemptions, no permanent deferments, everyone eventually serves? Should it apply across the board: men, women, all physical and intellectual sizes and abilities included? What should be the age parameters? Should there be a way to involve not just the young? Should it be constructed around choices, each individual choosing the form of service, military or specific civilian, he or she wishes? Should it be developed in partnership with private and corporate resources as well as governmental?... Others would argue that for it to really work politically, it must be voluntary… But voluntary service is what we have now… I know for a fact I would not have*

voluntarily gone into the Marine Corps 50 years ago. I would have gone directly from my commencement ceremony to a job… Trust me, I was a much better reporter then because of how I spent those intervening three years. And a much better person…»

“Tied to GI Bill type program?” – hoje, isto são créditos sociais. «*Should it be tied to a G.I. Bill-type program? Service earns education, home, and other benefits—in addition to the benefits of connection, and of the soul*»

“Shantytowns are the new, green pioneer cities”: Urbanismo sustentável para o século neo-colonial

Charles: Dharavi é o modelo sustentável para o mundo.

Charles declara Dharavi, bairro de barracas, como modelo sustentável para mundo.

O que é Dharavi.Dharavi é mostrada num documentário do Channel 4, feito pela altura em que Charles faz a sua proclamação.

Walkable, com saltos entre as tubagens de esgoto – os ratos acham o mesmo. A shantytown é muito walkable, com percursos estreitos, não-iluminados, repletos de lixo e com tubagens de esgoto a céu aberto. As crianças brincam ao lado destas tubagens, que desaguam depois para a ribeira local, e essa ribeira é a fonte da água potável para a shantytown. As ratazanas também acham Dharaviwalkable; no documentário, são mais que as mães.

"Urbanismo denso" i.e. 600 mil empilhados em 500ha, em barracas degradantes. As pessoas vivem em barracas miseráveis sem quaisquer condições de sanitação. As barracas são feitas com lixo, usando pedaços de chapa e de plástico, cartão, caixas velhas e outros. São usados materiais como amianto, que é cancerígeno. Estão empilhadas umas em cima das outras, tal como as pessoas –Dharavi é um ambiente extremamente sobrepopulado.

Ausência de sanitação, ribeira/esgoto é também fonte de água potável. As pessoas estão expostas a todo o género de pragas e doenças, a par e passo com a falta de nutrição. As casas de banho são comunitárias (tal como a rua, é aí que as pessoas costumam aliviar-se) e é preciso fazer fila para ter acesso.

Doenças e pragas – morte precoce de muitos. De cada vez que há uma monção, metade da shantytown é destruída, com as inundações das águas adjacentes (o esgoto potável); essas inundações trazem consigo todo o género de doenças e de pragas. Imensa gente morre.

Emprego acessível a pé, na lixeira de Mumbai ou na sweatshop da máfia local. A principal fonte de emprego é a recolha de lixo, na mega-lixeira de Mumbai, para venda a companhias de reciclagem – as pessoas fazem a selecção do lixo e são pagas uns tostões por isso. É também aqui que as pessoas obtêm os seus "locallyobtainedbuildingmaterials", como Charles lhes chama. Também existem umas quantassweatshops no bairro, geridas pela máfia local. Os principais empregados nestas oficinas são crianças.

Verde é a cor do colapso orgânico. Dharavi é bastante verde, e esse verde é o real verde de sustentabilidade, i.e. o verde da doença crónica e do colapso orgânico.

Charles e Dharavi (2): A proclamação neo-colonial.

A proclamação imperiosa de Charles, no Guardian. Título, “Charles declares Mumbai shanty townmodel for the world”. Isto é anunciado com toda a pompa e vigor de uma proclamação de um monarca absoluto, e isso é algo de perfeitamente natural quando o proclamador é Charles, um dos patriarcas do ScottishRite e uma das pessoas mais poderosas do planeta. Quando alguém como Charles faz uma proclamação deste género, isso não é apenas uma imbecilidade proveniente de um chefe de crime organizado, afligido por perturbações mentais; é uma agenda que ***faz*** política e ***vai*** ser seguida.

Conferência em St. James Palace [um sítio bastante luxuoso].

Eventopara yuppies: “planners, charity workers, government officials”.

Patrocinadapela Foundation for the Built Environment, de Charles.

Fundação envolvida em projectos coloniais, em Freetown, Kingston, New Orleans.

«*The prince was addressing a conference at St James's Palace organised by his Foundation for the Built Environment. The charity is attempting to involve local people in the redesign of slum areas in Freetown in Sierra Leone, Kingston in Jamaica and impoverished areas of New Orleans which were hit by Hurricane Katrina… planners, charity workers and government officials*»

“Dharavi é sustentável, melhor que modelo ocidental para expansão urbana”.

“Underlying intuitive grammar of design” [o encantogeométrico do esgoto].

“Use of local materials, walkable neighbourhoods, mix of employment and housing”.

“Better than brutal and insensitive process of globalisation… monoculture”.

[Não, é só mesmo a fase seguinte deste processo, em que Charles é determinante].

[Charles prefere monocultura colonial tipo East India Co, i.e. baseada em miséria pura].

«*The Mumbai shanty town… offers a better model than does western architecture for ways to house a booming urban population in the developing world, Prince Charles said yesterday. Dharavi, a Mumbai slum where 600,000 residents are crammed into 520 acres, contains the attributes for environmentally and socially sustainable settlements for the world's increasingly urban population, he said. The district's use of local materials, its walkable neighbourhoods, and mix of employment and housing add up to "an underlying intuitive grammar of design that is totally absent from the faceless slab blocks that are still being built around the world to 'warehouse' the poor"… The prince, who visited Dharavi in 2003, said the adaptation of traditional settlements would deliver "more durable gains than those delivered through the present brutal and insensitive process of globalisation that is shaping so many aspects of how we live"… developing local urban design rather than "a single monoculture of globalisation"*»

“Ocidente tem de aprender com jóias comunitárias como Dharavi”.

“Such communities have a built-in resilience and genuinely durable ways of living”.

“Western buildings use too much power, wouldn’t be affordable for us” [quem é “us”?].

“In India the population has gone beyond all control” [istosemdúvidareduzpopulação].

«*"I strongly believe that the west has much to learn from societies and places which, while sometimes poorer in material terms are infinitely richer in the ways in which they live and organise themselves as communities," he told planners, charity workers and government officials. "It may be the case that in a few years' time such communities will be perceived as best equipped to face the challenges that confront us because they have a built-in resilience and genuinely durable ways of living…" "Many developing countries look to the west as a model but that cannot be the model. These [western] buildings use too much power and would not be affordable for us. In India the population has gone beyond all control and it is wrong to expect western development to help us."*»

Artigo no Guardian, sob “Art and Design”, “Global Development”. Este artigo aparece no Guardian sob “Global Development” e “Artand Design”. Os jornalistas e as hienas verdes responsáveis deveriam ir todos passar uns meses a Dharavi, para uma experiência em “development” e “artanddesign”.

“Charles declares Mumbai shanty townmodel for the world”, Robert Booth, The Guardian, Friday 6 February 2009.

Charles e Dharavi (3) – Artigo coadjuvante de um yuppie.

Edifícios em Dharavi usam “locallysourcedmaterials” [**lixo**].

“Residents are employed in nearby businesses”[**workshops da máfia, lixeira de Mumbai**].

“Theyusuallywalk to work” [saltitam por entreratos e tubagens de esgoto descoberto].

“However the district has only 1 lavatory for every 1,400 residents” [algumasanidade!].

“Many slum dwellers have to use the local river, leading to the spread of infectious diseases”.

[A ribeira local é o esgoto de Dharavi e também a fonte de água potável].

«*Buildings in the district use locally sourced materials, whilst residents are employed in nearby businesses and usually walk to work… However, the Prince failed to note that the district has only one lavatory for every 1,400 residents. Many slum dwellers have to use the local river instead – leading to the spread of infectious diseases*»[“Shanty towns sustainable future of urban design”, David Masters, Fair Home, February 9, 2009]

“Shanty Towns Are the New, Green Pioneer Cities” – Yuppies can write.

“Shanty Towns Are the New, Green Pioneer Cities” – o habitat humano, i.e, **reserva**.

“Cities draw people away from subsistence farming, ecologically devastating”.

[Stalin não se lembrou desta, para limpar agricultores independentes e só deixar mega/agros].

É dado o exemplo das cidades high-tech, como as experiências no Golfo.

Mas esse é o foot in thedoor para o real modelo, “slums, favelas, squattercities”.

Stewart Brand citado como autor da ideia (que não é).

“A solution to poverty” [pura psicose dialéctica, criar pobreza para acabar com pobreza].

“70% of people will live in cities by 2050 – 3 billion in squatter settlements”.

«*During a recent talk at MIT, the urbanist scholar Anthony Flint said, “Cities are the greenest form of human settlement humans can aspire to…” My interpretation of the statement turns on “aspire to.” Cities today may not be green (and by contrast, perhaps even less green than at other times in the past) but all things being equal, it is better for the environment to have 50,000 people living within a 50 square mile city than those same people spread across 500 square miles. Through effective planning, efficient energy distribution, and elegant design, cities can serve the complex basket of needs of its citizens far better than dispersed rural communities can serve those same needs… metro area residents have a smaller carbon footprint… New “model cities” – for example the much discussed Norman Foster project, Masdar City in the UAE – are promising to be “zero carbon and zero waste” …many of the inhabitants of these new urban zones occupy informal settlements on the outskirts. Achieving densities that may rival the vertical development that characterizes the urban core of many cities, these shanty towns – slums, favelas, squatter cities – are neither green, nor what most humans aspire to… Shanty Towns Are the New, Green Pioneer Cities… So says Stewart Brand…thinkers like Stewart Brand see these slums as the world’s solution to poverty… Squatter cities, “the cities of tomorrow,” as Robert Neuwirth calls them, are emerging nodes of innovation and enterprise. They are centers of opportunity. And, says Mr Brand is a recent Wired Magazine interview, cities draw people away from subsistence farming, “which is ecologically devastating” …if 70 percent of people will live in cities by 2050 – and if 3 billion of them are living in squatter settlements – how will we confront the challenges of energy production, water supply, waste management and food production that are truly “green”?*»

“Shanty Towns Are the New, Green Pioneer Cities”, “lhtorres”, MIT Ideas Global Challenge Notebook, October 27, 2009, [http://mitpsc.mit.edu/globalchallenge/?p=162].

Charles e Dharavi (4) – “Living in filth is no lifestyle choice”.

A voz da razão, por SadhviSharma, escritor de Mumbai, Spikedonline.

Dados sobre a concentração populacional em Dharavi.

“Charles’s veneration of Dharavi… a unique and spiritually superior lifestyle”.

“…reeks of ignorance, backward romanticisation of poverty” [é meroódio anti-humano].

“Dharavi people live there because they do not have any better alternative”.

«*Charles’s veneration of Dharavi, as if it holds the secret to a unique and spiritually superior lifestyle, not only reflects a complete rejection of development for those impoverished people who still aspire to it - it also reeks of ignorance and a backward romanticisation of poverty. This prince, brought up in the lap of luxury, somehow imagines that quaint, poor Indians are predisposed to living in filth… In Dharavi, which is located in the heart of Bombay, over 600,000 people are crammed in to just over 500 acres of space that lacks decent civic amenities. They live there because they do not have any better alternative – like living in those ‘faceless slab blocks’, for example, that the prince so derides… A recent survey… established that a central area of Dharavi (Chamra Bazaar) contained densities of up to 336,643 people per square kilometre! Assuming a population of 700,000, the population density in Dharavi would be around 314,887 per square kilometre. This is 11 times as dense as Mumbai as a whole (the most densely populated city in the world, with 29,500 people per square kilometre) and more than six times as dense as daytime Manhattan (about 50,000 people per square kilometre).’*»

“Shacks handmade with ‘local’ materials: asbestos sheets, cardboard, plastic sheets, etc.”

“In the monsoons, the ‘walkable neighbourhoods’… waist-high water, disease, death”.

«*The fact that people live and work in such conditions is not some form of cultural expression, as Prince Charles imagines, but the outcome of impoverishment and a lack of adequate infrastructure. There is nothing laudable about living in flimsy shacks handmade with ‘local’ materials, like asbestos sheets, cardboard, plastic sheets and pieces of cloth. And in the monsoon period, the ‘walkable neighbourhoods’ of Bombay that the prince imagines are so pleasant to stroll along become even more picturesque settings, as men and women have to wade through knee-high, sometimes even waist-high, water. Spilling over from the drains, the water carries a stinking blend of human and animal waste, bringing diseases such as dengue fever, leptospirosis and cholera which claim the lives of many inhabitants of those ‘walkable neighbourhoods’ every year…*»

“Charles should send William to Dharavi to experience all the joys of crude poverty”.

“A very spiritual experience, with invaluable lessons in green community living”.

«*…instead of building a proposed 8,500-square feet, five-bathroom environmentally friendly house for his son William, perhaps Charles should send the young prince to Dharavi where he can experience the joys of sharing a queue every morning to use a toilet, or even better, squat on the roadside as many Bombayites still have to do. This would be a very spiritual experience for William, I’m sure, with invaluable lessons in green community living…*»

“Living in filth is no lifestyle choice”, **Sadhvi Sharma**, Spiked online, February 10, 2009.

Charles e Dharavi (5) – "Living in filth is no lifestyle choice" (cont.) – Sustentabilidade.

"What is desired by Charles and other elitists as 'sustainable living' is just stark poverty".

"Westerners admonished for wanting more".

"All others encouraged to stay poor, to keep to their 'traditional' way of life".

"'Sustainable development', 'organic farming' are just trendy terms for poverty".

"They dress up backbreaking work as something positive and rewarding".

"Living in a slum is not a lifestyle choice, nobody makes a song about open drains".

«*What is lauded by Prince Charles and other members of the Western elite as 'environmentally sustainable living' is just plain, stark poverty, and this is made to seem acceptable, even desirable, by the likes of the ranting prince. These people's rejection of development means not only that people in the West are admonished for wanting more, but also that those in the developing world are encouraged to stay poor, to keep to their 'traditional' way of life. Trendy terms like 'sustainable development' and 'organic farming' are just new words for poverty, which dress up backbreaking work as something positive and rewarding… Giving poverty a cultural hue makes it seem acceptable, and even suggests that people living in conditions that would be unbearable for Westerners have some sort of natural inclination to endure a poor standard of living… There is no green sentimentality attached to the narrow lanes, dingy rooms, and open drains running outside their homes. Living in a slum is not a lifestyle choice, and nobody makes a song and dance about bonding in the toilet queues. People just get on with their lives, and what bonds them all is the aspiration for a better one*» ["Living in filth is no lifestyle choice", **Sadhvi Sharma**, Spiked online, February 10, 2009]

Charles e Dharavi (6) – Cinismo e prostituição intelectual.

O incrível cinismo de Charles e dos prostitutos académicos colocados a trabalhar nisto. Charles é um dos maiores proprietários de terras do planeta, e alguém que nunca – ***nunca*** – passaria uma noite num sítio como Dharavi. O mesmo acontece para os vários prostitutos intelectuais que são colocados a trabalhar neste tipo de projectos anti-humanos, pela ONU e pelas grandes fundações (ver pontos abaixo). Mas deveriam; uns meses em Dharavi, ou nas favelas do Rio, ou nos centros de narcotráfico de Medellín. Destes sicofantes, deveria ser exigido que provassem do próprio remédio (da sua droga eutanasista), antes de o tentarem impor como obrigatório às massas da humanidade.

UN-Habitat, Brand e a magia da shantytown, *ou* a frameworkparaUN Agenda 21.

O perfil de Stewart Brand.

Tratante ambiental – Stanford– “Merrypranksters” (i.e. nihilismo terrorista).

Circuito das fundações bancárias: The Long Now Foundation – Global Business Network.

Uma boa casa flutuante em San Francisco.«*Stewart Brand is one of the world’s most influential—and controversial—environmentalists… graduating in biology from Stanford University, California, in 1960, he became involved with… writer Ken Kesey’s “merry pranksters” …Brand’s hugely influential Whole Earth Catalog, a counterculture guide to self-sustainable, communal living… Co-founder of The Long Now Foundation and the Global Business Network, Brand lives on a houseboat in San Francisco Bay*»

“Shanty Towns Are the New, Green Pioneer Cities”, “lhtorres”, MIT Ideas Global Challenge Notebook, October 27, 2009, [http://mitpsc.mit.edu/globalchallenge/?p=162].

A magia da shanty town, segundo Stewart Brand.

“Intense, proud communities” são “walkable”, “dense”, “everyone minds others’ business”. Usa o seupequenoaglomerado de casas flutuantes, na San Francisco Bay, paraextrairosprincípiosquefazemuma “intense, proud community” funcionar:«*…a community of 400 houseboats and a place with the densest housing in California… no one locked their doors. Calthorpe[arquitecto] looked for the element of design magic that made it work, and concluded it was the dock itself and the density. Everyone… passed each other on foot daily… All the residents knew each other’s faces and voices and cats. It was a community, Calthorpe decided, because it was walkable*»

Calthorpe, colega de Brand, escreve “RedefiningCities” para vender “novo urbanismo”.

“High density, mixed use, walkability, mass transit, eclectic design, regionalism”.

[Isto é o conceito regional e urbano dos regimes ***totalitários***, comunismo e fascismo].

Depois, o charlatanismo pseudo-ecológico.

“City dwellers consume less land, energy, water, produces less pollution”.

«*Calthorpe became one of the founders of the new urbanism, along with Andrés Duany, Elizabeth Plater-Zyberk and others. In 1985 he introduced the concept of walkability in “Redefining Cities,” an article in the Whole Earth Review… Since then, new urbanism has become the dominant force in city planning, promoting high density, mixed use, walkability, mass transit, eclectic design and regionalism…In his 1985 article, Calthorpe made a*

statement that still jars with most people: "The city is the most environmentally benign form of human settlement. Each city dweller consumes less land, less energy, less water, and produces less pollution than his counterpart in settlements of lower densities."»["How slums can save the planet", Stewart Brand, Prospect Magazine, January 27, 2010]

A magia da shantytown, segundo a ONU.

UN-Habitat publica The Challenge of Slums (2003).

37 case studies in slums… successful, cheaper, poverty reduction" [maispsicosedialéctica].

They look chaotic, butalsoorganic [e são, esgotos a céu aberto têm muita matéria orgânica].

Unexpectedly green… maximum density… minimum energy, material use.

People get around by foot, bicycle, rickshaw, or the universal shared taxi.

«*The reversal of opinion about fast-growing cities, previously considered bad news, began with The Challenge of Slums, a 2003 UN-Habitat report. The book's optimism derived from its groundbreaking fieldwork: 37 case studies in slums worldwide… "Cities are so much more successful in promoting new forms of income generation, and it is so much cheaper to provide services in urban areas, that some experts have actually suggested that the only realistic poverty reduction strategy is to get as many people as possible to move to the city."*»

Urban density allows half of humanity to live on 2.8% of the land.

80% of humanity may live on 3 per cent of the land by 2050 – that's so efficient.

UN (2004): Concentração urbana reduz custos (e comunitarização acaba com sector público).

Campaign… green the hell out of growing cities [certamente, transformá-lasem green hells].

«*Urban density allows half of humanity to live on 2.8 per cent of the land. Demographers expect developing countries to stabilise at 80 per cent urban, as nearly all developed countries have. On that basis, 80 per cent of humanity may live on 3 per cent of the land by 2050. Consider just the infrastructure efficiencies. According to a 2004 UN report: "The concentration of population and enterprises in urban areas greatly reduces the unit cost of piped water, sewers, drains, roads, electricity, garbage collection, transport, health care, and schools." In the developed world, cities are green because they cut energy use; in the developing world, their greenness lies in how they take the pressure off rural waste… The point is clear: environmentalists have yet to seize the opportunity offered by urbanisation. Two major campaigns should be mounted: one to protect the newly-emptied countryside, the other to green the hell out of the growing cities*»["How slums can save the planet", Stewart Brand, Prospect Magazine, January 27, 2010]

Mais magia da shantytown, segundo Brand.

Slums são centros de inovação, com as suas populações jovens e dinâmicas.

Jaime Lerner, Brazilian mayor: “Allow informal sector [i.e. máfia] to take over downtown”.

«*There are plenty more ideas to be discovered in the squatter cities of the developing world, the conurbations made up of people who do not legally occupy the land they live on—more commonly known as slums… their mainly young populations test out new ideas unfettered by law or tradition. Alleyways in squatter cities, for example, are a dense interplay of retail and services—one-chair barbershops and three-seat bars interspersed with the clothes racks and fruit tables. One proposal is to use these as a model for shopping areas. “Allow the informal sector to take over downtown areas after 6pm,” suggests Jaime Lerner, the former mayor of Curitiba, Brazil. “That will inject life into the city.”*»

“Not everything is efficient – favelas, they steal electricity and leave their lights on all day”.

[Esse é o drama; não o facto de as favelas serem centros de violência e pobreza].«*Noteverythingisefficient in theslums, though. In the Brazilian favelas where electricity is stolen and therefore free, people leave their lights on all day*»

“The magic of squatter cities – they are improved by their residents”.

[Essencial, com serviço comunitário obrigatório a ser carta muito importante para o futuro].

“Recycling is literally a way of life – e.g. Dharavi, Vietnam, Mozambique”.

“Even a book on the subject: The World’s Scavengers (2007)”.

“Lagos, Nigeria, has an environment day…nobody drives, the city tidies itself up”.

“Urbansquatters, thegreenestofall” [certamente os com pele mais verde, os mais doentes].

«*The magic of squatter cities is that they are improved steadily and gradually by their residents. To a planner’s eye, these cities look chaotic. I trained as a biologist and to my eye, they look organic. Squatter cities are also unexpectedly green. They have maximum density—1m people per square mile in some areas of Mumbai—and have minimum energy and material use. People get around by foot, bicycle, rickshaw, or the universal shared taxi…in most slums recycling is literally a way of life. The Dharavi slum in Mumbai has 400 recycling units and 30,000 ragpickers. Six thousand tons of rubbish are sorted every day. In 2007, the Economist reported that in Vietnam and Mozambique, “Waves of gleaners sift the sweepings of Hanoi’s streets, just as Mozambiquan children pick over the rubbish of Maputo’s main tip. Every city in Asia and Latin America has an industry based on gathering up old cardboard boxes.” There’s even a book on the subject: The World’s Scavengers (2007) by Martin Medina. Lagos, Nigeria, widely considered the world’s most chaotic city, has an environment day on the last Saturday of every month. From 7am to 10am nobody drives, and the city tidies itself up… urban squatters and slum dwellers, which score as the greenest of all [certamenteaquelescom pelemaisverde, osmaisdoentes]*»

Usar zoningcodes para compactar pessoas – Taxas para cortar uso de automóveis. «*...urban compactness.New zoning rules can be used to allow people to live and work closer together. Taxes can cut car use*»

"Urbanfarming", i.e. porcos e galinhas em apartamentos, etc. – miserabilismo comunal.«*One idea that could be transferred from squatter cities is urban farming. An article by Gretchen Vogel in Science in 2008 enthused: "In a high-tech answer to the 'local food' movement, some experts want to transport the whole farm shoots, roots, and all to the city. They predict that future cities could grow most of their food inside city limits, in ultraefficient greenhouses… A farm on one city block could feed 50,000 people with vegetables, fruit, eggs, and meat. Upper floors would grow hydroponic crops; lower floors would house chickens and fish that consume plant waste…"*»["How slums can save the planet", Stewart Brand, Prospect Magazine, January 27, 2010]

Shanty towns, the good and the bad (o ugly nãointeressa).

Têm negócios (máfia), inovação (esquemas), educação (qual?), diversão (prostituição etc).

Concentram crime, poluição, doença, injustiça.

"Recent earthquake in Haiti demonstrates danger of slums".

[Mas matou pessoas e reduziu população global, e isso é bom, para estas hienas].

"They are transformative… suave, urbane [e mais nonsense]… the green city is our future".

Depois, lista com as vantagens das slums de Bangkok, Rio, Medellín.

"Os pobres têm bastante poder de compra[vamos usar isso contra eles]".

«*Of course, fast-growing cities are far from an unmitigated good. They concentrate crime, pollution, disease and injustice as much as business, innovation, education and entertainment. The recent earthquake in Haiti demonstrates the danger of slum buildings. But if they are overall a net good for those who move there, it is because cities offer more than just jobs. They are transformative: in the slums, as well as the office towers and leafy suburbs, the progress is from hick to metropolitan to cosmopolitan, and with it everything the dictionary says that cosmopolitan means: multicultural, multiracial, global, worldly-wise, well travelled, experienced, unprovincial, cultivated, cultured, sophisticated, suave, urbane… the green city is our future… LIFE IN THE WORLD'S SLUMS… In Bangkok's slums, most homes have a colour television—the average number is 1.6 per household. Almost all have fridges, and two-thirds have a CD player, washing machine and a mobile phone. Half of them have a home telephone, video player and motorcycle. (From research for UN report The Challenge of Slums.)Residents of Rio's favelas are more likely to have computers and microwaves than the city's middle classes (Janice Perlman, author of The Myth of Marginality.)In the slums of Medellín, Colombia, people raise pigs on the third-floor roofs and grow vegetables in used bleach bottles hung from windowsills. (Ethan Zuckerman, Berkman Center for Internet and*

Society at Harvard Law School.) [etêmculturas de coca emtodo o lado, o quetambém é muitodinâmico e transformativo] The 4bn people at the base of the economic pyramid—all those with [annual] incomes below $3,000 in local purchasing power—live in relative poverty… Yet they have substantial purchasing power… [and] constitute a $5 trillion global consumer market» [“How slums can save the planet”, Stewart Brand, Prospect Magazine, January 27, 2010]

TedCruz e as shantytowns de Tijuana como modelo sustentável para 1º mundo.

“Shantytowns as inspiration for urban developments”.

TedCruz, arquitecto, a desenvolver “low-incomehousing” em San Ysidro, California, NY.

Inspiração nas shantytowns de Tijuana.

A GOOD fala-nos do projecto.

Uma das organizações a promover esta forma de criminalidade.

*Slogans como “GOOD | Ideas for Progress” e “**Shantytown, USA**”.*

*“Homes [**people**] will be jammed together” – “People share resources” [**Comunitarismo**].*

*“Make use of every last scrap” [**Pobreza**] – “Look out for each other” [**Stasi**].*

“Sweat equity… community service for rent credits” [diz o comissário do Gulag].

David Pescovitz, director do Institute for the Future. Este David Pescovitz, autor do artigo, é o co-editor e managingpartner do Boing Boing e é também um research director para o Institute for the Future, um think-tank muito importante nestes circuitos.

«*Architext Teddy Cruz is planning low-income housing developments in San Ysidro, San Diego, California and Hudson, New York that are inspired by shantytowns in Tijuana, Mexico… From GOOD: Homes will be jammed together, with any leftover space commandeered by taco stands, market stalls, and gathering places... Behind the precariousness of low-income communities, says Cruz, there is a sophisticated social collaboration: People share resources, make use of every last scrap, and look out for each other... The model also accounts for sweat equity, allowing people who help with construction to gain rent credits for their work*» [“Shantytowns as inspiration for urban developments”, David Pescovitz, Boing Boing, January 5, 2009]

Tijuana é uma das cidades mais perigosas do planeta.

Shantytowns de Tijuana: viveiros de destruição humana, paraísos de crime organizado.

Modelos úteis para gangs académicos envolvidos na reconversão do 1ºmundo para 3º. As shantytowns de Tijuana são viveiros de crime organizado, dominadas por drogas, prostituição, raptos, homicídios. Tijuana é uma das cidades mais perigosas do planeta. Vai-se a uma shantytown de Tijuana quando se quer cometer suicídio. Estes sítios são paraísos das máfias locais, envolvendo as habituais parcerias público/privadas com polícia, exército e outras organizações criminosas, domésticas e estrangeiras (EUA, Grã-Bretanha, entre outros). É claro que são bons case studies para gangs de professores associados, na reconversão das sociedades ocidentais para 3º mundo.

A dialéctica comunitária que é aqui invocada [neo-feudalismo].

Dialécticacomunitária: “gated community” vs shanty town.Um típico con game dialéctico. A solução humanamente *decente* está em habitações independentes. Essa opção é colocada de parte quando as pessoas são habituadas a estreitar as suas perspectivas para *comunitarismo* urbano. Aqui vamos ter o choque dialéctico entre “gatedcommunities” e “shantytowns”. As primeiras são para pessoas ricas e para quadros técnicos, especialistas; estão aqui para ficar. As segundas sãopara tudo o resto, aqueles que são vistos como o “junkmaterial” do gene pool humano. Escolher entre opções inumanas A ou B. Comunas de relativa qualidade (do ponto de vista material) versus comunas de péssima qualidade.«*This neighborhood in Tijuana, is for the architect Teddy Cruz, an example of a type of suburbia that is the opposite of the gated communities that have proliferated in the United States, defined by alienation*».

Aplicação do princípio medieval de autoritarismo comunitário, sob pós-modernismo. É claro que este princípio comunitário, com aglomeração humana e fortificação do aglomerado é o padrão para o futuro, aquilo a que oInstitute for StrategicStudies chama de New Dark Age. Na era medieval, toda a actividade humana era regida por autoritarismo, concentrada em centros fortificados e em comunas miserabilísticas. É precisamente por isso que o mesmo padrão está a ser seguido para a desconstrução da civilização, sob pós-modernismo.

NY Times: “Shantytowns as a New Suburban Ideal”.

“Cruz dá visitas guiadas às shanties a mais yuppies, e.g. antropólogos, planeadores urbanos”.

“Ideias de Cruz aplicam-se a subúrbios no Midwest, reconstrução de New Orleans”.

“An antidote to gated communities, fortified corporate towers, shopping enclaves”.

“The mix… a richer, more vibrant landscape… a spirited answer to alienation”.

Os destroços comunitários de Cruz.

“Houses built out of concrete blocks, sheets of metal, used garage doors, discarded crates”.

Barracas construídas sobre maus suportes de concreto [num terramoto…pufff!]

Têm pequenas loggias no meio – sine qua non de feudalismo.

Single-storyblocks muito flexíveis, i.e. maus e frágeis.

Serviços comunitários – para serviço comunitário (como na prisão).

«*TIJUANA, Mexico — Teddy Cruz has been shuttling between suburban San Diego and the shantytowns of Tijuana for more than a decade now. From anthropologists to urban planners eager for an insider's view, visitors pepper him endlessly with requests for tours… Mr. Cruz has found a humane model for rethinking America's suburbs… his ideas could be applied to the new immigrant suburbs of the Midwest or the flood-ruined neighborhoods of New Orleans… He has been pushing that vision as an antidote to the gated communities that have sprouted from Southern California to Israel to mainland China in recent years…global boom in gated suburbs, fortified corporate towers and self-contained shopping enclaves…Tijuana's labyrinthine ghettos, cobbled from the residue of a wealthier echelon. As Tijuana has expanded into the hilly terrain to the east, squatters have fashioned an elaborate system of retaining walls out of used tires packed with earth. The houses jostling on the incline are constructed out of concrete blocks, sheets of corrugated metal, used garage doors and discarded packing crates — much of it brought down by local contractors and wholesalers from across the border…he takes a special delight in places where free-spirited forms and conventional ones overlap. One of the strangest sights in Tijuana is a row of vintage California bungalows resting atop a hollow one-story steel frame. Once destined for demolition across the border, they were loaded on trucks and brought south by developers who have sold them to local residents.To squeeze them into tight lots, many homeowners mount them on frames so they can use the space underneath for shops, car repair and the like. On one site, a pretty pink bungalow straddles a narrow driveway between two existing houses, as if a child were casually stacking toy houses… Mr. Cruz sees the mix as a richer, more vibrant landscape — a spirited answer to the alienation that many of us associate with conventional American suburbs… For years now he has been refining a design for a 12-unit housing proposal in San Ysidro, an immigrant community in suburban San Diego, in cooperation with a local advocacy group known as Casa Familiar. The design is conceived as a frame for future development, with a block-long semipublic loggia as its centerpiece. The loggia will function as a shared communal space for markets, festivals and other social events… an informal and flexible social organism… The single-story blocks are covered by long uniform roofs that tip up at certain points to create space for what Mr. Cruz calls "prodigal apartments" — single units where extended family members can stay. A full-time day care center is also part of the elderly phase…*» [“Shantytowns as a New Suburban Ideal”, Nicolai Ouroussoff, NY Times, March 12, 2006]

Fotos do mundo utópico de Cruz.